

PATRÍSTICA

AMBRÓSIO DE MILÃO

Explicação dos símbolos • Sobre os sacramentos
Sobre os mistérios • Sobre a penitência



PAULUS

AMBRÓSIO DE MILÃO

- Explicação do símbolo
- Sobre os sacramentos
- Sobre os mistérios
- Sobre a penitência



Índice

APRESENTAÇÃO

INTRODUÇÃO

1. O homem

2. O episcopado

3. Escritos

a) Obras exegéticas

b) Obras morais

c) Canto litúrgico

d) Obras dogmáticas

4. A morte de Ambrósio

BIBLIOGRAFIA

EXPLICAÇÃO DO SÍMBOLO

SOBRE OS SACRAMENTOS

I LIVRO

II LIVRO

III LIVRO

IV LIVRO

V LIVRO

VI LIVRO

SOBRE OS MISTÉRIOS

SOBRE A PENITÊNCIA

I LIVRO

II LIVRO

APRESENTAÇÃO

Surgiu, pelos anos 40, na Europa, especialmente na França, um movimento de interesse voltado para os antigos escritores cristãos e suas obras conhecidos, tradicionalmente, como “Padres da Igreja”, ou “Santos Padres”. Esse movimento, liderado por Henri de Lubac e Jean Daniélou, deu origem à coleção “Sources Chrétiennes”, hoje com mais de 300 títulos, alguns dos quais com várias edições. Com o Concílio Vaticano II, ativou-se em toda a Igreja o desejo e a necessidade de renovação da liturgia, da exegese, da espiritualidade e da teologia a partir das fontes primitivas. Surgiu a necessidade de “voltar às fontes” do cristianismo.

No Brasil, em termos de publicação das obras destes autores antigos, pouco se fez. Paulus Editora procura, ago-ra, preencher este vazio existente em língua portuguesa. Nunca é tarde ou fora de época para se rever as fontes da fé cristã, os fundamentos da doutrina da Igreja, especialmente no sentido de buscar nelas a inspiração atuante, transformadora do presente. Não se propõe uma volta ao passado através da leitura e estudo dos textos primitivos como remédio ao saudosismo. Ao contrário, procura-se oferecer aquilo que constitui as “fontes” do cristianismo para que o leitor as examine, as avalie e colha o essencial, o espírito que as produziu. Cabe ao leitor, portanto, a tarefa do discernimento. Paulus Editora quer assim, oferecer ao público de língua portuguesa, leigos, clérigos, religiosos, aos estudiosos do cristianismo primevo, uma série de títulos, não exaustiva, cuidadosamente traduzidos e preparados, dessa vasta literatura cristã do período patrístico.

Para não sobrecarregar o texto e retardar a leitura, procurou-se evitar anotações excessivas, as longas introduções estabelecendo paralelismos de versões diferentes, com referências aos empréstimos da literatura pagã, filosófica, religiosa, jurídica, às infindas controvérsias sobre determinados textos e sua autenticidade. Procurou-se fazer com que o resultado desta pesquisa original se traduzisse numa edição despojada, porém, séria.

Cada autor e cada obra terão uma introdução breve com os dados biográficos essenciais do autor e um comentário sucinto dos aspectos literários e do conteúdo da obra suficientes para uma boa compreensão do texto. O que interessa é colocar o leitor diretamente em contato com o texto. O leitor deverá ter em mente as enormes diferenças de gêneros literários, de estilos em que estas obras foram redigidas: cartas, sermões, comentários bíblicos, paráfrases, exortações, disputas com os heréticos, tratados teológicos vazados em esquemas e categorias filosóficas de tendências diversas, hinos litúrgicos. Tudo isso inclui, necessariamente, uma disparidade de tratamento e de esforço de compreensão a um mesmo tema. As constantes, e por vezes longas, citações bíblicas ou simples transcrições de textos escriturísticos, devem-se ao fato que os Padres escreviam suas reflexões sempre com a Bíblia numa das mãos.

Julgamos necessário um esclarecimento a respeito dos termos patrologia, patrística

e padres ou pais da Igreja. O termo patrologia designa, propriamente, o estudo sobre a vida, as obras e a doutrina dos pais da Igreja. Ela se interessa mais pela história antiga incluindo também obras de escritores leigos. Por patrística se entende o estudo da doutrina, as origens dessa doutrina, suas dependências e empréstimos do meio cultural, filosófico e pela evolução do pensamento teológico dos pais da Igreja. Foi no século XVII que se criou a expressão “teologia patrística” para indicar a doutrina dos Padres da Igreja, distinguindo-a da “teologia bíblica”, da “teologia escolástica”, da “teologia simbólica” e da “teologia especulativa”. Finalmente, “Padre ou Pai da Igreja” se refere a um escritor leigo, sacerdote ou bispo, da antiguidade cristã, considerado pela tradição posterior como um testemunho particularmente autorizado da fé. Na tentativa de eliminar as ambigüidades em torno desta expressão, os estudiosos convencionaram em receber como “Pai da Igreja” quem tivesse estas qualificações: ortodoxia de doutrina, santidade de vida, aprovação eclesiástica e antiguidade. Mas, os próprios conceitos de ortodoxia, santidade e antiguidade são ambíguos. Não espere o leitor encontrar neles doutrinas acabadas, buriladas, irrefutáveis. Tudo estava ainda em ebulição, fermentando. O conceito de ortodoxia é, portanto, bastante largo. O mesmo vale para o conceito de santidade. Para o conceito de antiguidade, podemos admitir, sem prejuízo para a compreensão, a opinião de muitos especialistas que estabelece, para o Ocidente, a Igreja latina, o período que, a partir da geração apostólica, se estende até Isidoro de Sevilha (560-636). Para o Oriente, a Igreja grega, a antiguidade se estende um pouco mais até a morte de s. João Damasceno (675-749).

*Os “Pais da Igreja” são, portanto, aqueles que, ao longo dos sete primeiros séculos, foram forjando, construindo e defendendo a fé, a liturgia, a disciplina, os costumes, e os dogmas cristãos, decidindo, assim, os rumos da Igreja. Seus textos se tornaram fontes de discussões, de inspirações, de referências obrigatórias ao longo de toda tradição posterior. O valor destas obras que agora Paulus Editora oferece ao público, pode ser avaliado neste texto: “Além de sua importância no ambiente eclesiástico, os Padres da Igreja ocupam lugar proeminente na literatura e, particularmente, na literatura greco-romana. São eles os últimos representantes da Antiguidade, cuja arte literária, não raras vezes, brilha nitidamente em suas obras, tendo influenciado todas as literaturas posteriores. Formados pelos melhores mestres da Antiguidade clássica, põem suas palavras e seus escritos a serviço do pensamento cristão. Se excetuarmos algumas obras retóricas de caráter apologético, oratório ou apuradamente epistolar, os Padres, por certo, não queriam ser, em primeira linha, literatos, e sim, arautos da doutrina e moral cristãs. A arte adquirida, não obstante, vem a ser para eles meio para alcançar este fim. (...) Há de se lhes aproximar o leitor com o coração aberto, cheio de boa vontade e bem disposto à verdade cristã. As obras dos Padres se lhe reverterão, assim, em fonte de luz, alegria e edificação espiritual” (B. Altaner; A. Stuiber, *Patrologia*, S. Paulo, Paulus, 1988, pp. 21-22).*

A Editora

INTRODUÇÃO

1. O homem

O homem conhecido como santo Ambrósio de Milão é, na verdade, gaulês descendente de gregos como se pode inferir de seu nome e do de seu irmão, Urânio Sático. Nasceu em Tréveros, por volta de 334¹, onde seu pai exercia alta função na administração do império romano. Depois de residir em Roma por muito tempo, onde se encontrava entre as mais ricas e nobres famílias, seu pai foi posto por Constantino à frente da prefeitura da Gália². Seu pai faleceu logo após seu nascimento. Sua mãe, então, retornou à Roma com os três filhos: Marcelina, Sático e Ambrósio. Em Roma, recebeu a formação dos nobres romanos, estudando gramática, literatura grega e romana, retórica e direito. Não lhe faltaram ainda a frequência ao circo e ao teatro. Ao lado dessa formação, recebeu, também, educação religiosa, destinada aos catecúmenos, ministrada pelo sacerdote Simpliciano, futuro sucessor de Ambrósio na sede de Milão. A influência deste sacerdote sobre Ambrósio foi tão marcante que santo Agostinho o chamava de “pai do bispo Ambrósio, segundo a graça” (*Conf.* VIII,2).

Terminados os estudos, Ambrósio partiu para Sírmio, onde iniciou, com seu irmão, a carreira de advogado do tribunal da prefeitura. Sexto Petrônio Probo, prefeito do pretório, o nomeou, em 370, membro de seu conselho, e depois de alguns anos, *consularis*, isto é, governador da província da Emília e Ligúria, com sede em Milão. Na época, Milão era a segunda cidade da Itália, encruzilhada dos caminhos para a Gália e Constan-tinopla.

Com a morte do bispo Auxêncio, ariano, acirrou-se a disputa pela vaga entre arianos³ e católicos romanos. Para assegurar a ordem na eleição, Ambrósio compa-receu, pessoalmente, na qualidade de prefeito da polícia. Tinha, então, 40 anos. Agiu com tamanha eficácia, controlou os ânimos das facções com tanta moderação que os partidos opostos se uniram para elegê-lo bispo⁴. Reconhecendo na unanimidade a vontade de Deus, Ambrósio aceitou o cargo, não depois de muitas tentativas de recusa. É ainda catecúmeno. Prepararam-se as cerimônias do batismo (cf. *Vita*, 9). Na semana seguinte, recebeu as ordens e foi consagrado bispo a 7 de dezembro de 374 (*Epist.* 63,65).

2. O episcopado

Como bispo, evitou prudentemente as controvérsias dogmáticas. Sob orientação ainda de seu antigo preceptor, Simpliciano, mergulhou nos estudos das Sagradas Escrituras. Lia assiduamente os autores antigos e contemporâneos, especialmente os gregos. Procurou reformar, interiormente, o clero. Para isso escreveu, sob o modelo da obra homônima de Cícero, o *Sobre o ofício dos ministros*. Em pouco tempo, capacitou-se para a pregação a tal ponto que o próprio Agostinho se admirava de sua interpretação alegórica das Escrituras. Suas exposições sobre o valor da virgindade provocaram um movimento

religioso em toda a Itália⁵. Renunciou a seus bens em favor da Igreja e dos pobres, levando vida ascética exemplar (cf. *Vita*, 38). Ele mesmo preparava os catecúmenos para o batismo, iniciava-os nas celebrações pascais, na compreensão dos ritos. Consagrava-se dia e noite aos deveres de seu ministério.

As recordações que santo Agostinho deixou escritas nas *Confissões* podem nos ajudar a compreender sua figura de bispo: “Considerava o próprio Ambrósio homem realizado segundo o espírito do mundo, homenageado pelos poderosos; somente seu celibato parecia duro de suportar. Quanto às suas esperanças, suas lutas contra as tentações de grandeza, suas consolações nas adversidades, as saborosas alegrias que experimentava ao ruminar o vosso pão com a boca misteriosa do seu coração, de tudo isso eu não fazia idéia nem tinha experiência. (...) O pouco tempo que não estava ocupado com elas (pessoas carregadas de problemas), Ambrósio o empregava restaurando o corpo com o sustento necessário, ou alimentando a alma com leituras. Ao ler, corria os olhos pelas páginas: a mente penetrava o significado, enquanto a voz e a boca se calavam. Muitas vezes, ao entrarmos (pois a ninguém era proibido o ingresso nem precisava anunciar-se), o víamos lendo, sempre em silêncio (...) e depois nos afastávamos, pensando que durante o pouco tempo que lhe restava para restabelecer a mente, livre dos problemas alheios, não quisesse ser distraído por outras coisas” (*Conf.* VI,3). E para completar as informações sobre esta figura, este modelo mais completo de episcopado cristão, Agostinho, testemunha pessoal, acrescenta: “Assim que cheguei a Milão, encontrei o bispo Ambrósio, conhecido no mundo inteiro como um dos melhores, e teu fiel servidor. Suas palavras ministravam constantemente ao povo a substância do teu trigo, a alegria do teu óleo e a embriaguez sóbria do teu vinho. (...) Comecei a estimá-lo, a princípio, não como mestre da verdade (...), mas como homem bondoso para comigo. Acompanhava assiduamente suas conversas com o povo, não com a intenção que deveria ter, mas para averiguar se sua eloquência merecia a fama de que gozava, se era superior ou inferior à sua reputação. Suas palavras me prendiam a atenção. (...) Eu me encantava com a suavidade de seu modo de discursar; era mais profundo, embora menos jocoso e agradável do que o de Fausto quanto à forma” (*Conf.* V,13). É especialmente a Ambrósio que Agostinho deve sua conversão e foi dele que recebeu o batismo.

Pela Páscoa de 381, o imperador transfere sua residência de Tréveros para Milão. A partir de então, desenvolve sempre mais estreita colaboração com Ambrósio. Por outro lado, seu campo de atividade se alarga cada vez mais, desdobrando-se pelo zelo por sua diocese, em numerosos contatos com bispos da Itália, fundando novas dioceses, ordenando novos bispos (*Epist.* 63). Sua autoridade moral é ilibada e reconhecida pelos inimigos. Por isso, seu desempenho nos relacionamentos políticos é cheio de êxito. Em todos os problemas, acaba sempre vencendo, impondo sua opinião. É assim no caso de sua vitória contra a imperatriz Justina e seu filho Valentiniano que queriam uma igreja para os cristãos arianos. Quando o imperador Teodósio ordena o massacre de Tessalônica, no qual foram mortas mais de 700 pessoas, Ambrósio é o único que, numa conduta corajosa, fez frente recriminando a crueldade do imperador. Quando este, mesmo advertido por carta de Ambrósio, quis entrar na igreja acompanhado de sua

corte, Ambrósio o impediu com autoridade e valentia: “Não ousaria, em sua presença, oferecer o sacrifício divino”. Como o imperador recal-citrasse e invocasse o exemplo de Davi, Ambrósio o recriminava publicamente e lhe perguntava se aquela boca que ordenara tão cruel massacre era digna de receber a hóstia sagrada. Convidava-o a imitar Davi não só no pecado, mas, também, na penitência, pois “o pecado só nos é tirado pelas lágrimas e pela penitência” (*Carta 51*)⁶. Na luta contra o paganismo agonizante, venceu o prefeito Símaco de Roma e o próprio senado romano que pleiteavam a reintrodução da estátua da deusa Vitória, na sala do senado (cf. *Cartas 17 e 18*).

3. *Escritos*

Apesar de sua imensa atividade pastoral, Ambrósio encontrava tempo suficiente para escrever seus ensinamentos, dando origem a uma grande série de obras nas diversas áreas: exegese, ética, oratória, epistolar e hino-lógica. Essas obras revelam a amplitude de seus interesses e de suas preocupações.

A maior parte de suas obras é constituída de sermões. Mais que preocupação teológica, elas revelam um esforço pastoral. Os estudiosos de Ambrósio dizem que sua doutrina está em inteira dependência da dos Padres gregos e que, conseqüentemente, não é pensador original nem escritor de primeira grandeza. Contudo, é pensador sempre nutrido do fervor religioso. Seu estilo é vivaz, pleno de metáforas, antíteses e alegorias. Seu latim muito elegante, denso e conciso.

a) Obras exegéticas

Ainda como não batizado, escreveu um comentário aos 4 livros dos Reis e fez tradução do *Sobre a guerra judaica* de Flávio Josefo.

Hexameron é uma obra em seis livros, celebrando a beleza da criação. Inspirada na obra de S. Basílio traz, inclusive, o mesmo título. Sua exegese é alegórica, em dependência direta da escola de Alexandria, especialmente de Orígenes. Sente-se ainda as influências das idéias estoicas.

Exposição do evangelho segundo Lucas, composta em 390, se constitui das prédicas dominicais de muitos anos. É sua obra mais longa. Novamente, a influência de Orígenes é evidente. Os capítulos I e II o copiam praticamente.

b) Obras morais

Não se encontra nele um tratado moral, mas é como moralista que bebeu muito nas fontes estoicas que combate a avareza e a luxúria. Insiste sobre o caráter administrativo da propriedade privada. Admite da moral estoica o que representa de valor universal humano. De acordo com o costume da Igreja antiga, admite a penitência pública uma só vez. Insurge-se contra o rigorismo dos novacianos⁷. Combate os que querem repetir amiúde a penitência, pois, se fizessem verdadeira penitência, não pensariam em renová-la com freqüência. Mas há, também, uma penitência particular, sem intervenção da Igreja (*Sobre a penitência* I,16; II,10) pelos pecados leves (*delicta leviora*).

c) Canto litúrgico

É ainda santo Agostinho quem narra as origens do canto ambrosiano: “Não havia muito tempo que a igreja de Milão começara a adotar o consolador e edificante costume de celebrar com grande fervor os ritos com o canto dos fiéis, que uniam num só coro as vozes e o coração.

Havia um ano ou pouco mais que Justino, (...) perseguia teu servo Ambrósio, por causa da heresia com que fora seduzido pelos arianos. A multidão dos fiéis velava na igreja, pronta a morrer com seu bispo, teu servo. Minha mãe, tua serva, pelo zelo era das primeiras nas vigílias: ela passava aí horas inteiras em oração. Também nós, embora ainda fracos espiritualmente, participávamos da consternação e emoção do povo. Foi então que começou o uso de cantarem hinos e salmos como os orientais, a fim de que os fiéis não se acabrunhassem com o tédio e a tristeza. Esse uso subsiste até hoje e foi imitado pela maior parte das comunidades de fiéis, espalhadas por todo mundo” (*Conf.* IX,15).

Ambrósio compunha hinos para sua comunidade. O “metro ambrosiano” (oito estrofes de 4 linhas) foi exemplo para os séculos seguintes. É-lhe atribuída, mas não se pode confirmar, a autoria do *Te Deum*.

d) Obras dogmáticas

O imperador Graciano, ainda jovem, pediu a Ambrósio que o esclarecesse sobre a fé cristã. Seu tio Valentiniano era ariano. Queria ser esclarecido especialmente sobre o dogma da divindade do Verbo. Ambrósio responde-lhe por um tratado sobre a fé: *Sobre a fé para Graciano Augusto*, em cinco livros, no qual confessa: “Gostaria muito mais de exortar sobre a fé, do que discutir sobre ela. Exortar à fé, é uma profissão, discuti-la revela antes uma imprudente presunção” (Prólogo). Em 381, escreveu um tratado sobre a *Encarnação do Senhor*, dirigido contra os arianos. No mesmo ano, enquanto se realizava o Concílio de Constantinopla, escreveu novamente a Graciano um tratado *Sobre o Espírito Santo*. Inspirando-se na teologia grega, afirma a identidade da essência do Espírito Santo com o Pai e o Filho. Assim, embora não sendo teólogo, contribuiu para a teologia trinitária. Sua terminologia prepara as formas definitivas para Agostinho. Na cristologia, é o primeiro, no ocidente, que se opõe a Apolinário de Laodicéia⁸. Sua terminologia sobre as duas naturezas perfeitas, unidas na pessoa divina de Cristo foram assumidas pelos Concílios de Éfeso (431) e de Calcedônia (451). Quanto ao batismo, Ambrósio insiste sobre o valor do batismo de desejo. Na oração fúnebre de Valentiniano, pronuncia um testemunho de valor sobre esta questão: “Compreendo que lamenteis porque ele não recebeu o sacramento do batismo: (...) não tem a graça aquele que a desejou? Não tem, aquele que pediu? E porque ele a pediu, a recebeu” (*Oração fúnebre de Valentiniano* II,51-53). Na *Oração fúnebre de Teodósio*, delineou o ideal da unidade entre sacerdócio e império. No *Sobre os mistérios* e *Sobre os sacramentos*, obras que o leitor lerá, em seguida, trata dos sacramentos da iniciação cristã: batismo, confirmação e eucaristia. São frutos, no fundo, de sermões dominicais que se dirigiam aos neófitos, desenvolvendo uma catequese pascal sobre a simbologia dos ritos e da Eucaristia.

Nestas obras, Cristo é apresentado como o “sacramento primordial”, o “sinal da ação

salvífica de Deus”. Retomando a exegese tipológica, busca, no Antigo Testamento, as figuras do batismo no dilúvio, na passagem dos israelitas pelo mar Vermelho, na própria libertação da escravidão do Egito, na nuvem que acompanhava os israelitas no deserto vê a sombra do Espírito Santo, na cura de Naamã, rei da Síria, e na piscina de Bezata de Jo 5,4. Dirigindo-se para o Jordão, para se fazer batizar por João Batista, Jesus indica, segundo Ambrósio, a necessidade que todos têm de passar pelo batismo para serem purificados. O batismo é, portanto, fonte de regeneração, de vida nova. Além disso, pode-se acompanhar, com leitura atenta, a explicação do ritual e as várias etapas do batismo ambrosiano.

Ministrada logo após o batismo, a confirmação, ou consignação, é o selo espiritual, a iluminação interior, pois Ambrósio compara os efeitos do batismo e da confirmação ao que ocorreu com o cego de nascença de Jo 9.

Os sinais do sacramento da eucaristia são anteriores aos “sacramentos” dos judeus. Os neobatizados já formam parte do novo povo de Deus, povo sacerdotal que tem acesso ao verdadeiro santuário e que se alimenta, não mais do maná, mas do verdadeiro pão do céu. Assim, Ambrósio invoca o maná como prefiguração da eucaristia e o sacrifício de Melquisedec como anúncio do sacrifício de Cristo. Se o povo judeu bebeu e se saciou da água da rocha, no deserto, do lado de Cristo jorrou sangue e água: a água para purificação e o sangue para redenção. Se do lado de Adão saiu a mulher da qual veio a culpa, do lado do Novo Adão, Cristo, veio a graça da purificação-redenção. Depois, Ambrósio discorre longamente sobre o sentido místico do vinho nas Escrituras para fazer os neófitos entenderem o sentido do vinho-sangue na eucaristia.

Além dessas obras, Ambrósio compôs ainda obras retóricas nas quais se incluem as orações fúnebres e as *Cartas* das quais só restam 91.

4. A morte de Ambrósio

Após a eleição do bispo de Pavia, Ambrósio retornou para Milão muito enfermo (fevereiro de 397). Mais algumas semanas e se extingue, fisicamente. O que Ambrósio representava para a Itália, na época, pode ser compreendido na frase do general Síticão: “A morte de tão grande homem seria a ruína da Itália”, quando soube da grave enfermidade do bispo de Milão. Na sexta-feira santa, 4 de abril de 397, entra em agonia e morre na manhã do sábado santo (cf. *Vita*, 47). Os fiéis levam seu corpo para a vigília pascal. Sepultam-no junto aos mártires Gervásio e Potásio, cujos corpos tinham sido descobertos em 396. Antes de morrer, indica quem será seu sucessor na sede de Milão: Simpliciano: “É velho, mas é bom”, disse Ambrósio.

Sempre compreensivo, mas firme, ninguém ousava discutir suas decisões. Há unanimidade em reconhecer sua lealdade: “Ele dá a impressão de total integridade naquilo que exige, e, então, mesmo que seja duro na ação, não se mostra jamais intratável, desumano, sem escrúpulo. Pode acontecer que se detestem os objetivos que ele persegue e a maneira como procede, (...) mas seus inimigos não podiam lhe recusar estima e consideração”⁹.

BIBLIOGRAFIA

- AA.VV., *Cento anni di bibliografia ambrosiana (1874-1974)*, Milão, 1981.
- AA.VV., *S. Ambrogio nel XVI centenario della nascita*, Milão, 1940.
- ALTANER, B. STUIBER, A., *Patrologia*. Vida, obras e doutrina dos Padres da Igreja, 2ª ed., Paulus, São Paulo, 1988, 378-390.
- CALAFATO, S., *La proprietà privata in S. Ambrogio*, Turim, 1958.
- CASARIL, L., *L'attribuzione dei nomi divini al Figlio in S. Ambrogio*, Roma, 1943.
- DUDDEN, F. H., *The Life and Times of St. Ambrose*, Oxford, 1934.
- FALLER, O., “La data della consacrazione vescovile di sant’Ambrogio”, em *Ambrosiana*, Milão, 1942, 97-112.
- MADEO, A., *La dottrina soteriologica de S. Ambrogio*, Bergamo, 1943.
- MESLIN, M., *Les ariens d’Occident*, Paris, 1967.
- MOEINO, C., *Chiesa e Stato nella dottrina di S. Ambrogio*, Roma, 1963.
- PALANQUE, J.-A., *St. Ambroise et l’empire romain, Contribution à l’histoire des rapports de l’Église et de l’État à la fin du quatrième siècle*, Paris, 1933.
- PAREDI, A., *Sant’Ambrogio e la sua età*, Milão, 1962, 2ª ed.
- PETERS, S. G., *Lire les Pères de L’Église. Cours de patrologie*, Paris, Desclée de Brouwer, 1981, 647-663.
- PIZZOLATO, L.F., *La dottrina exegetica di sant’Ambrogio*, Milão, 1978.
- RAPISARDA, G. Lo Menzo, *La personalità di Ambrogio nelle Epistole XVII e XVIII*, Catania, 1973.
- RUGGINI, L.C., “Ambrogio e le opposizioni anticattoliche fra il 383 e il 390”, em *Augustinianum* 14, 1974, 409-449.
- SCHUSTER, I., *Sant’Ambrogio vescovo di Milano*, 1940.
- SIMONETTI, M., *La crisi ariana nel IV secolo*, Roma, 1975.
- THAMIN, R., *S. Ambroise et la morale chrétienne au IV siècle*, Paris, 1895.
- TOSCANI, G., *Teologia della Chiesa in Sant’Ambrogio*, Milano, 1974.

¹ A data de nascimento é incerta: 333-34 para uns, 339-40 para outros, segundo a interpretação que estudiosos fazem de uma passagem da *Epist.* 59,4.

² Cf. *Vita*, 3; *De excessu fratris* I, 32-37; *Simaco*, *Epist.* I,63; III,30-37.

³ Cristãos seguidores de Ario (condenado no Conc. de Nicéia, em 325). Negavam a consubstancialidade do Filho com o Pai. Apesar da condenação de Nicéia, por muito tempo ortodoxos e arianos alternavam nas sedes episcopais. Foi sustentado pelos imperadores Constâncio II, Valentim e Valentiniano II. O Concílio de Constantinopla, 381, sob Teodósio I, renovou sua condenação.

⁴ *Vita* 7-9; *Epist.* 21,7; 63; 65. Que uma criança tenha gritado, no meio da multidão: “Ambrósio, bispo”, é considerado lenda já por seu próprio biógrafo, Paulino, secretário de Ambrósio que, 25 anos depois da morte de Ambrósio, a pedido de Agostinho, escreveu o *Vita Ambrosii*.

⁵ Ambrósio escreveu várias obras sobre o valor e a importância da virgindade: *Sobre as virgens*; *Sobre as viúvas*. Com estas obras, inaugura sua atividade como escritor eclesiástico. *Para minha irmã Marcelina*, por ocasião de seus votos pronunciados na presença do papa. *Exortação à virgindade*; *Sobre a instituição das virgens* e *Sobre a virgindade perpétua de Maria*.

⁶ O historiador Tedoreto narra com pormenores a penitência pública que o imperador teve que fazer.

⁷ Novacianos eram os seguidores de um sacerdote romano do século III, mas antipapa, Novaciano. Contra o papa Fabiano, nomeou-se bispo de Roma. Acusava o papa de ser muito complacente com os *lapsi*, isto é, com os cristãos que durante a perseguição de Décio, tinham renegado a fé. A igreja chamada *novaciana* conseguiu se estabelecer não só em Roma, mas também na Gália, na Espanha e só desapareceu no século VIII.

⁸ Apolinário foi bispo de Laodicéia. Literato, teólogo, exegeta e polemista, homem de vasta erudição em matéria teológica e profana, foi um dos principais escritores eclesiásticos de seu tempo (310-390). Combateu Juliano Apóstata, defendeu a ortodoxia contra os maniqueus, os arianos, Marcelo de Ancira, Eunômio e outros heréticos. Sua pedra de tropeço foi o mistério da união das duas naturezas, humana e divina, na pessoa de Jesus Cristo. Em seu zelo para salvar a divindade de Jesus e preocupado em ver comprometida a unidade pessoal pelo dualismo da escola antioquena, Apolinário cometeu o erro oposto, da negação parcial da humanidade de Jesus. Partindo do princípio platônico que o homem é composto de corpo, de alma sensitiva (comum também aos animais) e de alma racional (própria do homem) e apelando para a passagem de Jo 1,14: “E o Verbo se fez carne”, e que “Deus

se manifestou na carne”, acabou atribuindo a Jesus um corpo e uma alma sensitiva, mas não a alma racional, porque o Verbo tomou o seu lugar.

[2](#) A. von Compenhause, *Les Pères latines*, Paris, 1967, “Libre de Vie, n. 96”, p. 110.

EXPLICAÇÃO DO SÍMBOLO

1. Foram celebrados até hoje os mistérios dos escrutínios. Foi pesquisado para que alguma impureza não fique ligada ao corpo de alguém. Pelo exorcismo, procurou-se e aplicou-se uma santificação não só do corpo, mas também da alma. Agora chegou o tempo e o dia de apresentar a tradição do símbolo, este símbolo que é um sinal espiritual, este símbolo que é objeto da meditação de nosso coração e como que salvaguarda sempre presente. De fato, é tesouro do nosso íntimo.

2. De início, precisamos receber a razão do próprio nome. Símbolo é termo grego que significa “contribuição”. Principalmente os comerciantes se acostumam a falar de contribuição quando ajuntam seu dinheiro e a soma assim reunida pela contribuição de cada um é conservada inteira e inviolável, se bem que ninguém ouse cometer fraude em relação à contribuição. Esse é o costume entre os próprios comerciantes para que, se alguém cometer fraude, seja rejeitado como fraudulento.

Os santos apóstolos reunidos juntos fizeram um resumo da fé, a fim de que pudéssemos compreender brevemente o elenco de toda a nossa fé. A brevidade é necessária, para que ela seja sempre mantida na memória e na lembrança. Sei que principalmente em regiões do Oriente (acrescentaram coisas) àquelas que foram por primeiro transmitidas pelos nossos anciãos, uns por fraude, outros por zelo — os heréticos por fraude, os católicos por zelo. Aqueles, tentando esquivar-se fraudulentamente, acrescentaram o que não era devido, enquanto estes, es-forçando-se para evitar a fraude, por certa piedade e imprudência, ultrapassaram os limites colocados pelos anciãos.

3. Os apóstolos, portanto, se reuniram e fizeram brevemente um símbolo.

Persignai-vos. (Feito isso e tendo recitado o símbolo): Neste símbolo, está compreendida de maneira evidentíssima, a divindade da Trindade eterna: a operação única do Pai, do Filho e do Espírito Santo, da venerável Trindade, de modo que tal seja a nossa fé, que creiamos do mesmo modo no Pai, no Filho e no Espírito Santo. Com efeito, onde não existe nenhuma distinção de majestade, também não deve haver distinção de fé. Por outro lado, freqüentemente vos adverti que o nosso Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, foi o único que tomou esta carne com alma humana racional e perfeita, e assumiu a forma do corpo. Ele se tornou como um homem na verdade deste corpo, mas tem um privilégio singular de sua geração. De fato, não nasceu do sêmen de homem, mas, como se diz, foi gerado da virgem Maria pelo Espírito Santo. Reconheces (nisso) o privilégio do autor celeste? Tornado, portanto, como homem para assumir nossas enfermidades em sua carne, mas veio com o privilégio da majestade eterna.

Recitemos, portanto, o símbolo. (Depois de recitado, assim continuou): Eis o conteúdo da Escritura divina. Deveríamos audaciosamente ultrapassar os limites (postos) pelos apóstolos? Acaso somos mais prudentes do que os apóstolos?

4. Tu me dirás: Em seguida surgiram as heresias. De fato, também o Apóstolo diz: “É necessário que haja heresias, para que os bons sejam provados” (1Cor 11,19). O que dizer, portanto? Vede a simplicidade, vede a pureza. Quando surgiram os patripassianos, também os católicos desta região julgaram que se devia acrescentar invisível e impassível, como se o Filho de Deus fosse visível e passível. Se ele foi visível na carne, essa carne é que foi visível, não a divindade, a carne é que foi passível, não a divindade. Além disso, escuta o que ele diz: “Deus, meu Deus, olha para mim; por que me abandonaste?” (Sl 21,2; cf. Mt 27,46). Nosso Senhor Jesus Cristo disse isso na paixão. Disse isso enquanto homem, enquanto carne, como se a carne dissesse à divindade: “Por que me abandonaste?” Suponhamos que os nossos anciãos tenham sido médicos, que eles quiseram trazer saúde à doença mediante o remédio. Não se pergunta se o remédio não foi necessário naquele tempo em que as almas de certos hereges estavam com doença grave; se naquele tempo foi necessário, agora não o é. Por qual razão? Tendo sido conservada íntegra a fé contra os sabelianos, os sabelianos foram expulsos, principalmente das regiões do Ocidente. Os arianos encontraram para si nesse remédio uma espécie de calúnia, de modo que, enquanto conservamos o símbolo da Igreja romana, eles consideraram o Pai todo-poderoso invisível e impassível e disseram: “Vês que o símbolo é isso”, e assim demonstraram que o Filho é visível e passível. O que quer dizer isso? Onde a fé se mantém íntegra são suficientes os mandamentos dos apóstolos; não se têm necessidade de garantias, mesmo dos sacerdotes. Por quê? Porque o joio está misturado ao trigo.

5. Eis o símbolo: “Creio... único, nosso Senhor.” Dizei assim: seu Filho único. “Não único Senhor”. Deus é um, único e Senhor. Mas não caluniem dizendo que afirmamos que o Filho é uma única pessoa: “E em... único, nosso Senhor”.

Tendo falado da divindade do Pai e do Filho, chega-se à encarnação deste: “Que nasceu... e foi sepultado”. Tens aqui a paixão e a sepultura dele. “No terceiro dia... dos mortos”. Tens aqui também a ressurreição dele. “Subiu... está sentado à direita do Pai”. Vês, portanto, que a carne em nada pode diminuir a divindade; ao contrário, pela encarnação Cristo conseguiu um grande triunfo. Com efeito, por que motivo, depois que se levantou da morte, ele está sentado à direita do Pai? Ele como que devolveu ao Pai o fruto da boa vontade. Tens duas coisas: ele ressuscitou da morte e está sentado à direita do Pai. Portanto, em nada a carne pode causar detrimento à glória da divindade. Tens duas coisas: ou nosso Senhor Jesus Cristo está sentado à direita e ressuscitou da morte graças à prerrogativa da divindade e da substância de sua geração, ou certamente como triunfador eterno, que adquiriu um bom reino para Deus Pai, ele reivindicou para si mesmo a prerrogativa de sua vitória. “Está sentado à direita do Pai... e os mortos”. Escuta, homem. Deves, portanto, crer nisso logo. A própria fé brota da caridade. Quem ama nada retira. O amigo que ama seu amigo nada tira dele. Quem ama o Senhor, com maior razão nada deve tirar dele. Por que digo: “está sentado”? Aquele que ama também tem algo a temer: “De onde... e os mortos”. É ele que nos julgará. Toma cuidado, portanto, em não tirar nada daquele que será nosso juiz. Por que esse mistério? Não haverá um só julgamento do Pai, do Filho e do Espírito Santo? Não haverá uma só

vontade, não haverá uma só majestade? Por que te dizem que o Filho julgará, senão para que entendas que nada deve ser tirado do Filho?

Vê, portanto: crês no Pai, crês também no Filho. E o que em terceiro lugar? “E no Espírito Santo”. Todos os sacramentos que recebes, tu os recebes nessa Trindade. Que ninguém te engane. Vês, portanto, que existe uma única operação, uma única santificação, uma só majestade da venerável Trindade.

6. Recebe sadiamente o motivo pelo qual cremos no Criador, para não dizeres: Mas há também a Igreja, há também a remissão dos pecados, e há também a ressurreição. Que dizer disso? O motivo é o mesmo: cremos no Pai, cremos no Filho da mesma forma que cremos na Igreja, na remissão dos pecados e na ressurreição da carne. Por qual motivo? Pelo fato de que aquele que acredita no Criador, acredita também na obra do Criador. Por outro lado, para que não julgueis que se trata de invenção nossa, recebi o testemunho: “Se não credes em mim, crede ao menos nas obras” (Jo 10,38). Sabes disso. Agora a tua fé brilhará mais se julgares que a fé verdadeira e íntegra deve se estender à obra do Criador, à santa Igreja e à remissão dos pecados.

Crê, portanto, que em virtude da fé todos os teus pecados serão perdoados. De fato, leste no Evangelho que o Senhor diz: “A tua fé te salvou” (Mt 9,22; Mc 10,52; Lc 17,19).

“Na remissão... e na ressurreição.” Crê que também a carne ressuscitará. Com efeito, por que foi necessário que Cristo assumisse a carne? Por que foi necessário que Cristo experimentasse a morte, recebesse a sepultura e ressurgisse, senão em vista da tua ressurreição? “Se Cristo não ressuscitou, vã é a nossa fé” (1Cor 15,14). Todavia, porque ele ressuscitou, a nossa fé é firme.

7. Eu disse que os apóstolos compuseram o Símbolo. Portanto, se os comerciantes que fazem tais negócios e os contribuintes de dinheiro têm a lei que considera desonesto e indigno de crédito aquele que violou a sua contribuição, devemos nos precaver muito mais para evitar que alguma coisa seja tirada do Símbolo dos anciãos. Com efeito, tens no livro do Apocalipse de João — livro que está no Cânon e que provê um grande fundamento para a fé, pois relembra aí com clareza que nosso Senhor Jesus Cristo é onipotente, embora também isso se encontre em outros lugares — tens nesse livro: “Se alguém acrescentar ou tirar alguma coisa, sofrerá o julgamento e o castigo” (cf Ap. 22,18-19). Se nada pode ser tirado ou acrescentado aos escritos de um só apóstolo, como poderíamos mutilar o símbolo que recebemos como tendo sido composto e transmitido pelos apóstolos? Nada devemos tirar e nada acrescentar. Este é o símbolo conservado pela Igreja romana, onde Pedro, o primeiro dos apóstolos, sentou-se e onde lhe conferiu a sentença comum.

8. Assim, como há doze apóstolos, há também doze artigos.

Persignai-vos (Feito isso):

“Creio... da virgem”. Tens a divindade do Pai, a divindade do Filho, tens a encarnação do Filho, conforme eu disse.

“Sob... sepultado”. Tens a paixão, a morte e o sepultamento. Esses são quatro

artigos. Vejamos os outros.

“No terceiro dia... e os mortos”. Esses são os outros quatro artigos, perfazendo assim oito artigos. Vejamos ainda os outros quatro artigos: “E no Espírito Santo... na ressurreição”.

Portanto, conforme os doze apóstolos, foram compostos doze artigos.

9. Quero avisá-los bem do seguinte: o símbolo não deve ser escrito. Deveis repeti-lo, mas ninguém o escreva. Por que motivo? Foi-nos transmitido que não deveria ser escrito. O que fazer então? Retê-lo de cor. Tu, porém, me dizes: “Como é possível retê-lo sem escrevê-lo?” Pode-se retê-lo melhor se não se escreve. Por que razão? É o seguinte. O que escreves, seguro de que o relerás, não te aplicarás em examiná-lo pela meditação diária. O que, porém, não escreves, terás medo de esquecê-lo e daí o repassarás todo dia. Isso é uma grande segurança. Se sobrevierem entorpecimentos da alma e do corpo, tentação do adversário, que nunca descansa, algum tremor do corpo, doença do estômago, repete o símbolo, e ficarás curado. Repete principalmente no teu íntimo, dentro de ti. Por quê? Para que não adquiras o hábito de repeti-lo muito alto sozinho onde estão os fiéis, comeces a repeti-lo entre os catecúmenos ou hereges.

SOBRE OS SACRAMENTOS

I LIVRO

1. 1. Trato da explicação dos sacramentos que recebes-tes. Não teria sido oportuno dá-la antes, pois para o homem cristão a fé vem em primeiro lugar. De fato, em Roma se diz que são fiéis aqueles que foram batizados e nosso pai Abraão foi justificado pela fé e não pelas obras. Recebestes o batismo e crestes. Não me é permitido julgar diferentemente; não serias chamado à graça se Cristo não te considerasse digno de sua graça.

2. O que fizemos sábado? A abertura: esses mistérios da abertura foram celebrados quando o sacerdote tocou os teus ouvidos e tuas narinas. O que significa isso? No Evangelho, nosso Senhor Jesus Cristo, ao lhe apresentarem um surdo-mudo, tocou seus ouvidos e sua boca; os ouvidos, porque era surdo; a boca, porque era mudo. E disse: “Effeta”. O termo é hebraico e, traduzido, significa “Abre-te”. Portanto, o sacerdote tocou teus ouvidos para que teus ouvidos se abrissem à palavra e ao sermão do sacerdote.

3. Tu me dirás: Por que as narinas? Lá, porque era mudo, tocou-lhe a boca; como não podia falar sobre os sacramentos celestes, recebia assim a palavra de Cristo. Lá, se tratava de um homem, aqui as mulheres são batizadas, e a pureza do servo não é a mesma que a do mestre, pois enquanto este perdoa os pecados, para estes os pecados são perdoados. Como pode haver comparação? Assim, por respeito ao ato e à função, o bispo não toca a boca, mas as narinas. Por que as narinas? Para que recebas o bom odor da piedade eterna, a fim de dizeres: “Somos o bom odor de Cristo para Deus” (2Cor 2,15), como disse o santo Apóstolo, e haja em ti a plena fragrância da fé e da devoção.

2. 4. Chegamos à fonte, entraste, foste ungido. Pensa naqueles que viste, pensa no que falaste, lembra exatamente. Um levita foi te acolher, um presbítero foi te acolher. Foste ungido como atleta de Cristo, como se fosses entregar-te à uma luta neste mundo, fizeste profissão de te entregar à luta. Aquele que luta tem o que esperar: onde há luta, aí há coroa (cf. 1Cor 9,24s). Lutas no mundo, mas és coroado por Cristo, e és coroado por causa das lutas no mundo. Embora a recompensa esteja no céu, o mérito da recompensa, porém, já se encontra aqui.

5. Quando te interrogou: “Renuncias ao diabo e às suas obras?” O que respondeste? “Renuncio”. Renuncias ao mundo e às suas concupiscências?” O que respondeste? “Renuncio”. Lembra-te da tua palavra e nunca percas de vista as conseqüências do teu aval. Se deres uma promissória assinada a alguém, estás comprometido a fim de que ele receba o seu dinheiro; estás amarrado e, se protestares, o credor poderá te coagir. Se recusas, terás que ir ao juiz e aí serás convencido pelo teu aval.

6. Pensa onde prometeste e a quem prometeste. Tu viste um levita, mas ele é ministro de Cristo. Viste-o officiar diante dos altares. Portanto, a promissória que as-sinaste não está guardada na terra, mas no céu. Pensa onde recebes os sacramentos celestes. Se o corpo de Cristo está aqui, também os anjos estão estabelecidos aqui. Leste no Evangelho (Mt 24,28): “Onde está o corpo, aí também estão as águias”. Onde está o corpo de Cristo, aí também estão as águias, que costumam voar para fugir das coisas terrenas, para alcançar as coisas celestes. Por que digo isso? Porque todos os homens que anunciam Cristo também são anjos e parecem ser associados ao lugar dos anjos.

7. Como? Escuta. João Batista nascera de homem e mulher. Entretanto, escuta como ele também era anjo: “Eis que envio o meu anjo diante de tua face e ele preparará o teu caminho diante de ti” (Mt 11,10). Escuta outra coisa. O profeta Malaquias disse que “os lábios do sacerdote guardam a ciência e exigem a lei de sua própria boca, pois ele é anjo do Deus onipotente” (Ml 2,7). Essas coisas são ditas para que proclamemos a glória do sacerdócio, não para que se atribua algo aos méritos pessoais.

8. Portanto, renunciaste ao mundo, renunciaste ao século. Sê vigilante. Quem deve dinheiro pensa sempre no seu aval. E tu que deves a fé a Cristo, conserva a fé que é muito mais preciosa que o dinheiro. De fato, a fé é um patrimônio eterno, enquanto o dinheiro é temporal. Portanto, lembra-te sempre do que prometeste: serás mais cauteloso. Se guardas a tua promessa, guardarás também o teu aval.

3. 9. Em seguida, te aproximaste, viste a fonte, viste também o sacerdote junto à fonte. Nem posso duvidar que em teu ânimo não poderia acontecer o que aconteceu naquele sírio Naamã, o qual, embora purificado (entretanto antes duvidava). Por quê? Vou dizer. Escuta.

10. Entraste, viste a água, viste o sacerdote, viste o levita. Por acaso, alguém não diria: Isso é tudo? Certamente isso é tudo; verdadeiramente há tudo, onde há total inocência, onde há total piedade, total graça, total santificação. Viste aquelas coisas que pudeste ver com os olhos do teu corpo e com os olhares humanos; não viste aquilo que se realizou, mas o que se vê. São muito maiores aquelas coisas que não se vêem do que as que se vêem, “porque as coisas que se vêem são temporais, mas as que não se vêem são eternas” (2Cor 4,18)

4. 11. Digamos primeiro — conserva o aval da minha palavra e exige-o —: Admiramos os mistérios dos judeus que nos foram entregues pelos nossos pais. São excelentes, primeiro por causa da antiguidade dos sacramentos, depois por causa da santidade. Promete isto: os sacramentos dos cristãos são mais divinos e anteriores aos dos judeus.

12. O que há de mais destacado do que a passagem do povo judeu através do mar, para que neste momento falemos sobre o batismo? Contudo, os judeus que atravessaram, morreram todos no deserto. Ao contrário, quem passa por esta fonte, isto é, das coisas terrenas para as celestes — aqui há de fato uma passagem, portanto uma páscoa, isto é, sua passagem, passagem do pecado para a vida, da culpa para a graça, da impureza para a santificação (cf Jo 6,49.59) — aquele que passa por esta fonte não morre, mas ressuscita.

5. 13. Naamã era leproso (cf. 2Rs 5,1-14). Uma menina disse à mulher dele: “Se o meu senhor quer ser purificado, dirija-se à terra de Israel e aí encontrará aquele que pode tirar-lhe a lepra”. Ela disse à sua patroa, a mulher a seu marido e Naamã ao rei da Síria. Este, que o esti-mava muito, o enviou ao rei de Israel. Quando o rei de Israel ouviu que alguém lhe tinha sido enviado para que o curasse da lepra, rasgou sua veste. Então o profeta Eliseu manda-lhe dizer: “Por que rasgaste a veste, como se não existisse um Deus poderoso que purifica o leproso? Envia-o a mim”. Ele o enviou. Tendo chegado, o profeta disse: “Vai, desce ao Jordão, entra na água e ficarás curado”.

14. Ele começou a refletir e disse: “Isso é tudo? Eu vim da Síria até à terra judaica e me é dito: Vai ao Jordão, entra na água e ficarás curado? Como se não existissem rios melhores em minha pátria!” Os servos lhe disseram: “Senhor, por que não fazes como o profeta disse? Faze isso e experimenta”. Então ele foi ao Jordão, entrou na água e saiu curado.

15. O que significa isso? Viste a água, mas nem toda água cura; contudo, a água que contém a graça de Cristo cura. Uma coisa é o elemento, outra é a consagração; uma coisa é o ato, outra é a eficácia. O ato é da água, mas a eficácia é do Espírito Santo. A água não cura, a não ser que o Espírito Santo tenha descido e consagrado essa água. Tu leste que, quando nosso Senhor Jesus Cristo transmitiu a forma do batismo, veio até João, e João lhe disse: “Sou eu que devo ser batizado por ti, e tu vens a mim”. Cristo lhe respondeu: “Deixa por enquanto, pois é assim que devemos realizar toda a justiça” (Mt 3,14-5). Vê que toda a justiça está assentada no batismo.

16. Então por que Cristo desceu, senão para que esta carne fosse purificada, a carne que ele assumiu de nossa condição? Não era necessário para Cristo a ablução dos seus pecados, pois “ele não cometeu pecados” (1Pd 2,22), mas era necessária para nós, pois permanecemos submissos ao pecado. Portanto, se o batismo é para nós, sua forma foi instituída para nós, proposta para a nossa fê.

17. Cristo desceu, e João estava aí batizando. Eis que o Espírito Santo desceu como pomba. Não foi uma pomba que desceu, mas algo como uma pomba (Jo 1,32). Lembra-te, pois, do que eu disse: Cristo assumiu uma carne não como se fosse carne, mas a realidade desta carne; Cristo assumiu verdadeiramente uma carne. O Espírito Santo, porém, desceu do céu sob a aparência de pomba, não na realidade de uma pomba, mas na aparência de uma pomba. João viu e creu.

18. Cristo desceu, e o Espírito Santo desceu também. Por que Cristo desceu por primeiro e depois o Espírito Santo, enquanto a forma e o uso do batismo supõem que antes a fonte seja consagrada e depois desça aquele que nela vai ser batizado? De fato, primeiro entra o sacerdote, faz o exorcismo sobre a criatura que é a água, depois faz a invocação e a prece para que a fonte fique santificada e aí esteja a presença da Trindade eterna. Portanto, Cristo desceu antes, seguido pelo Espírito. Por que motivo? Para que não parecesse que o próprio Senhor Jesus tivesse necessidade do mistério da santificação, mas ele próprio santificasse e também o Espírito santificasse.

19. Cristo, portanto, desceu à água e o Espírito Santo desceu como uma pomba. Deus Pai, por sua vez, falou do céu (cf. Mt 3,16-17). Tens a presença da Trindade.

6. 20. Que no mar Vermelho tenha havido uma figura deste batismo, o Apóstolo o diz do seguinte modo: “Nossos pais foram todos batizados na nuvem e no mar” (1Cor 10,2), e acrescenta: “Todas essas coisas aconteceram para eles em figura” (1Cor 10,11). Para eles em figura, mas para nós na realidade. Enquanto Moisés segurava a vara, o povo dos judeus estava cercado. O Egípcio com o seu exército pressionava de um lado, e do outro lado os hebreus eram fechados pelo mar. Não podiam atravessar o mar, nem voltar para trás contra o inimigo. Começaram então a murmurar (cf. Ex 14,9-11).

21. Cuidado para que o fato de eles terem sido atendidos não te seduza. Embora o Senhor os tenha ouvido, eles não ficaram isentos de culpa por terem murmurado. Cabe a ti, quando estiveres no aperto, crer que dele sairás; não murmures, mas invoca e pede, sem fazer queixas.

22. Segurando a vara, Moisés conduzia o povo dos hebreus, durante a noite numa coluna de luz, durante o dia numa coluna de nuvem. O que é a luz senão a verdade, pois expande uma luz visível e clara? (cf. Ex 13,21). O que é a coluna de luz senão Cristo Senhor, que expulsou as trevas da infidelidade e infundiu nos sentimentos humanos a luz da verdade e da graça espiritual? A coluna de nuvem, porém, é o Espírito Santo. O povo estava no mar, e a coluna de luz o precedia; atrás seguia a coluna de nuvem como sombra do Espírito Santo. Vês, portanto, como demonstramos o tipo do batismo pelo Espírito Santo e pela água.

23. No dilúvio também já houve uma figura do batismo e certamente os mistérios dos judeus ainda não existiam. Portanto, se preexistia a forma deste batismo, vês que os mistérios dos cristãos são superiores aos dos judeus.

24. No momento, porém, dada a fraqueza da nossa voz e o limite do tempo, basta por hoje ter haurido na fonte sagrada um pouco dos seus mistérios. Amanhã, se o Senhor me der força para falar com facilidade, falarei com mais profundidade. É preciso que vossa santidade esteja com os ouvidos atentos, o ânimo mais disposto para que possais reter as coisas que podemos recolher da seqüência das Escrituras e do Espírito Santo, a cuja Trindade pertence um reino perpétuo desde sempre, agora, para sempre e por todos os séculos dos séculos. Amém.

II LIVRO

1. 1. Ontem começamos a explicar que também no dilúvio houve uma figura antecipada do batismo. O que é o dilúvio, senão o meio pelo qual o justo é preservado para semear a justiça e fazer morrer o pecado? É por isso que o Senhor, vendo que o pecado dos homens se multiplicava, preservou somente o justo com a sua descendência, enquanto ordenou à água ultrapassar até mesmo acima dos montes. E por isso naquele dilúvio pereceu toda a corrupção da carne, e somente a raça e o modelo do justo permaneceram (cf. Gn 7,17-23). O batismo não é esse dilúvio onde todos os pecados são desfeitos e onde somente são ressuscitados o espírito e a graça do justo?

2. Há muitos tipos de batismo, mas há um só batismo, clama o Apóstolo (Ef 4,5). Por quê? Existem os batismos dos pagãos, mas não são batismos. São abluções, mas não podem ser batismos. Lava-se a carne, mas não se desfaz a culpa; antes, contrai-se a culpa com essa ablução. Existiam os batismos dos judeus, alguns supérfluos, outros em figura. E essa figura nos é de proveito, pois é anunciadora da realidade.

2. 3. O que foi lido ontem? “Um anjo descia, em certo momento, na piscina”, e todas as vezes que o anjo descia “a água se agitava e aquele que nela descesse primeiro ficava curado de qualquer doença que retinha” (Jo 5,4). Isso representa a figura de nosso Senhor Jesus Cristo que viria.

4. Por que um anjo? Ele é, de fato, “o anjo do grande conselho” (Is 9,5[LXX]). Em certo momento, porque ele estava reservado para a última hora, a fim de parar o dia no seu ocaso e adiar o seu ocaso. Portanto, todas as vezes que o anjo descia, a água se agitava. Talvez perguntes: “Por que agora não se move?” Ouve o motivo: os sinais são para os incrédulos, a fé é para os que crêem (cf. 1Cor 14,22).

5. Aquele que descia primeiro ficava curado de qualquer doença. Que significa primeiro? Em tempo ou dignidade? Compreende em ambos os sentidos. Se se trata de tempo, aquele que descia em primeiro lugar ficava curado antes, isto é, trata-se mais do povo dos judeus do que do povo das nações. Se se trata de dignidade, o que descia em primeiro lugar é aquele que tinha o temor de Deus, a preocupação pela justiça, a graça da caridade, o amor pela pureza, e este era curado de preferência. Entretanto, nesse tempo um só era salvo. Nessa época, digo, só se curava aquele que descia em primeiro lugar no tempo. Quanto maior é a graça da Igreja, na qual são salvos todos aqueles que descem!

6. Vede, porém, o mistério. Nosso Senhor Jesus Cristo veio à piscina e muitos doentes estavam ali deitados. E com certeza muitos doentes ali jaziam, onde apenas um era curado. Então ele disse àquele parálico: “Desce”. Ele respondeu: “Não tenho homem” (Jo 5,6-7). Vê onde deves ser batizado, de onde vem o batismo, senão da cruz de Cristo, da morte de Cristo. Aí está todo o mistério: ele sofreu por ti. Nele serás resgatado, nele serás salvo.

7. Não tenho homem, ele disse. Isto é: “a morte veio por um homem e a ressurreição vem por outro homem” (1Cor 15,21). Não poderia descer, não poderia ser salvo aquele

que não acreditava que nosso Senhor Jesus Cristo tinha assumido o carne por meio de uma virgem. Mas aquele que esperava o homem Jesus, mediador entre Deus e os homens, que esperava aquele de quem foi dito: “E o Senhor enviará um homem para salvá-los” (Is 19,20), dizia: “Não tenho homem”. Por isso ele mereceu chegar à cura, porque acreditava naquele que viria. Todavia, teria dito melhor e mais perfeito se ele acreditasse que aquele que ele esperava já havia chegado.

3. 8. Nota agora os pormenores. Dissemos que, no Jordão, quando o leproso Naamã foi purificado (cf. 1,13), havia uma figura antecipada. Aquela menina entre os cativos, quem era ela senão aquela que tinha os traços da Igreja e representava a figura? De fato, o povo das nações era cativo. Era cativo, não digo de cativo imposto por algum povo inimigo, mas falo daquele cativo que é maior, quando o diabo, com os seus, impõe uma cruel dominação e submete a si os pescoços cativos dos pecadores.

9. Portanto, tens aqui um batismo, outro no dilúvio. Tens um terceiro tipo quando os pais foram batizados no mar Vermelho. Tens um quarto tipo na piscina, quando a água se agitava. Agora te consulto se deves crer que tens a presença da Trindade nesse batismo, com o qual Cristo batiza na Igreja.

4. 10. O Senhor Jesus diz a mesma coisa aos apóstolos no seu Evangelho: “Ide, batizai os povos em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo” (Mt 28,19) Essa é a palavra do Salvador.

11. Homem, diga-me. Elias invocou fogo do céu e o fogo desceu (cf. 2Rs 18,38). Eliseu invocou o nome do Senhor e o ferro do machado que havia afundado veio à tona (cf. 2Rs 6,5-6). Eis outro tipo de batismo. Por quê? Porque todo homem antes do batismo é puxado e afundado como o ferro; depois de ser batizado, não é como o ferro, mas erguido como uma espécie mais leve de árvore frutífera. Portanto, existe ainda aqui outra figura. A madeira era cortada com o machado. Saiu o cabo do machado, isto é, o machado caiu na água. O filho do profeta não soube o que fazer; a única coisa que ele soube foi dirigir-se ao profeta Eliseu e pedir uma solução. Então ele pôs a madeira e o ferro foi retirado. Vês, portanto, que a enfermidade de todos os homens é tirada através da cruz de Cristo.

12. Outra coisa, embora não sigamos a ordem. Com efeito, quem pode compreender todas as ações de Cristo, como os apóstolos disseram? (cf. Jo 21,25). Quando Moisés chegou ao deserto, o povo teve sede. O povo chegou à fonte de Mara e quis beber. Logo que matou a sede, sentiu amargura e não pode mais beber. Então Moisés pôs a madeira na fonte e a água, que antes era amarga, começou a ficar doce (cf. Ex 15,22-25).

13. Que significa isso, senão que toda criatura sujeita à corrupção é água amarga para todos? Também se é suave por um momento, mesmo se é agradável por um momento, é amarga, ela que não pode tirar o pecado. Ao beberes, terás sede; ao provares a suavidade, de novo sentirás a amargura. A água é, portanto, amarga. Mas do momento que receber a cruz de Cristo, sacramento celeste, começa a ser doce e suave. É de fato doce aquela na qual a culpa é afastada. Portanto, se os batismos foram de tão grande valor na figura, quando mais será de valor o batismo na realidade.

5. 14. Vejamos, portanto, agora. O sacerdote vem, reza junto à fonte, invoca o nome do Pai, a presença do Filho e do Espírito Santo (cf. Jo 1,18), usa palavras celestes. Palavras celestes, porque são de Cristo, dizendo que batizemos “em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo” (Mt 28,19). Se, portanto, a Trindade se torna presente pela palavra dos homens, pela invocação de um santo, quanto mais estará ela presente se se trata de palavra eterna! Queres saber por que o Espírito desceu? Ouviste que ele desceu como uma pomba. Por que como pomba? Para que os incrédulos fossem chamados à fé. No princípio, devia haver um sinal; em seguida era necessário que houvesse perfeição.

15. Escuta outra coisa. Depois da morte de nosso Senhor Jesus Cristo, os apóstolos estavam reunidos e oravam no dia de Pentecostes. De repente, houve um grande ruído, como se um vento soprasse fortemente e foram vistas como línguas de fogo espalhadas (cf. At 2,1-3). O que significa isso, senão a descida do Espírito Santo, que quis se manifestar corporalmente também aos incrédulos, isto é, corporalmente por um sinal, espiritualmente pelo sacramento? Portanto, o seu advento teve um testemunho manifesto; a nós, já foi oferecido o privilégio da fé, enquanto no princípio eram feitos sinais para os incrédulos; a nós, que já estamos na plenitude da Igreja, a verdade é alcançada não pelo sinal, mas pela fé (cf. 1Cor 14,22).

6. 16. Examinemos agora o que seja aquilo que se chama batismo. Veste à fonte, nela desceste, deste atenção ao sumo sacerdote, aos levitas e viste o presbítero na fonte. O que é o batismo?

17. No princípio, o Senhor nosso Deus fez o homem, de modo que se não experimentasse o pecado não morreria. Ele cometeu o pecado, tornou-se sujeito à morte e foi expulso do paraíso (cf. Gn 3,17-23). O Senhor, porém, desejava continuar seus benefícios, abolir todas as insídias da serpente e desfazer tudo o que é nocivo. Antes, porém, dirigiu uma sentença contra o homem: “Tu és terra e para a terra irás” (Gn 3,19), e tornou o homem sujeito à morte. Era uma sentença divina, que não poderia ser revogada pela condição humana. Foi dado um remédio, de modo que o homem morreria e ressuscitaria. Por quê? Para que aquilo que antes tinha servido para a condenação, cedesse lugar ao benefício. O que é aquilo senão a morte? Perguntas de que modo? Porque a intervenção da morte põe fim ao pecado. De fato, quando morremos, deixamos de pecar (cf. Rm 6,7). Parecia, portanto, que se tinha satisfeito à sentença, pois o homem que fora feito para viver, caso não pecasse, começava a morrer. Contudo, para que a graça perpétua de Deus continuasse, o homem morreu, mas Cristo encontrou a ressurreição, isto é, a fim de restabelecer o benefício celeste que fora perdido pela fraude da serpente. Ambas as coisas, portanto, vieram em nosso favor: a morte é o fim dos pecados e a ressurreição é a restauração da natureza.

18. Todavia, para que a fraude ou as insídias do diabo não prevalecessem neste mundo, encontrou-se o batismo. Escuta o que a Escritura, ou melhor, o Filho de Deus, diz a respeito desse batismo: os fariseus, que não quiseram ser batizados com o batismo de João, desprezaram o desígnio de Deus (cf. Lc 7,30). O batismo é, portanto, um desígnio de Deus. Quanta graça existe onde está o desígnio de Deus!

19. Escuta, portanto. Para desfazer a trama do diabo neste mundo, foi encontrado o

meio pelo qual o homem vivo morresse e depois vivo ressurgisse. O que é vivo? Trata-se da vida vivente do corpo, quando ele viesse à fonte e entrasse na fonte. O que é água, senão algo que nasce da terra? Fica, portanto, satisfeita a sentença celeste, sem o terror da morte. O fato de imergir desfaz aquela sentença: “Tu és terra, e para a terra irás”. Satisfeita a sentença, há lugar para o benefício e o remédio celeste. A água, portanto, nasce da terra. Todavia, a possibilidade da nossa vida não admitia que trabalhássemos a terra e da terra ressurgíssemos. Conseqüentemente, a terra não lava, mas a água lava. Portanto, a fonte é como uma sepultura.

7. 20. Foste interrogado: “Crês em Deus Pai onipotente?” Respondeste: “Creio”. E entraste na água, isto é, foste sepultado. De novo te perguntaram: “Crês em nosso Senhor Jesus Cristo e na sua cruz?” Respondeste: “Creio”. E entraste na água. Foste assim sepultado com Cristo (cf. Rm 6,4). Com efeito, aquele que é sepultado com Cristo, ressurgue com Cristo. Pela terceira vez te perguntaram: “Crês no Espírito Santo?” Respondeste: “Creio”. E entraste na água pela terceira vez, a fim de que a tríplice confissão absolvesse as inúmeras faltas da vida passada.

21. Além disso, para vos dar um exemplo, o santo apóstolo Pedro, parecia ter sucumbido na paixão do Senhor, por causa de fraqueza de condição humana; ele, antes havia negado, depois para que sua falta fosse desfeita e reparada, foi interrogado três vezes por Cristo se amava Cristo. Então, ele respondeu: “Senhor, tu sabes que eu te amo” (Jo 21,17). Respondeu três vezes para ser absolvido três vezes.

22. Assim, portanto, o Pai perdoa o pecado, assim o Filho perdoa e assim também o Espírito Santo. Não te admires de que sejamos batizados num só nome, isto é, “em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo” (Mt 28,19). Ele diz que há um só nome, onde há uma só substância, uma só divindade, uma só majestade. Este é o nome do qual foi dito: “É nele que todos devem ser salvos” (At 4,12). Neste nome todos vós fostes salvos, reconduzidos à graça da vida.

23. O apóstolo, portanto, clama, como ouvistes na presente leitura: Todo aquele que é batizado, é batizado na morte de Jesus (Rm 6,5). O que significa na morte? Significa que, assim como Cristo morre, também tu sentirás o gosto da morte; assim, como Cristo morreu para o pecado e vive para Deus, também tu morrerás para as antigas atrações dos pecados pelo sacramento do batismo e ressuscitarás pela graça de Cristo. É, portanto, morte, não na realidade de morte corporal, mas simbólica. Quando entras na água, recibes um símbolo da morte e da sepultura, recibes o sacramento de sua cruz, pois Cristo pendeu na cruz e o seu corpo foi nela fixado com cravos. Tu, portanto, és crucificado junto, te ligas a Cristo, te ligas com os cravos de nosso Senhor Jesus Cristo, para que o diabo não consiga te arrancar daí. Que te retenha o cravo de Cristo que retira a fraqueza da condição humana.

24. Entraste na água e vieste até o sacerdote. O que ele te disse? Disse: “Deus Pai onipotente, que te regenerou pela água e pelo Espírito e te perdoou os teus pecados, ele também te unja para a vida eterna. Vês para que foste ungido: para a vida eterna. Não queiras preferir esta vida à vida eterna. Por exemplo: se aparecer algum inimigo, e quiser tirar-te a fé, se ameaçar de morte para que alguém se afaste do caminho reto, vê o que

escolherás. Não escolhas aquilo em que não foste ungido, mas escolhe aquilo em que foste ungido, para que prefiras a vida eterna à vida temporal.

III LIVRO

1. 1. Ontem falamos sobre a fonte, cujo formato tem certa aparência de sepulcro, no qual nós, que cremos no Pai e no Filho e no Espírito Santo, somos recebidos e imersos; depois, ressurgimos, isto é, somos ressuscitados. Recebes também o *myrum*, isto é o unguento, na cabeça. Por que na cabeça? Porque Salomão diz: “A razão do sábio está em sua cabeça”. De fato, a sabedoria sem a graça é inativa; mas do momento que a sabedoria recebeu a graça, a sua obra começa a se tornar perfeita. Isso se chama regeneração.

2. O que é regeneração? Nos Atos dos Apóstolos encontra-se que aquele versículo que se diz no salmo 2: “Tu és o meu Filho, eu hoje te gerei” parece se referir à ressurreição. Com efeito, o santo apóstolo Pedro, nos Atos dos Apóstolos, assim interpretou: quando o Filho ressuscitou da morte, a voz do Pai se fez ouvir: “Tu és meu Filho, eu hoje te gerei” (At 13,33). Por isso, ele também é chamado “primogênito dos mortos” (cf. Rm 6,3-11). Portanto, o que é a ressurreição, senão o fato de ressurgirmos da morte para a vida? Assim também no batismo, do momento que é imagem da morte, quando saís da água e ressurges, sem dúvida torna-se imagem da ressurreição. Desse modo, conforme a interpretação dos apóstolos, assim como aquela ressurreição foi uma regeneração, também esta ressurreição da fonte é uma regeneração.

3. Mas por que dizes que é na água que entras? É por isso que divagas, é por isso que ficas em dúvida? Na verdade, lemos: “Que a terra produza o seu fruto, e ela produziu fruto que germina” (Gn 1,11). Leste a mesma coisa a respeito das águas: “Que as águas produzam animais, e nasceram animais” (Gn 1,20). Tais coisas (nasceram) no princípio da criação, mas para ti foi reservado que a água te regenerasse para a graça, assim como ela gerou outros para a vida. Imita aquele peixe que recebeu certa graça menor, pois ele deve ser para ti um milagre. Está no mar, está sobre as ondas, está no mar e nada sobre as vagas. A tempestade enfurece no mar, os furacões sopram, e o peixe nada, não afunda, porque acostumou-se a nadar. Para ti, o mar é este mundo. Existem várias ondas, vagalhões, tempestades furiosas. Sê, tu, peixe, para que a onda do mundo não te submerja. Razão tem o Pai para dizer ao Filho: “Eu hoje te gerei” (Sl 2,7). Isto é: quando resgataste o povo, quando o chamaste para o reino do céu, quando realizaste a minha vontade, provaste que és meu Filho.

4. Saíste da fonte. O que aconteceu depois? Ouviste a leitura. O sacerdote revestiu suas vestes — embora também os presbíteros fizessem o mesmo, entretanto o início da função cabe ao sumo sacerdote — revestido de suas vestes, eu dizia, o sumo sacerdote te lavou os pés. O que significa esse mistério? Ouviste que o Senhor, tendo lavado os pés dos outros discípulos, chegou a Pedro e Pedro lhe disse: “Tu me lavas os pés!” (Jo 13,6). Isto é: Tu, Senhor, lavas os pés do servo; tu, imaculado, lavas os meus pés; tu, criador dos céus, lavas os meus pés! Encontra-se isso também em outro lugar: Veio a João e João lhe disse: “Sou eu que devo ser batizado por ti, e tu vens a mim!” (Mt 3,14). Eu

sou pecador, tu vieste a um pecador como que para depores os teus pecados, tu que não cometeste pecado! Vê toda a justiça, vê a humildade, vê a graça, vê a santificação. Ele disse: “Se eu não te lavar os pés, não terás parte comigo”.

5. Nós não ignoramos que a Igreja romana não tem esse costume, da qual seguimos em tudo o exemplo e forma. Contudo, ela não tem esse costume de lavar os pés. Considera, porém, que ela deixou de lado por causa do grande número. Há também aqueles que dizem, tentando desculpá-la, que isso não se deve fazer no mistério, não no batismo, não na regeneração, mas que se deve lavar os pés como se fossem de hóspede. Contudo, uma coisa é a humildade, outra a santificação. No entanto, escuta: é mistério e também santificação: “Se eu não lavar os teus pés, não terás parte comigo” (Jo 13,8). Não digo isso, porém, para repreender outros, mas para que eu exerça as minhas funções. Desejo seguir em tudo a Igreja romana, mas nós também temos razão humana. O que, em outro lugar, se observa de maneira mais correta, nós também guardamos de maneira mais correta.

6. Seguimos o próprio apóstolo Pedro e estamos apegados ao seu próprio fervor. O que a Igreja romana responde a isso? Sim, o próprio apóstolo Pedro é, para nós, autor dessa afirmação, ele que foi sacerdote da Igreja romana. É o próprio Pedro que diz: “Senhor, não só os pés, mas também as mãos e a cabeça” (Jo 13,9). Vê a fé. O que ele recusou antes foi por causa da humildade; depois, quando ofereceu a si mesmo, foi por causa do fervor e da fé.

7. Como dissesse mãos e cabeça, o Senhor lhe respondeu: “Aquele que se lavou, não precisa se lavar de novo, a não ser lavar os pés” (Jo 13,10). Por que isso? Porque no batismo toda culpa é desfeita. Portanto, a culpa desaparece; mas por que Adão foi suplantado pelo diabo e foi derramado veneno em seus pés, por isso lavar os pés, para que, naquela parte onde a serpente se insidiou, chegue mais proteção de santificação, a fim de que, posteriormente, ela não possa te suplantar. Portanto, lavas os pés para que laves os venenos da serpente. É também de proveito para a nossa humildade que não nos envergonhemos no mistério daquilo que recusamos como homenagem.

2. 8. Depois disso, vem o selo espiritual do qual ouviste hoje na leitura. Depois da fonte, resta ainda ser feita a perfeição, quando, pela invocação do sacerdote, infunde-se o Espírito, o Espírito da sabedoria e da inteligência, o Espírito do conselho e da força, o Espírito do conhecimento e da piedade e o Espírito do temor santo (Is 11,2-3), que são como que as sete virtudes do Espírito.

9. Todas as virtudes pertencem ao Espírito, mas estas são como que cardeais, como que as mais importantes. Com efeito, o que há de mais importante do que a piedade? O que há de mais importante do que o conhecimento de Deus? O que há de mais importante do que a força? O que há de mais importante do que o conselho de Deus? O que há de mais importante do que o temor de Deus? Assim como o temor do mundo é fraqueza, da mesma forma o temor de Deus é grande força.

10. Tais são as sete virtudes, quando recibes a consagração. De fato, como diz o santo apóstolo, a sabedoria de nosso Senhor tem muitas formas e a sabedoria de Deus tem muitas formas (Ef 3,10). Do mesmo modo, o Espírito Santo tem muitas formas,

pois ele possui toda uma variedade de virtudes (Sl 79,5.8.15.20). Por isso, dizemos que é o Deus das virtudes, e isso pode ser aplicado ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo. Isso, porém, é assunto para outra discussão, em outra ocasião.

11. O que vem depois disso? Podes aproximar-te do altar. Porque te aproximas, podes ver o que antes não vias. Este é o mistério que leste no Evangelho, caso o tenhas lido. Seguramente o ouviste. Um cego se apresentou ao Salvador para ser curado. Este curava os outros somente com sua palavra e discurso e devolvia a luz aos olhos por sua ordem. Entretanto, no livro do Evangelho intitulado segundo João, aquele que verdadeiramente viu mais do que os outros os grandes mistérios, os indicou e declarou, ele quis prefigurar esse mistério no cego.

Todos os evangelistas são santos, e todos os apóstolos, exceto o traidor, são santos. Todavia, são João, o último a escrever o Evangelho, como que um familiar buscado e eleito por Cristo, fez ressoar os mistérios eternos com trombeta maior. Tudo o que ele falou é mistério. Outro disse que um cego fora curado. Mateus, Lucas e Marcos o dizem. Mas o que é que apenas João diz? “Ele tomou barro, ungiu os olhos dele, e lhe disse: Vai a Silóé. Ele se levantou, foi, lavou-se e voltou enxergando” (Jo 9,6-7).

12. Considera também tu os olhos do teu coração. Vias as coisas que são corporais com os olhos corporais. Todavia, ainda não podias ver com os olhos do teu coração as coisas que se referem aos sacramentos. Quando deste o teu nome, ele tomou o barro e ungiu os teus olhos. O que significa isso? Que devias reconhecer o teu pecado, examinar a tua consciência, fazer penitência dos pecados, isto é, reconhecer o destino da geração humana. Com efeito, embora aquele que vem ao batismo não confesse o pecado, entretanto, por esse próprio fato, realiza a confissão de todos os pecados, pois ele pede para ser batizado a fim de ser justificado, isto é, para passar da culpa à graça.

13. Não julgueis que é coisa inútil. Se disséssemos a alguém: “Nessa idade deves ser batizado com maior razão”, ele responderia — tenho certeza de que alguém responderia —: “Por que ser batizado? Não tenho pecado. Quando foi que cometi pecado?” Este não teve o barro, porque Cristo não o ungiu, isto é, não lhe abriu os olhos. De fato não há nenhum homem que não tenha pecado.

14. Portanto, o homem se reconhece ao procurar refúgio no batismo de Cristo. Assim ele pôs o barro também em ti, isto é, o respeito, a prudência, a consideração da tua fragilidade, e disse a ti: “Vai a Silóé”. O que é Silóé? Ele disse: “que, traduzido, significa enviado”. Isto é: vai à fonte na qual se anuncia a cruz de todos.

15. Tu foste, te lavaste, vieste ao altar, começaste a ver o que antes não vias, isto é: pela fonte do Senhor e pelo anúncio da paixão do Senhor os teus olhos foram abertos. Tu que parecias ter o coração cego, começaste a ver a luz dos sacramentos.

Portanto, caríssimos irmãos, viemos até o altar, a assunto mais rico. Por esse motivo, dada a hora, não podemos começar a explicação completa, pois esse tratado é mais longo. Basta por hoje o que foi dito. Amanhã, se ao Senhor agradar, trataremos dos sacramentos em si.

IV LIVRO

1. 1. No Antigo Testamento, os sacerdotes costumavam entrar freqüentemente na primeira tenda; na segunda tenda, porém, o sumo sacerdote entrava uma só vez por ano. É isso evidentemente que o apóstolo Paulo explica aos hebreus, acolhendo textos do Antigo Testamento. Na segunda tenda, havia o maná, e aí também havia a vara de Aarão, que tinha secado e depois novamente brotado, e o altar do incenso (Hb 9,2-7).

2. A que leva isso? A fazer-vos compreender o que seja a segunda tenda, na qual o sacerdote vos introduziu, na qual o sumo sacerdote costumava entrar uma só vez por ano, isto é, ao batistério onde a vara de Abraão floresceu. Antes estava seca, depois brotou de novo (cf. Nm 17,8). Também tu estavas seco e começaste a brotar de novo na água corrente da fonte. Estavas seco pelos pecados, estavas seco pelos erros e faltas, mas já começaste a dar fruto, pois estás plantado junto à corrente d'água (Sl 1,3).

3. Talvez digas: “O que importa ao povo se a vara sacerdotal tinha secado e brotou de novo?” O que é o próprio povo, senão um povo sacerdotal? A quem foi dito: “Vós, porém, sois raça eleita, sacerdócio real, povo santo” (1Pd 2,9), como diz o apóstolo Pedro? Cada um é ungido para o sacerdócio, ungido para o reino, mas trata-se de reino espiritual e sacerdócio espiritual.

4. Também na segunda tenda havia o altar do incenso. O altar do incenso é aquele que costuma espalhar bom odor. Portanto, também vós sois o bom odor de Cristo, pois em vós já não existe nenhum tipo de faltas, nenhum odor de erro mais grave.

2. 5. Depois disso, devíeis vos aproximar do altar. Aproximaste-vos, os anjos olharam, viram que vos aproximá-veis e de repente viram resplandecer aquela condição humana, que outrora estava suja pela tenebrosa sujeira dos pecados. Então disseram: “Quem é esta que sobe do deserto alvejada?” (Ct 8,5). Portanto, também os anjos ficam admirados. Queres saber até que ponto eles se admiram? Escuta o apóstolos Pedro dizendo que nos foram concedidas coisas que até os anjos desejam ver. Ouve ainda: “O que olho não viu, nem ouvido ouviu, é o que preparou para aqueles que o amam” (1Cor 2,9).

6. Portanto, reconhece aquilo que recebeste. O santo profeta Davi viu e desejou essa graça. Queres saber quanto ele a desejou? Escuta novamente o que ele disse: “Aspergeme com o hissopo e serei purificado; lavar-me-ás, e me tornarei mais branco do que a neve” (Sl 50,9). Por quê? Porque a neve, embora seja branca, torna-se negra e se corrompe imediatamente com qualquer sujeira; esta graça que recebeste, se conservares o que recebeste, será contínua e perpétua.

7. Vinhas, portanto, desejando, por teres visto tal graça; vinhas ao altar, desejando receber o sacramento. Tua alma diz: “Aproximar-me-ei do altar de Deus, do Deus que alegra a minha juventude” (Sl 42,4). Depuseste a velhice dos pecados, assumiste a juventude da graça. Foi isso que te concederam os sacramentos celestes. De novo, escuta o que Davi diz: “Tua juventude se renovará como a da águia” (Sl 102,5). Tu

começaste a ser boa águia que se lança para o céu e despreza o que é terreno. As boas águias estão em torno do altar: de fato, “onde está o corpo, aí estão também as águias” (Mt 24,28). O altar tem a forma do corpo e o corpo de Cristo está no altar. Vós sois águias renovadas pela ablução da falta.

3. 8. Vieste até o altar, olhaste os sacramentos postos sobre o altar e te admiraste dessa própria criatura; todavia, é uma criatura solene e conhecida.

9. Alguém poderá perguntar: “Deus concedeu tão grande graça aos judeus, fazendo-lhes chover o maná do céu” (cf Ex 16,13-15). O que mais ele deu aos seus fiéis? O que mais ele deu àqueles aos quais mais pro-meteu?

10. Recebe o que digo: os mistérios dos cristãos são mais antigos do que os dos judeus e os sacramentos dos cristãos são mais divinos do que os dos judeus. De que modo? Escuta. Quando os judeus começaram a existir? Certamente desde Judá, bisneto de Abraão, ou, se queres assim entender, desde a Lei, isto é, desde que mereceram receber o direito de Deus. É, portanto, por causa do bisneto de Abraão, que foram chamados judeus no tempo do santo Moisés. Deus, então fez chover do céu o maná para os judeus que murmuravam. Mas para ti, a figura desses sacramentos veio antes, no tempo de Abraão, quando ele reuniu trezentos e dezoito servos, perseguiu os inimigos e arrancou seu neto do cativo. Então voltou vitorioso, e o sacerdote Melquisedec veio ao seu encontro e ofereceu pão e vinho (cf. Gn 14,14-18). Quem tinha o pão e o vinho? Abraão não tinha. Quem os tinha? Melquisedec. É ele, portanto, o autor dos sacramentos. Quem é Melquisedec, que significa rei de justiça, rei de paz? (Hb 7,2). Quem é esse rei de justiça? É possível que algum homem possa ser rei de justiça? Quem é, portanto, rei de justiça, senão a justiça de Deus? Quem é a paz de Deus, a sabedoria de Deus? (cf. 1Cor 1,30). Aquele que pode dizer: “Dou-vos a minha paz, deixo-vos a minha paz” (Jo 14,27).

11. Portanto, de início, compreende que esses sacramentos que recebes são mais antigos do que os sacramentos que os judeus dizem ter, e que o povo cristão começou antes que o povo dos judeus começasse, nós por predestinação, eles por nome.

12. Melquisedec, portanto, ofereceu pão e vinho. Quem é Melquisedec? “Sem pai, sem mãe, sem genealogia, sem início dos dias, nem fim de sua vida, semelhante ao Filho de Deus” (Hb 7,3). Isso consta na epístola aos Hebreus. Sem pai e sem mãe, diz ela. O Filho de Deus nasceu sem mãe pela geração celeste, pois ele nasceu unicamente de Deus Pai. Por outro lado, nasceu sem pai, quando nasceu da virgem. Ele, de fato, não foi gerado por sêmen de homem, mas nasceu do Espírito Santo e da virgem Maria; saído de seio virginal. Semelhante em tudo ao Filho de Deus, Melquisedec era também sacerdote, pois também Cristo é sacerdote e a ele se diz: “Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedec” (Sl 109,4).

4. 13. Quem é, portanto, o autor dos sacramentos, senão o Senhor Jesus? Esses sacramentos vieram do céu, pois todo desígnio vem do céu. Entretanto, é um grande e divino milagre Deus ter feito chover do céu o maná para o povo, de modo que o povo não trabalhava e comia.

14. Talvez digas: “Meu pão é comum. Mas este pão é pão antes das palavras

sacramentais; depois da consagração, o pão se transforma em carne de Cristo. Demonstremos isso. Como pode ser que o pão pode se tornar corpo de Cristo? Com quais palavras se fez a consagração e com palavras de quem? Do Senhor Jesus. Com efeito, todo o resto que se diz antes, é dito pelo sacerdote: louva-se a Deus, dirige-se-lhe oração, pede-se pelo povo, pelos reis (cf. 2Tm 2,12) e pelos outros. No momento em que se realiza o venerável sacramento, o sacerdote já não usa as suas próprias palavras, mas as palavras de Cristo. Portanto, é a palavra de Cristo que produz o sacramento.

15. Qual é a palavra de Cristo? É aquela pela qual todas as coisas foram feitas. O Senhor ordenou e o céu foi feito. O Senhor ordenou, e a terra foi feita. O Senhor ordenou, e os mares foram feitos. O Senhor ordenou e toda criatura foi criada. Vês, portanto, como é eficaz a palavra de Cristo! Se há tanta força na palavra do Senhor Jesus, de modo que as coisas que não existiam começassem a existir, tanto mais é eficaz para que aquela coisa que existiu se transformasse em outra coisa. O céu não existia, o mar não existia, a terra não existia; ouve, porém, o que diz Davi: “Ele disse, e foram feitas; ele ordenou, e foram criadas” (Sl 32,9; 148,5).

16. Portanto, para te responder, antes da consagração não era o Corpo de Cristo, mas te digo que depois da consagração já é corpo de Cristo. Ele disse, e foi feito; ele ordenou, e foi criado. Tu também existias, mas eras uma velha criatura; depois que foste consagrado, começaste a ser uma nova criatura. Queres saber quão grande é a nova criatura? Todo “aquele que está em Cristo é nova criatura” (2Cor 5,17).

17. Escuta, portanto, como a palavra de cristo costuma mudar toda criatura e muda, quando quer, as leis da natureza. Perguntas como? Escuta. Antes de tudo, tomemos o exemplo de seu nascimento. É natural que não se gere homem, a não ser de um homem e de uma mulher, através da relação conjugal. Mas porque o Senhor quis, porque escolheu esse sacramento, Cristo nasceu do Espírito Santo e de uma virgem, isto é, “o homem Jesus Cristo é mediador entre Deus e os homens” (1Tm 2,5). Vês, portanto, que um homem nasceu de uma virgem contra as leis e ordem da natureza.

18. Escuta outra coisa. O povo dos judeus estava encurralado pelos egípcios, sem saída por causa do mar. Por ordem divina, a vara de Moisés tocou as águas e as ondas se dividiram (cf. Ex 14,21), não certamente conforme o costume de sua natureza, mas conforme a graça da ordem divina. Escuta outra coisa. O povo estava com sede e foi até à fonte. A fonte era amarga, o santo Moisés lançou madeira na fonte, e a fonte que era amarga se tornou doce, isto é, mudou o habitual de sua natureza e recebeu a doçura da graça (cf. Ex 15,23-25). Escuta também um quarto exemplo. O ferro do machado caíra na água e, segundo sua habitude de ferro, afundou. Eliseu jogou a madeira e o ferro imediatamente subiu e veio à tona (cf. 2Rs 6,5-6), certamente contra a habitude do ferro, pois é matéria mais pesada do que o elemento das águas.

19. Tudo isso não faz com que entendas o que a palavra celeste realiza? Se a palavra celeste age na fonte terrena, se age em outras coisas, não agirá nos sacramentos celestes? Aprendeste, portanto, que o pão se transforma em corpo de Cristo, e que é o vinho, que é a água que se derrama no cálice, mas que pela consagração celeste se transforma em sangue.

20. Talvez digas: “Não vejo aparência de sangue”. Mas há o símbolo. Do mesmo modo como assumiste o símbolo da morte, assim também bebes o símbolo do precioso sangue, para que não haja nenhum horror de sangue derramado e, no entanto, se realize o preço da redenção. Aprendeste, portanto, que aquilo que recebes é o corpo de Cristo.

5. 21. Queres saber mediante quais palavras celestes se consagra? Escuta quais são as palavras. O sacerdote diz: “Faze para nós com que esta oferta seja aprovada, espiritual, aceitável, porque é a figura do corpo e do sangue de nosso Senhor Jesus Cristo. O qual, antes de sua paixão, tomou o pão em suas santas mãos, olhou para o céu, para ti, Pai santo, Deus todo-poderoso e eterno, deu graças, o abençoou, o partiu, e partindo o deu a seus apóstolos e discípulos, dizendo: ‘Tomai e comei disso todos, porque isto é o meu corpo que será partido para muitos’.”

22. Presta atenção. “Do mesmo modo, tomou também o cálice depois da ceia, antes de sua paixão, olhou para o céu, para ti, Pai santo, Deus todo-poderoso e eterno, deu graças, o abençoou, deu a seus apóstolos e discípulos, dizendo: ‘Tomai e bebei disso todos, porque este é o meu sangue’ ” (cf. Mt 26,26-28; Lc 22,19s; 1Cor 11,23ss). Vê que são todas palavras do evangelista até “tomai”, se-ja o corpo, seja o sangue. A partir daí, são palavras de Cristo: “Tomai e bebei disso todos, porque este é o meu sangue”.

23. Repara também nos pormenores. O qual, antes de sua paixão, tomou o pão em suas santas mãos. Antes da consagração, é pão; mas quando as palavras de Cristo aparecem, é corpo de Cristo. Escuta então o que ele diz: “Tomai e comei disso todos, porque isto é o meu corpo”. Antes das palavras de Cristo, também o cálice está cheio de vinho e de água; do momento em que as palavras de Cristo são usadas, isso torna-se o sangue que redimiu o povo. Vede, portanto, de quais maneiras a palavra de Cristo tem poder para transformar tudo. Além disso, o próprio Senhor Jesus testemunhou-nos que recebemos seu corpo e seu sangue. Por acaso, devemos duvidar da fidelidade do seu testemunho?

24. Volta comigo agora ao meu assunto. De fato, é grande e venerável que o maná tenha chovido do céu para os judeus. Mas procura entender. O que é maior: o maná do céu ou o Corpo de Cristo? Sem dúvida, o corpo de Cristo, que é o criador do céu. Com efeito, aquele que comeu o maná, morreu; quem comer este corpo terá a remissão dos pecados e “não morrerá para sempre” (cf. Jo 6,49-59).

25. Não é sem razão que dizes: “Amém”, confessando em espírito que recebes o corpo de Cristo. Quando te apresentas, o sacerdote te diz: “Corpo de Cristo”, e tu respondes: “Amém”, isto é, “é verdadeiro”. O que a língua confessa, que a convicção o conserve. Para que saibas: este é o sacramento, cuja figura veio antes.

6. 26. Conhece então qual é a grandeza do sacramento. Vê o que ele diz: “Todas as vezes que fizerdes isso, fazei-o em minha memória, até o dia em que eu retornar” (cf. 1Cor 11,26).

27. O sacerdote também diz: “Celebrando, pois, a memória de sua gloriosíssima paixão, da ressurreição dos mortos e da ascensão ao céu, nós te oferecemos esta hóstia imaculada, hóstia espiritual, hóstia incruenta, este pão santo e o cálice da vida eterna, e te pedimos e suplicamos para que aceites esta oferta no teu sublime altar pelas mãos dos

teus anjos, assim como dignaste aceitar as ofertas do teu servo o justo Abel, o sacrifício do nosso patriarca Abraão e o que te ofereceu o sumo sacerdote Melquisedec”.

28. Portanto, todas as vezes que o recebes, o que é que o apóstolo te diz? Todas as vezes que o recebemos, anunciamos a morte do Senhor (1Cor 11,26). Se (anunciamos) a morte, anunciamos a remissão dos pecados. Se, todas as vezes que o sangue é derramado, é derramado para a remissão dos pecados, devo recebê-lo sempre, para que perdoe sempre os meus pecados. Eu que peço sempre, devo sempre ter um remédio.

29. Até agora e também hoje, nós vos demos os esclarecimentos que nos foi possível, amanhã e sábado, porém, falaremos o quanto possível sobre a oração dominical e a ordem da oração. Que o Senhor nosso Deus vos conserve a graça que vos deu e que ele se digne iluminar mais plenamente os vossos olhos que ele abriu, por seu Filho unigênito, rei e salvador, Senhor nosso Deus, pelo qual e com o qual, ele tem o louvor, a honra, a glória, a majestade, o poder, com o Espírito Santo, desde os séculos, agora e sempre, e pelos séculos dos séculos. Amém.

V LIVRO

1. 1. Ontem, o nosso sermão e instrução chegou até os sacramentos do santo altar e soubemos que a figura desses sacramentos foi anterior a Abraão, quando o santo Melquisedec, “que não tem início de dias, nem fim”, ofereceu um sacrifício. Ouve, ó homem, aquilo que o apóstolo Paulo diz aos hebreus. Onde estão aqueles que dizem que o Filho de Deus é temporal? Foi dito que Melquisedec não tem início de dias, nem fim. Se Melquisedec não tem início de dias (Hb 7,3), pode Cristo tê-lo? A figura não é mais do que a realidade. Vês, portanto, que ele é “o primeiro e o último” (Ap 1,17); primeiro, porque é criador de tudo; último, não porque terá fim, mas porque completa tudo.

2. Dissemos que o cálice e o pão têm seu lugar sobre o altar. O que se coloca no cálice? Vinho. E o que mais? Água. Tu, porém, me dizes: “Como assim? Melquisedec ofereceu pão e vinho. O que significa a mistura de água?” Ouve o motivo.

3. Antes de tudo, a figura que a precedeu, no tempo de Moisés, o que contém? Como o povo dos judeus tivesse sede e murmurasse porque não podia encontrar água, Deus ordenou a Moisés que tocasse a rocha com a vara. Tocou a rocha e a rocha jorrou corrente abundante (cf. 17,17), tal como o Apóstolo diz: “Eles bebiam da rocha que acompanhava, ora, a rocha era Cristo” (1Cor 10,4). Não uma rocha imóvel, pois ela acompanhava o povo. Bebe também tu, para que Cristo te acompanhe. Vê o mistério! Moisés, isto é: um profeta; com a vara, isto é: com a palavra de Deus. O sacerdote toca a rocha com a palavra de Deus, a água flui e o povo de Deus bebe. O sacerdote, portanto, toca o cálice, a água extravasa no cálice, jorra para a vida eterna (cf. Jo 4,14), e o povo de Deus que obteve a graça bebe.

4. Aprendeste, portanto, isso. Escuta também outra coisa. No tempo da paixão do Senhor, como o grande sábado se aproximasse, porque nosso Senhor Jesus Cristo ainda vivia e também os ladrões, foram enviadas pessoas para os ferirem. Ao chegar, encontraram nosso Senhor Jesus Cristo morto. Então um dos soldados atingiu o lado dele com a lança e do seu lado saiu água e sangue (cf. Jo 19,31-34). Por que água? Por que sangue? Água para purificar, sangue para redimir. Por que do lado? Porque onde há a culpa, aí também há graça. A culpa veio pela mulher, a graça por nosso Senhor Jesus Cristo (cf. Jo 1,17).

2. 5. Tu te aproximaste do altar. O Senhor Jesus chama a ti, ou a tua alma ou a Igreja e diz: “Que ele me beije com beijos de sua boca” (Ct 1,1). Queres aplicar isso a Cristo? Nada mais agradável. Queres aplicar à tua alma? Nada mais doce.

6. Que ele me beije. Ele vê que és puro de todo o pecado, porque tuas faltas foram lavadas. Por isso, te julga digno dos sacramentos celestes e, por isso, te convida para o celeste convívio: Que ele me beije com beijos de sua boca.

7. Entretanto, pelo que segue, tua alma ou a condição humana ou a Igreja, vendo-se purificada de todos os pecados e digna de poder se aproximar do altar de Cristo (cf. 4,7) — o que é, de fato, o altar de Cristo senão a imagem do corpo de Cristo? — vê os

admiráveis sacramentos e diz: “Que ele me beije com beijos de sua boca”, isto é, que o Cristo me dê um beijo.

8. Por quê? “Porque os teus seios são melhores do que o vinho” (Ct 1,1), isto é: teus pensamentos, teus sacramentos são melhores do que o vinho, daquele vinho que, embora tenha suavidade, tenha alegria, tenha gosto agradável, no entanto há nele uma alegria deste mundo, enquanto em ti há alegria espiritual. De fato, Salomão já representa as núpcias, seja de Cristo com a Igreja, seja do espírito com a carne, seja do espírito com a alma.

9. E acrescenta: “Teu nome é um perfume que escorre; por isso, as donzelas te amaram” (Ct 1,2). Quem são essas donzelas, senão todas as almas que depuseram a velhice deste corpo, renovadas pelo Espírito Santo?

10. “Atrai-nos, e correremos atrás do odor de teus perfumes” (Ct 1,3). Vê o que ele diz: Não podes seguir a Cristo a não ser que ele te atraia. Ainda, para que saibas, ele, diz: “Quando eu for exaltado, atrairei todas as coisas a mim” (Jo 12,32).

11. “O rei introduziu-me em seu aposento” (Ct 1,4). O grego diz: “em sua dispensa” ou “em seu celeiro”, lá onde existem boas bebidas, bons perfumes, mel doce, diversos frutos, várias iguarias, para que tua refeição seja reforçada com numerosas iguarias.

3. 12. Portanto, te aproximaste do altar, recebeste o corpo de Cristo. Escuta de novo quais sacramentos recebeste. Ouve o que diz o santo Davi. Ele previa no Espírito estes mistérios, alegrava-se e dizia que nada lhe faltava. Por quê? Porque quem recebe o corpo de Cristo jamais passará fome (Jo 6,35).

13. Quantas vezes ouviste o salmo 22 e não entendeste. Vê como ele se aplica bem aos celestes sacramentos. “O Senhor me apascenta e nada me faltará. Ele me colocou em lugar de pastagem. Ele me conduziu junto à água que reconforta, ele converteu a minha alma. Mesmo que eu caminhe na sombra da morte, não temerei os males, porque estás comigo. O teu cetro e o teu cajado me sustentam”. O cetro é o poder, o cajado é o sofrimento, isto é, a eterna divindade de Cristo, mas também o seu sofrimento corporal; aquela criou, este redemiu. “Preparaste uma mesa diante de mim contra aqueles que me atribulam. Ungiste a minha cabeça com óleo e o teu corpo inebriante, que é excelente” (Sl 22,1-5).

14. Vós vos aproximastes do altar, recebestes a graça de Cristo, obtivestes os sacramentos celestes. A Igreja se alegra com a redenção de muitos e se rejubila com exultação espiritual por ter junto a si uma família vestida de branco. Encontras isso no Cântico dos cânticos. Ela, que se alegrou, invoca Cristo, tendo preparado um banquete que parece digno de festim celeste. Por isso, diz: “Que meu irmão desça ao seu jardim e colha os frutos de suas árvores” (Ct 5,1). O que são essas árvores frutíferas? Em Adão, tu te transformaste em lenho seco, mas agora, pela graça de Cristo, estais cheios de árvores frutíferas.

15. O Senhor Jesus aceitou de boa vontade e respondeu à sua Igreja com bondade celeste: “Desci ao meu jardim, colhi mirra com meus perfumes, comi meu pão com meu mel, bebi o meu vinho com o meu leite”. Ele diz: “Comei, meus irmãos, e inebriai-vos” (Ct 5,1).

16. Colhi mirra com meus perfumes. O que é esta vindima? Procurai conhecer a vinha e conhecereis a vindima. Ele diz: “Transplantaste do Egito a minha vinha” (Sl 79,9), isto é, o povo de Deus. Vós sois a vinha, vós sois a vindima; plantados como vinha, destes frutos como uma vindima. Colhi mirra com meus perfumes, isto é, no odor que recebestes.

17. Comi meu pão com meu mel. Vês que nesse pão não há nenhuma amargura, mas é todo doçura. Bebi o meu vinho com o meu leite. Vê que se trata de uma alegria que não foi contaminada pelas sujeiras de nenhum pecado. Assim, todas as vezes que bebes, recebes a remissão dos pecados e te inebrias no Espírito. Por isso, o Apóstolo também diz: “Não vos inebrieis com o vinho, mas enchei-vos do Espírito” (Ef 5,18). Quem se embriaga com o vinho tropeça e titubeia; quem se inebria com o Espírito está enraizado em Cristo. É, portanto, uma excelente embriaguez que realiza a sobriedade da mente. São essas coisas sobre os sacramentos que expusemos brevemente.

4. 18. O que resta ainda senão a oração? Não julgueis que é sem importância saber de que maneira deveis orar. Os santos apóstolos pediam ao Senhor Jesus: “Senhor, ensina-nos a orar, como João ensinou a seus discípulos”. Então o Senhor pronunciou esta oração: “Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o teu nome, venha o teu Reino, seja feita a tua vontade assim no céu como na terra. O pão nosso de cada dia dá-nos hoje. Perdoa as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores. E não nos deixes ser induzidos em tentação, mas livra-nos do mal” (Lc 11,1-4; Mt 6,9-13). Vês como essa oração é curta e cheia de todas as qualidades. Como a primeira palavra é cheia de graça!

19. Homem, tu não ousavas levantar o teu rosto para o céu, mas baixavas os teus olhos para a terra, e de repente recebeste a graça de Cristo e todos os teus pecados foram perdoados. De mau servidor, tu foste feito um bom filho. Portanto, não confies em tua ação, mas na graça de Cristo. “Fostes salvos pela graça”, diz o Apóstolo (Ef 2,5). Não a presunção, mas a fé. Proclamar o que recebeste não é soberba, mas devoção. Portanto, levanta os olhos para o Pai, que te gerou pelo banho, para o Pai, que te redimiou por meio de seu Filho, e dize: Pai nosso. É uma pretensão justa, mas moderada. Tu o chamas Pai, como um filho, mas não reivindiques para ti qualquer privilégio. Ele é Pai de modo especial somente de Cristo; para nós todos, ele é o Pai comum, pois ele gerou somente a Cristo, e a nós criou. Dize, portanto, também tu, por graça: “Pai nosso”, para que mereças ser seu filho. Recomenda a ti mesmo ao favor e à consideração da Igreja.

20. Pai nosso que estás nos céus. O que significa nos céus? Ouve o que diz a Escritura: “O Senhor está elevado acima de todos os céus” (Sl 112,4). Tu encontras em todo lugar que o Senhor está acima dos céus dos céus, como se os anjos não estivessem também nos céus, e como também se as dominações não estivessem nos céus, mas naqueles céus dos quais foi dito: “Os céus contam a glória de Deus” (Sl 18,2). O céu está onde cessou a falta; o céu está onde os crimes descansam; o céu está onde não existe nenhuma ferida da morte.

21. Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o teu nome. O que significa seja

santificado? É como se nós desejássemos que fosse santificado aquele que diz: “Sede santos, porque eu sou santo” (Lv 19,2), como se alguma palavra nossa pudesse acrescentar algo à santidade dele. Não! Mas para que ele seja santificado em nós, a fim de que a sua santificação possa chegar a nós.

22. Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o teu nome, venha o teu Reino. Como se o Reino de Deus não fosse eterno! O próprio Jesus diz: “Nele eu nasci” (Jo 18,37), e tu dizes ao Pai: “Que o teu Reino venha”, como se ele não tivesse vindo. Mas o Reino de Deus chegou quando obtivestes a sua graça. De fato, ele próprio diz: “O Reino de Deus está em vós” (Lc 17,21).

23. Venha o teu Reino, seja feita a tua vontade, assim no céu como na terra. O pão nosso de cada dia dá-nos hoje. Todas as coisas foram pacificadas pelo sangue de Cristo tanto no céu como na terra o céu foi santificado e o diabo foi expulso: (cf. Cl 1,20). Ele se encontra agora onde está o homem que ele enganou. Seja feita a tua vontade, isto é, haja paz na terra, assim como no céu.

24. O pão nosso de cada dia dá-nos hoje. Lembro-me do que dizia quando eu tratava dos sacramentos. Eu vos disse que antes das palavras de Cristo o que se oferece chama-se pão; depois que as palavras de Cristo foram pronunciadas, já não se diz pão, mas chama-se corpo. Por que na oração dominical, que segue imediatamente, se se diz: “pão nosso”? Diz, de fato, pão, mas diz *epiôusion*, isto é, substancial. Não é este pão que entra no corpo, mas aquele pão da vida eterna que reconforta a substância da nossa alma. Por isso, diz-se em grego *epiôusios*. O latim chama este pão de cotidiano, porque os gregos chamam o amanhã de *tén epiousan heméran*. Portanto, o que diz o latim e o que diz o grego parecem igualmente úteis. O grego exprimiu os dois sentidos por uma só palavra, e o latim o chama de cotidiano.

25. Se o pão é cotidiano, porque esperarías um ano para recebê-lo, como costumam os gregos fazer no Oriente? Recebe a cada dia o que te é de proveito para cada dia. Vive de tal maneira que mereças recebê-lo a cada dia. Aquele que não merece recebê-lo a cada dia, não merece recebê-lo depois de um ano. Era assim que o santo Jó oferecia a cada dia um sacrifício por seus filhos, para o caso de algum deles haver pecado no coração ou em palavras (cf. Jó 1,5). Tu, portanto, ouves dizer que cada vez que se oferece o sacrifício, mostra-se a morte do Senhor, a ressurreição do Senhor, a ascensão do Senhor (cf. 1Cor 11,26), assim como a remissão dos pecados. E tu não recebes este pão da vida a cada dia? Quem tem uma ferida procura um remédio. É uma ferida estarmos submetidos ao pecado, e o remédio é o celeste e venerável sacramento.

26. O pão nosso de cada dia dá-nos hoje. Se o recebes a cada dia é para ti hoje. Se Cristo é para ti hoje, ele ressuscita cada dia para ti. Como? “Tu és o meu Filho, eu hoje te gerei” (Sl 2,7). Portanto, hoje é quando Cristo ressuscita. “Ele é o mesmo ontem e hoje” (Hb 13,8), diz o apóstolo Paulo. Mas ele diz em outro lugar: “A noite passou, o dia de hoje chegou” (Rm 13,12).

27. Continuando: Perdoa as nossas dívidas assim como nós perdoamos aos nossos devedores. O que é a dívida senão o pecado? Portanto, se não recebesse dinheiro de agiota estrangeiro, não estarias na miséria, e por isso o pecado é atribuído a ti. Tiveste

dinheiro com o qual terias nascido rico. Eras rico, feito à imagem e semelhança de Deus (cf. Gn 1,26-27). Perdeste o que tinhas, isto é, a humildade, quando desejas te vingar da arrogância, perdeste o dinheiro, como Adão te tornaste nu, aceitaste uma dívida do diabo que não era necessária. E assim, tu que eras livre em Cristo, te tornaste devedor do diabo. O inimigo possuía a tua promissória, mas o Senhor a crucificou e a destruiu pelo seu sangue (cf. Cl 2,14), acabou com a tua dívida e te deu novamente a liberdade.

28. Portanto, ele diz bem: Perdoa as nossas dívidas assim como nós perdoamos aos nossos devedores. Vê o que dizes: Como eu perdôo, assim também tu me perdoas. Se perdoares, fazes um bom acordo para que sejas perdoado. Se não perdoas, como fazes acordo com ele?

29. E não nos deixes ser induzidos em tentação, mas livra-nos do mal. Vê o que dizes: E não nos deixes ser induzidos em tentação, à qual não podemos resistir. Não diz: “Não nos induzas em tentação”, mas como o atleta quer uma tentação a que a condição humana possa resistir e que cada um seja libertado do mal, isto é, do inimigo, do pecado.

30. O Senhor, porém, que tirou o vosso pecado e perdoou vossas faltas, é poderoso para vos proteger e guardar contra as insídias do diabo que vos dá combate, para que o inimigo, que costuma gerar a culpa, não vos surpreenda. Mas quem se entrega a Deus não teme o diabo. De fato, “se Deus está conosco, quem contra nós?” (Rm 8,31). A ele, portanto, o louvor e a glória desde os séculos, agora e sempre, e por todos os séculos dos séculos. Amém.

VI LIVRO

1. Assim como nosso Senhor Jesus Cristo é o verdadeiro Filho de Deus, não pela graça como os homens, mas como Filho de Deus da substância do Pai, assim também, como ele mesmo disse, o que recebemos é verdadeira carne e a bebida é o seu verdadeiro sangue (cf. Jo 6,56).

2. Talvez digas — o que naquele tempo disseram também os discípulos de Cristo, quando o ouviram dizer: “Todo aquele que não comer a minha carne e não beber o meu sangue não permanecerá em mim, nem terá a vida eterna” (cf. Jo 6,54) — talvez digas: Como verdadeira? O que eu vejo é aparência, eu não vejo a realidade do sangue.

3. Antes de tudo, eu te disse, a respeito da palavra de Cristo que age, que ele pode mudar e transformar as leis gerais da natureza. Além disso, quando os discípulos de Cristo não suportaram a sua palavra, mas ao ouvirem que ele daria sua carne para comer e daria seu sangue para beber, eles se retiraram (cf. Jo 6,61-62), e apenas Pedro disse: “Tu tens palavras de vida, para onde irei eu longe de ti?” (Jo 6,69). Para que muitos não digam isso, sob o pretexto de certa repugnância do sangue derramado, mas para que a graça da redenção permaneça, recebes então os sacramentos de maneira simbólica; recebes, porém, a graça e a virtude da real natureza.

4. Ele diz: “Eu sou o pão vivo que desci do céu” (Jo 6,41). A carne, porém, não desce do céu, isto é, foi da virgem que ele assumiu a carne na terra. Como então o pão, e o pão vivo, desceu do céu? Porque nosso Senhor Jesus Cristo participa tanto da divindade como do corpo, e tu, que recebes a carne, participas de sua substância divina por esse alimento.

2. 5. Tu participaste, portanto, dos sacramentos e tens pleno conhecimento de tudo, pois foste batizado em nome da Trindade. Em tudo o que fizemos, foi conservado o mistério da Trindade. Em todo lugar estão o Pai, o Filho e o Espírito Santo, uma só operação, uma só santificação, embora pareça haver alguns traços distintivos.

6. Como? É Deus que te ungiu e o Senhor que te marcou com um selo e pôs o Espírito Santo em teu coração. Recebeste, portanto, o Espírito Santo em teu coração. Escuta outra coisa. Assim como o Espírito Santo está no coração, também Cristo está no coração. Como? Entras isso no Cântico dos cânticos, onde Cristo diz à Igreja: “Põe-me como um selo em teu coração, como um selo em teus braços” (Ct 8,6).

7. Deus, portanto, te ungiu e Cristo te marcou com um selo. Como? Foste marcado com a forma de sua cruz, sinal da sua paixão. Recebeste o sinal para te assemelhar a ele, para que ressuscites à sua imagem, vivas ao exemplo dele, que foi crucificado para o pecado e vive para Deus. E o teu homem velho, submerso na fonte, foi crucificado para o pecado, mas ressuscitou para Deus.

8. Em seguida, tens algo de particular: foi Deus que te chamou, e no batismo foste crucificado com Cristo de maneira mais especial; depois, de modo especial, quando recebes o selo espiritual. Vês que existe distinção de pessoas, mas que todo o mistério da

Trindade está conexo.

9. Além disso, o que te disse o Apóstolo, como foi lido antes de ontem? “Há diversidade de graças, mas o Espírito é o mesmo; há diversidade de serviços, mas o Senhor é o mesmo; há diversidade de operações, mas é o mesmo Deus que realiza tudo em todos” (1Cor 12,4-6). É Deus, diz ele, que realiza tudo. Mas foi lido também sobre o Espírito de Deus: “É um só e mesmo Espírito que reparte a cada um como quer” (1Cor 12,11). Ouve a Escritura, a que diz que o Espírito reparte conforme sua vontade e não por obediência. O Espírito, portanto, vos repartiu a graça conforme quer e não como foi mandado, principalmente porque o Espírito de Deus é o Espírito de Cristo. Guardai bem isto: ele é o Espírito Santo, o Espírito de Deus, o Espírito de Deus e o Espírito Paráclito.

10. Os arianos julgam rebaixar o Espírito Santo se o chamarem de Espírito Paráclito. O que é o Paráclito senão o Consolador? Como se não se lesse também que ele é o Deus de consolação. Vês que eles julgam rebaixar o Espírito Santo por aquilo que serve para proclamar o poder do Pai eterno com sentimento de afeto.

3. 11. Escutai agora como devemos orar. São muitas as virtudes da oração. Não é sem importância, nem de menos monta o lugar onde deves rezar. O Apóstolo diz: “Quero que os homens rezem em todo lugar, elevando mãos puras, sem ira e sem discussão” (1Tm 2,8). E o Senhor diz no Evangelho: “Tu, quando rezares, entra em teu quarto e, fechada a porta, reza ao teu Pai” (Mt 6,6). Não te parece coisa contraditória que o Apóstolo diga: “Reza em todo lugar”, e o Senhor diga: “Reza dentro do teu quarto”? Mas não é contradição. Tratemos primeiro disso, depois do modo como deves começar a oração, em que ordem dividi-la, o que deves expor, o que alegar, como concluir a oração e, finalmente, por quem deves rezar. Aprendamos tudo isso.

12. Em primeiro lugar, onde deves orar? Paulo parece dizer uma coisa e o Senhor outra. Será que Paulo pode ensinar algo contrário aos preceitos de Cristo? Certamente não. Por que razão? Porque ele não é adversário, e sim intérprete de Cristo. Com efeito, ele diz: “Sede meus imitadores, assim como eu o sou de Cristo” (1Cor 4,16; 11,1). O quê então? Podes rezar em todo lugar e rezar sempre no teu quarto. Tu tens o teu quarto em todo lugar. Mesmo que estejas entre os pagãos ou entre os judeus, sempre tens em todo lugar o teu segredo. O teu quarto é o teu espírito. Mesmo que estejas no meio do povo, conservas, no entanto, dentro do homem o teu lugar fechado e secreto.

13. Tu, quando rezas, entra em teu cubículo. Ele diz bem: entra, para que não rezes como os judeus aos quais foi dito: “Este povo me honra com os lábios, mas o seu coração está longe de mim” (Is 9,13; Mt 15,8). Que tua oração, portanto, não saia apenas dos teus lábios. Põe toda atenção do teu ânimo, entra no íntimo do teu peito, e entra aí todo inteiro. Que aquele a quem desejas agradar não te encontre negligente. Que ele veja que rezas de coração, para que, rezando de coração, ele se digne ouvir-te.

14. Tu, porém, quando orares, entra em teu quarto. Encontras isso em outro lugar: “Vai, meu povo, entra em teu recesso, esconde-te um pouco, até que passe a ira do Senhor” (Is 26,20). O Senhor disse isso por meio do profeta. No Evangelho, porém, ele diz: “Tu, quando rezares, entra em teu quarto e, fechada a porta, reza ao teu Pai”.

15. O que significa porta fechada? Que porta temos nós? Sabe que tens uma porta

que debes fechar quando rezas. Deus queira que as mulheres ouçam! Tu já ouviste, quando o santo Davi te ensinou, dizendo: “Senhor, põe uma guarda em minha boca e uma porta em torno dos meus lábios” (Sl 140,3). Há também uma porta da qual fala o apóstolo Paulo: “Para que abra para mim a porta da palavra, a fim de falar do mistério de Cristo” (Cl 4,3), isto é: quando rezas, não fiques gritando, não espalhe a tua oração, nem te vanglories no meio das pessoas: reza secretamente em ti mesmo, seguro de que aquele que tudo vê e tudo ouve, pode te ouvir em segredo, e “reza então ao teu Pai escondidamente”. De fato, “aquele que vê o que está escondido” (Mt 6,6), ouve a tua oração.

4. 16. Todavia, perguntemo-nos que proveito tem isso, por qual motivo devemos antes rezar em segredo em vez de rezar aos gritos. Ouve. Tomemos um exemplo do costume dos homens. Se pedes a alguém que logo ouve, não crês seja necessário gritar, mas pedes em voz baixa. Se pedes a um surdo, não comesças a gritar, para que ele te possa ouvir? Portanto, aquele que grita, pensa que Deus só pode ouvi-lo se gritar, e ao pedir a ele, rebaixa o seu poder. Contudo, aquele que reza em silêncio, testemunha sua fé e reconhece que Deus perscruta o coração e os rins, e que ele ouve a tua oração, antes que ela saia de tua boca.

17. Vejamos, portanto: Quero que os homens rezem em todo lugar. Por que motivo ele diz homens? É claro que a oração é comum para as mulheres e os homens. Não vejo motivo, a não ser talvez que o santo apóstolo falou dos homens, para que as mulheres não façam uso disso, compreendendo mal “em todo lugar” e comecem a gritar em todo lugar, quando não podemos suportá-las na Igreja.

18. Quero que os homens, isto é, aqueles que são capazes de observar o preceito, rezem em todo lugar, levantando as mãos puras. O que significa levantando as mãos puras? Significa que debes na tua oração mostrar aos pagãos a cruz do Senhor? É, sem dúvida, um sinal que deve produzir coragem e não vergonha. Todavia, há um meio para rezares sem fazer gesto: eleva teus atos. Se queres realizar o teu gesto eleva as mãos puras pela inocência. Tu não as levantas todos os dias: tu as levantaste uma vez, e não é necessário que as levantes de novo.

19. Quero que os homem rezem em todo lugar, elevando mãos puras, sem ira e sem discussões. Nada de mais verdadeiro. “A ira provoca a perda até dos sábios” (Pr 15,1). Portanto, em toda circunstância, o quanto possível, o homem cristão deve moderar a sua ira, principalmente quando se propõe a rezar. Para que a indignação não perturbe o teu ânimo e para que o furor da ira não impeça a tua oração, dispõe-te quando o teu íntimo está tranqüilo. Por que irritar-te? Teu servo cometeu erro? Tu te dispões à oração para que as tuas próprias faltas sejam perdoadas e te indignas com o outro. Isto é, portanto, o que significa sem ira.

5. 20. Vejamos agora o que significa discussões. Na maioria das vezes, reza-se como negociante: o avaro pensa no dinheiro, outro no lucro, outro na honra, outro na cupidez, e cada um pensa que Deus possa atendê-lo. Portanto, quando rezas, convém que ponhas as coisas divinas antes das coisas humanas.

21. “Também quero que as mulheres rezem sem ostentar seus enfeites e jóias” (1Tm

2,9), diz o apóstolo Paulo. Mas o apóstolo Pedro também diz: “A graça da mulher tem mais importância, para que a boa conduta da mulher transforme os sentimentos do seu marido e para que o descrente se submeta à graça de Cristo” (1Pd 3,1). Esta é a importância da seriedade, da pureza e da boa conduta da mulher: ela chama seu marido à fé e à devoção, efeito produzido freqüentemente pela palavra de homem prudente. “Que a mulher, portanto, não tenha seu ornamento no enfeite dos cabelos ou nas tranças, mas na oração de coração puro, onde se encontra o homem escondido de coração que é sempre rico junto de Deus” (1Pd 3,3-4). Sabes, portanto, em que deves ser rico. A tua riqueza em Cristo são o pudor e a castidade; os ornamentos de tua fé são o fervor e a misericórdia. Estes são os tesouros da justiça, como lembrou o profeta.

22. Em seguida, por onde deves começar? Ouve: Dize-me, se queres pedir a alguém e comesças assim: “Dá-me isto, eis o que te peço”, a tua oração não parece arrogante? A oração, portanto, deve começar com o louvor de Deus, de modo que peças ao Deus todo-poderoso, para o qual todas as coisas são possíveis e que tem vontade de concedê-las. Depois vem a súplica, assim como ensinou o Apóstolo, quando diz: “Exorto-vos que, em primeiro lugar, se façam orações, súplicas, pedidos, ações de graças” (1Tm 2,1). A primeira oração, portanto, deve conter o louvor a Deus, a segunda a súplica, a terceira o pedido, e a quarta a ação de graças. Não deves começar como faminto pelo alimento, mas pelos louvores a Deus.

23. Eis porque estes sábios oradores têm este método para tornar o juiz favorável a si; eles começam por seus louvores, para tornar o árbitro benévolo a si. Depois, pouco a pouco, começa a pedir ao juiz que se digne escutar com paciência. Em terceiro lugar, expõe o objeto da sua postulação, exprimindo o pedido. Em quarto lugar... assim como começou pelos louvores a Deus, do mesmo modo cada um de nós deve terminar com o louvor a Deus e com a ação de graças.

24. Entras isso na oração dominical. “Pai nosso, que estás nos céus”. É um louvor a Deus chamá-lo de Pai, pois nele está a glória da piedade. É um louvor a Deus, por ele habitar nos céus e não na terra. “Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o teu nome”, isto é, que ele santifique os seus servos. Com efeito, o nome dele é santificado em nós, quando os homens são proclamados cristãos. Portanto, santificado seja o teu nome é expressão de um desejo.

“Venha o teu Reino”. Um pedido para que o Reino de Cristo esteja em todos. Se Deus reina em nós, o inimigo não poderá encontrar lugar. Então, a culpa não reina, o pecado não reina, mas reina a virtude, reina o pudor, reina a devoção. Em seguida: “Seja feita a tua vontade assim no céu como na terra. O pão nosso de cada dia dá-nos hoje”. Este é o maior pedido entre os que foram feitos. “Perdoa as nossas dívidas, assim como nós perdoamos” as dívidas “de nossos devedores”. Recebe, portanto, todo dia, para que a todo dia peças a indulgência para a tua dívida. “E não nos deixes induzir em tentação, mas livra-nos do mal”. O que vem em seguida? Ouve o que diz o sacerdote: “Por nosso Senhor Jesus Cristo, no qual e com o qual tens a honra, o louvor, a glória, a majestade e o poder, com o Espírito Santo, desde sempre, agora e para sempre, e por todos os séculos dos séculos. Amém”.

25. Outra coisa. Embora haja apenas um só livro dos Salmos de Davi, que tem todas as qualidades da oração que acima expusemos, todavia, na maior parte do tempo encontram-se todas essas partes da oração num só salmo, como encontramos no salmo 8. De fato, ele começa assim: “Senhor, nosso Senhor, quão admirável é o teu nome sobre a terra!” É a primeira oração. Daí vem a súplica: “Verei os céus, obra de teus dedos”, isto é, verei os céus, “a lua e as estrelas que fixaste”. Ele não diz “verei o céu”, e sim “Verei os céus”, onde a graça começa a alvorecer sobre o esplendor celeste. O profeta prometia para si que tais céus seriam dados àqueles que merecessem do Senhor a graça celeste. A lua e as estrelas que tu fixaste: a lua é a Igreja, as estrelas são os filhos da Igreja que brilham com a luz da graça celeste. Depois, vê o seu pedido: “O que é o homem, para que dele te lembres, ou o filho do homem, para que o visites? Tu o puseste um pouco abaixo dos anjos, tu o coroaste de glória e honra, e o estabeleceste sobre as obras de tuas mãos” (Sl 8,1-8). Em seguida, a ação de graças: “Sob seus pés tudo submeteste, todas as ovelhas e bois, e os animais do campo”, e daí por diante.

26. Ensinamos, conforme a nossa capacidade, talvez aquilo que não aprendemos. Expressamo-nos como pudemos. Que a vossa santidade, instruída pelos ensinamentos sacerdotais, se esforce para reter o que recebeu, a fim de que a vossa oração seja aceita por Deus e que vossa oferta seja como hóstia pura e que ele reconheça sempre em vós o seu sinal, para que possais também vós alcançar a graça e a recompensa das virtudes, por nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual pertence a honra e a glória, o louvor, a eternidade, desde sempre, agora e sempre, e pelos séculos dos séculos. Amém.

SOBRE OS MISTÉRIOS

1. 1. Nós vos demos diariamente instruções morais, enquanto se lia a história dos patriarcas ou as máximas dos Provérbios, para que, formados e instruídos com essas coisas, vós vos acostumeis a entrar nos caminhos dos antepassados, a seguir o seu caminho e a obedecer aos oráculos de Deus, de modo que, renovados pelo batismo, mantenhais o gênero de vida que convém àqueles que foram purificados.

2. No momento, as circunstâncias nos convidam a falar dos mistérios e a dar-vos a explicação dos sacramentos. Se pensamos fazer alusão a isso antes do batismo, quando ainda não tínheis sido iniciados, pensar-se-ia que de nossa parte seria cometer uma traição e não tanto ensinar uma tradição. Por outro lado, a luz dos mistérios penetra melhor naqueles que nada esperam do que se alguma explicação os tivesse precedido.

3. Abri, portanto, os ouvidos e aspirai o bom odor da vida eterna, espalhado sobre vós pelo dom dos sacramentos. É o que vos havíamos notado, quando dizíamos ao celebrar os mistérios da abertura: “Effetha, isto é, abre-te” (Mc 7,34), para que cada um daqueles que viriam à graça soubesse o que lhe seria perguntado e se lembrasse do que deveria responder.

4. Cristo celebrou este mistério no Evangelho, como lemos, quando curou o surdo-mudo. Mas ele lhe tocou a boca, porque curava um mudo e homem: de um lado, ele queria abrir a boca para o som da palavra que aí infundia; de outro, esse toque convinha para um homem, mas não conviria para uma mulher.

2. 5. Depois disso, foi aberto para ti o Santo dos santos e entraste para o santuário da regeneração. Lembra-te do que te perguntaram e recorda o que respondeste: renunciaste ao diabo e às suas obras, ao mundo e sua luxúria e prazeres. Tua palavra é guardada não no túmulo dos mortos, mas no livro dos vivos.

6. Viste lá o levita, viste o sacerdote e viste o sumo sacerdote. Não consideres seu aspecto exterior, mas a graça do ministério deles. Falaste na presença dos anjos, conforme está escrito: “Os lábios do sacerdote são guardiães da ciência e de sua boca procura-se a lei, porque ele é o anjo do Senhor todo-poderoso” (Ml 2,7). Não há erro, não há o que negar, ele é o anjo que anuncia o hino de Cristo, a vida eterna. Não debes avaliá-lo pela aparência, mas pela função. Considera o que ele te transmitiu, aprecia sua função e reconhece a sua dignidade.

7. Tendo entrado para discernir o teu inimigo, ao qual julgavas dever renunciar frontalmente, tu te voltas para o oriente, pois quem renuncia ao diabo, volta-se para Cristo e o olha diretamente na face.

3. 8. O que viste? Viste água, mas não somente: os levitas aí ministravam, o sumo sacerdote interrogava e consagrava. Primeiramente, o Apóstolo te ensinou que “não é preciso olhar o que se vê, mas o que não se vê, pois o que se vê é temporal, enquanto o que não se vê é eterno” (2Cor 4,18). Em outro lugar, encontras que as “coisas invisíveis

de Deus desde a criação do mundo, são compreendidas por meio daquelas que foram feitas; seu poder eterno e sua divindade são avaliados por suas obras” (Rm 1,20). É por isso que o próprio Senhor diz: “Se não credes em mim, crede ao menos nas obras” (Jo 10,38). Crê, portanto, que aí está a presença da divindade. Crês na operação e não crês na presença? De onde viria a operação, se não fosse precedida pela presença?

9. Considera, porém, quão antigo é esse mistério e como foi prefigurado na origem do próprio mundo. No princípio, quando Deus fez o céu e a terra, o Espírito pairava sobre as águas. Aquele que pairava sobre as águas não agia sobre as águas? O que direi? Ele agia. Quanto ao que se refere à presença, ele pairava. Aquele que pairava não agia? Saiba que ele agia nessa criação do mundo, pois o profeta te diz: “Os céus foram firmados pela palavra do Senhor, e todo o poder deles pelo sopro de sua boca” (Sl 32,6). As duas coisas se apoiam num testemunho profético: ele pairava e agia. Moisés diz que ele pairava, e Davi testemunha que ele agia.

10. Eis outro testemunho: toda carne se tinha corrompido por causa de suas iniquidades. Deus disse: “O meu Espírito não permanecerá nos homens, porque eles são carne” (Gn 6,3). Com isso, Deus mostra que a impureza da carne e a mancha de pecado mais grave afastam a graça espiritual. Deus, querendo restaurar o que havia dado, fez o dilúvio e mandou que o justo Noé entrasse na arca. Quando o dilúvio baixava, ele primeiro soltou um corvo, que não voltou; depois, soltou uma pomba, que voltou com um ramo de oliveira. Vês a água, vês a madeira, percebes a pomba e duvidas do mistério?

11. A água é o elemento em que a carne submerge para lavar todo pecado carnal. Aí fica sepultado todo crime. O madeiro é aquele no qual foi pregado o Senhor Jesus, quando sofreu por nós. A pomba é o aspecto no qual desceu o Espírito Santo, como aprendeste no Novo Testamento, aquele que te inspira a paz da alma e a tranqüilidade do espírito. O corvo é a imagem do pecado que sai e não volta, contanto que se conserve em ti a observância e o exemplo do justo.

12. Há ainda um terceiro testemunho, conforme o ensinamento do Apóstolo: “Nossos pais ficaram todos sob a nuvem, todos eles atravessaram o mar e todos eles foram batizados em Moisés, na nuvem e no mar” (10,1-2). Depois, o próprio Moisés diz no cântico: “Enviaste o teu Espírito, e o mar os engoliu” (Ex 15,10). Percebes que já se encontra prefigurado o santo batismo nesta passagem dos hebreus, onde o egípcio perece e o hebreu escapa. O que mais aprendemos todo dia neste sacramento, senão que a culpa é engolida e o erro abolido, enquanto a piedade e a inocência atravessam intactas?

13. Ouves que nossos pais ficaram sob a nuvem e sob uma boa nuvem, que resfria o incêndio das paixões carnis. Sob uma boa nuvem: ela protege aqueles que o Espírito Santo visitou. Depois, ele veio sobre a virgem Maria e o poder do Altíssimo a cobriu com a sua sombra, quando ela gerou a redenção para o gênero humano. Este milagre foi realizado em figura por Moisés. Se o Espírito Santo esteve presente na figura, não estará na realidade, quando a Escritura te diz: “A lei foi dada por Moisés, mas a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo”? (Lc 1,35).

14. Mara era uma fonte amarga. Moisés aí colocou madeira, e ela se tornou doce. A

água, com efeito, sem a menção da cruz do Senhor, não serve em nada para a salvação futura, mas quando ela foi consagrada pelo mistério da cruz salutar, então ela está preparada para servir de banho espiritual e de taça salutar. Assim como Moisés, isto é, o profeta pôs a madeira naquela fonte, também o sacerdote põe nesta a menção da cruz do Senhor, e a água se torna doce para a graça.

15. Portanto, não creias somente nos olhos do teu corpo: vê-se mais o que não se vê, porque este é temporal, aquele é eterno. Vê-se mais aquilo que não é captado pelos olhos, mas que o espírito e a mente discernirem.

16. Em seguida, ensinar-te-á a leitura dos Reis feita a ti. Naamã era sírio, tinha lepra e não pudera ser purificado por ninguém. Então, uma menina entre os escravos disse que havia um profeta em Israel que poderia purificá-lo da praga da lepra. Tomando ouro e prata, ele foi em busca do rei de Israel. Este, sabendo da causa de sua vinda, rasgou a sua roupa, dizendo que se tratava de uma prova, pois exigia-se dele o que não estava ao alcance do seu poder real. Eliseu, porém, intimou o rei que lhe mandasse o sírio, a fim de que ele reconhecesse que existia um Deus em Israel. Quando ele chegou, mandou que mergulhasse sete vezes no rio Jordão.

17. Então, o sírio começou a refletir que os rios de seu país tinham águas melhores do que aquelas e que ele tinha-se banhado freqüentemente sem se ter jamais purificado de sua lepra e estava voltando sem obedecer às ordens do profeta. Entretanto, com o conselho e a persuasão dos servos, aceitou e mergulhou. Purificado imediatamente, ele compreendeu que a purificação de cada um não dependia de cada um, mas da graça.

18. Conhece agora quem é aquela menina entre os cativos, ou seja, a jovem assembléia entre as nações, isto é, a Igreja do Senhor oprimida diante do cativo do pecado, quando ainda não tinha a liberdade da graça. Foi por seu conselho que este vão povo das nações ouviu a palavra profética da qual ele tinha antes por muito tempo duvidado. Depois, porém, que acreditou que era preciso obedecer, foi lavado de todo contágio dos vícios. Antes de ser curado, ele duvidou; tu já foste curado e, portanto, não deves duvidar.

4. 19. Por isso, já te foi dito para creres não só naquilo que vias, a fim de que talvez tu também não digas: “Este é o grande mistério que ‘o olho não viu, nem o ouvido ouviu, nem tem acesso ao coração do homem’?” (1Cor 2,9). Vejo a água que eu via diariamente: esta pode me purificar, se já descí nela muitas vezes e nunca fui purificado? Portanto, saiba que a água não purifica sem o Espírito.

20. Por isso leste que os três testemunhos no batismo são um só: a água, o sangue e o Espírito, porque se tiras um deles, não existe sacramento do batismo. De fato, o que é a água sem a cruz de Cristo, senão elemento comum sem nenhuma utilidade para o sacramento? Por outro lado, não há mistério da regeneração sem a água. Com efeito, “a não ser que tenha nascido da água e do Espírito, não pode entrar no Reino de Deus” (1Jo 5,8). O catecúmeno também crê na cruz do Senhor Jesus pela qual ele foi marcado, mas a não ser que tenha sido batizado em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, não pode receber a remissão dos pecados nem haurir o dom da graça espiritual.

21. Aquele sírio mergulhou sete vezes na Lei; tu, porém, foste batizado no nome da

Trindade. Confessaste o Pai — lembra-te do que fizeste — confessaste o Filho, confessaste o Espírito. Conserva a ordem dos fatos. Nessa fé, morreste para o mundo, ressuscitaste para Deus, e como que sepultado naquele elemento do mundo, morto para o pecado, ressuscitaste para a vida eterna. Crê, portanto, que a água não é inútil.

22. Por isso, te foi dito: “Em certo momento, um anjo do Senhor descia na piscina, a água se agitava e aquele que descesse na piscina depois da agitação da água, ficava curado de qualquer doença que o retinha” (Jo 3,5). Era em Jerusalém que ficava essa piscina, na qual apenas um era curado a cada ano, mas ninguém ficava curado antes que o anjo descesse nela. Portanto, o anjo descia e, como indício de que o anjo descera, a água se agitava. A água se agitava por causa dos incrédulos. Para eles existia um sinal, para ti a fé; para eles, descia um anjo, para ti, o Espírito Santo; para eles, agitava-se uma criatura; para ti, é o Cristo, Senhor da criatura, que age.

23. Naquele tempo, um só ficava curado; agora, todos são curados, ou melhor, um só, que é o povo cristão. De fato, há entre alguns também uma “água mentirosa” (cf Jr 15,18). O batismo dos infieis não cura, não purifica, mas polui. O judeu batiza vasos e copos, como se coisas insensíveis pudessem receber culpa ou graça. Tu, batiza esse teu corpo sensível, no qual brilhem as tuas obras, no qual refulja o esplendor da tua graça. Portanto, aquela piscina era também uma figura para que creias também que a força divina desce nesta fonte.

24. Depois, aquele paralítico esperava um homem. Quem era este senão o Senhor Jesus, nascido da virgem, com a vinda do qual já não é a sombra que sara um a um, mas a verdade que cura todos juntos? Portanto, é este que se esperava que descesse, a respeito do qual o Pai disse a João Batista: “Sobre aquele que vires o Espírito descer do céu e pousar sobre ele, este é aquele que bati-za no Espírito Santo”. É a respeito dele que João testemunhou, dizendo que “viu o Espírito descer do céu como um pomba e pousar sobre ele” (Jo 1,33.32). E aqui, por que o Espírito desceu como pomba, a não ser para que tu vejas, a não ser para que também reconheças que essa pomba, que o justo Noé soltou da arca, tinha sido a imagem desta pomba, para que reconheças o símbolo do sacramento?

25. Talvez digas: Visto que aquele foi uma verdadeira pomba enviada, aqui é como um pomba que desceu, como podemos dizer que lá foi imagem e aqui realidade, pois, segundo os gregos, está escrito que o Espírito desceu “em imagem de pomba?” (Lc 3,22). Contudo, o que há de mais real do que a divindade que permanece sempre? A criatura não pode ser realidade, mas imagem que facilmente se dissolve e muda. Ao mesmo tempo, a simplicidade daqueles que são batizados não deve ser em imagem, mas real. O Senhor também diz: “Sede astutos como as serpentes e simples como as pombas” (Mt 10,16). Portanto, não é sem razão que ele desceu como pomba: foi para nos advertir que devemos ter a simplicidade da pomba. Lemos também a respeito de Cristo que a aparência também pode ser tomada como realidade: “E na aparência ele foi encontrado como homem” (Fl 2,7). Também a respeito do Pai: “Não vistes sequer a sua aparência” (Jo 5,37).

5. 26. É ainda possível que tu duvides, quando o Pai, proclama a ti com toda clareza no

Evangelho: “Este é o meu Filho, no qual pus a minha complacência” (Mt 3,17), quando proclama o Filho, sobre o qual o Espírito Santo mostrou-se como pomba, quando proclama também o Espírito Santo que desceu como pomba, quando proclama Davi: “A voz do Senhor sobre as águas, o Senhor de Majestade trovejou, o Senhor sobre muitas águas” (Sl 28,3), quando a Escritura te testemunha que, pelas orações de Jerobaal, desceu fogo do céu e que, de novo, pela oração de Elias, foi enviado o fogo que consagrou o sacrifício?

27. Não consideres os méritos das pessoas, mas as funções dos sacerdotes. E se olhas para os méritos, assim como consideras Elias, considera também os méritos de Pedro ou de Paulo, que nos transmitiram esse mistério recebido do Senhor Jesus. Aquele fogo visível era enviado para que cressem; para nós, que cremos, age um invisível; para ele em figura; a nós como admoestação. Portanto, creio que o Senhor Jesus está presente, ao ser invocado nas preces dos sacerdotes, ele que disse: “Onde dois ou três estiverem, aí também eu estou” (Mt 18,20). Com maior razão, onde está a Igreja, onde estão os mistérios, aí ele se digna compartilhar a sua presença.

28. Desceste, portanto. Lembra-te do que respondeste: que crês no Pai, crês no Filho, crês no Espírito Santo. Não tens aí: Creio em um maior, em um menor e num último, mas pelo próprio aval de tua palavra, és obrigado a crer no Filho da mesma forma que crês no Pai, crer no Espírito da mesma forma que crês no Filho, com a única exceção que professas ser necessário crer na cruz somente do Senhor Jesus.

6. 29. Depois disso, subiste até o sacerdote. Considera o que seguiu. Não é o que diz Davi: “Como unguento na cabeça, que desce sobre a barba, a barba de Aarão”? (Sl 132,2). Este é o unguento do qual também Salomão fala: “Teu nome é unguento que se espalha, e por isso as jovens te amaram e foram atraídas por ti” (Ct 1,2). Quantas almas renovadas hoje te amaram, Senhor Jesus, dizendo: “Arrasta-nos atrás de ti; nós corremos atrás dos odores de tua veste” (Ct 1,3), a fim de sentir o odor da ressurreição.

30. Compreende por que isso acontece: “os olhos do sábios estão em sua cabeça” (Eclo 2,14). Por conseguinte, ele desce sobre a barba, isto é, na graça da juventude. Desce na barba de Aarão, para que te tornes uma raça eleita, sacerdotal e preciosa. Com efeito, todos nós fomos ungidos como graça espiritual, para formar o Reino de Deus e um sacerdócio.

31. Subiste da fonte. Lembra-te da leitura do Evangelho. De fato, nosso Senhor Jesus, no Evangelho, lavou os pés dos seus discípulos. Quando chegou a Simão Pedro e Pedro lhe disse: “Nunca lavarás meus pés” (Jo 13,8), este não compreendeu o mistério e, por causa disso, recusou o serviço, porque acreditava que a humilhação do servo seria maior se tolerasse sem resistência a homenagem do Mestre. O Senhor lhe respondeu: “Se eu não te lavar os pés, não terás parte comigo.” Ouvindo isso, Pedro disse: “Senhor, não só os pés, mas também as mãos e a cabeça.” O Senhor lhe respondeu: “Quem está lavado, precisa apenas lavar os pés, mas está inteiramente puro” (Jo 13,9-10).

32. Pedro estava puro, mas devia lavar os pés, pois tinha o pecado que vem pela sucessão do primeiro homem, quando a serpente o subjugou e o induziu ao erro. É por isso que se lavam os pés dele, a fim de tirar os pecados hereditários. Portanto, nossos

próprios pecados foram perdoados pelo batismo.

33. Ao mesmo tempo, reconhece que o próprio mistério realiza-se pelo ministério da humildade. De fato, ele disse: “Se eu, que sou Senhor e Mestre, lavei os vossos pés”, quanto mais “deveis também vós lavar os pés um do outro” (Jo 13-14). Com efeito, uma vez que o autor da salvação nos resgatou pela obediência, quanto mais nós, seus servos, devemos oferecer a homenagem da humildade e da obediência!

7. 34. Depois disto, recebeste vestes brancas, para mostrar que despiste o invólucro dos pecados e que te revestiste com as roupas castas da inocência, das quais diz o profeta: “Asperge-me com o hissopo, e ficarei puro; lava-me, e ficarei mais branco do que a neve” (Sl 50,9), vê-se, portanto, que, segundo a Lei e o Evangelho, quem foi batizado, fica purificado. Segundo a Lei, pois Moisés fazia a aspersion do sangue do cordeiro com um ramo de hissopo; segundo o Evangelho, porque as vestes de Cristo eram brancas como neve, quando ele mostrou no Evangelho a glória de sua ressurreição. Aquele que teve a sua culpa perdoada, torna-se mais branco do que a neve. Daí, o Senhor dizer por meio de Isaías: “Se os vossos pecados forem como a púrpura eu os tornarei brancos como neve” (Is 1,18).

35. Depois de ter recebido estas vestes pelo banho da regeneração a Igreja diz no Cântico: “Sou negra e bela, filhas de Jerusalém” (Ct 1,4). Negra por causa da fragilidade da condição humana; bela pela graça; negra, porque composta de pecadores; bela pelo sacramento da fé. Vendo estas vestes, as filhas de Jerusalém ficam admiradas e dizem: “Quem é esta que sobe toda alvejada” (Ct 8,5); ela era negra. Como foi que ficou subitamente alvejada?

36. De fato, até os anjos duvidaram quando Cristo ressuscitou. As potências dos céus duvidaram ao ver a carne subindo ao céu. Diziam então: “Quem é este rei da glória?” Enquanto outros diziam: “Levantai as portas, príncipes; levantai-vos, portas eternas, e o rei da glória entrará” (Sl 7,7-8). Outros duvidavam, dizendo: “Quem é este rei da glória?” Também em Isaías encontra as potências dos céus que duvidavam, dizendo: “Quem é aquele que sobe de Edom? A cor vermelha de suas vestes é de Bosor, e ele é belo em sua veste branca” (Is 63,1).

37. Cristo, entretanto, vendo a sua Igreja vestida de branco — para a qual, como se encontra no livro do pro-feta Zacarias, ele próprio havia tomado vestes sórdidas —, ou a alma pura e lavada pelo banho da regeneração, diz: “Como és bela, minha amiga, como és bela. Teus olhos são como os da pomba” (Ct 4,2), sob a aparência da qual o Espírito Santo desceu do céu. Olhos formosos, como dissemos acima, porque ele desceu como pomba.

38. E depois continua: “Teus dentes são como um rebanho de cabras tosquiadas que sobem do banho. Elas todas tem gêmeos, e nenhuma delas é estéril. Teus lábios são como filete de púrpura” (Ct 4,2-3). Este louvor não é uma coisa medíocre. Primeiro, por causa da doce comparação das cabras tosquiadas: as cabras, com efeito, pastam sem temor sobre as montanhas, como sabemos, e comem tranquilamente em lugares escarpados. Além disso, quando são tosquiadas, ficam livres de algo supérfluo. A Igreja é comparada ao rebanho delas, pois tem em si muitas virtudes das almas que através do

banho, depõem os pecados supérfluos que oferecem a Cristo a fé mística e a graça moral, que falam sobre a cruz do Senhor Jesus.

39. É nelas que a Igreja é formosa. Por isso, o Verbo de Deus lhe diz: “Tu és toda formosa, minha amiga, e em ti não há nenhum defeito” (Ct 4,7), porque a culpa foi engolida. “Vens do Líbano, minha esposa, vens do Líbano; tu passarás e transitarás desde o início da fé” (Ct 4,8), pois, renunciando ao mundo, ela atravessou o século e chegou a Cristo. E de novo o Deus Verbo diz a ela: “Quão bela e suave te tornaste, o amor está entre os teus prazeres. A tua estatura se tornou semelhante à da palmeira e teus seios são os cachos” (Ct 6,7).

40. Ao que lhe responde a Igreja: “Quem te daria, meu irmão, sugar os seios de minha mãe? Encontrando-te fora eu te beijaria e ninguém me desprezaria. Eu te tomaria e te introduziria na casa de minha mãe, no quarto daquela que me concebeu. Tu me instruirias” (Ct 8,1-2). Vês como, satisfeita pelo dom das graças, ela deseja penetrar os mistérios escondidos e consagrar a Cristo todos os seus sentimentos? Ela ainda procura, ela desperta o amor e pede que as filhas de Jerusalém o despertem para ela, isto é, pede às almas fiéis, com a ajuda das quais ela deseja que o esposo seja provocado a amor maior do que o dela.

41. Também o Senhor Jesus, convidado pelo desejo de tão grande amor, pela beleza de seu fascínio e graça, pois naqueles que foram lavados não há mais qualquer sujeira de faltas, diz à Igreja: “Coloca-me como um selo em teu coração, como um selo em teu braço” (Ct 8,6), isto é: tu és bela, minha amiga, tu és muito bela, nada te falta. Coloca-me como um selo em teu coração, para que tua fé resplandeça na plenitude do sacramento. Que tuas obras brilhem também, e mostrem a imagem de Deus, à cuja imagem tu foste feita. Que o teu amor não seja diminuído por nenhuma perseguição; esse amor que as grandes águas não podem excluir e que os rios não podem inundar.

42. Lembra-te, portanto, que recebeste o selo espiritual, “o Espírito de sabedoria e inteligência, o Espírito de conselho e de força, o Espírito de conhecimento e de piedade, o Espírito de temor santo” (Is 11,2-3), e conserva o que recebeste. Deus Pai te marcou com seu selo; o Cristo Senhor te confirmou e infundiu o Espírito em teu coração como penhor, assim como aprendeste pela leitura do Apóstolo.

8. 43. Lavado e com ricos ornamentos, o povo avança para os altares de Cristo, dizendo: “Entrarei até o altar de Deus, ao Deus que alegra a minha juventude” (Sl 42,4). Depondo os despojos do antigo erro, sua juventude é renovada como a da águia, e se apressa para aproximar-se desse banquete celeste. Vem, portanto, e vendo o sacrossanto altar preparado, exclama: “Preparaste à minha frente uma mesa”. É esse povo que faz Davi falar, quando ele diz: “O Senhor me apascenta e nada me faltará; ele me colocou num pasto. Ele me conduz até à água que me reconforta.” E mais abaixo: “Ainda que eu ande na sombra da morte, não temerei o mal, porque tu estás comigo. Teu cetro e teu cajado me sustentaram. Preparaste diante de mim uma mesa bem à frente dos que me afligem. Ungiste a minha cabeça com óleo, e como é excelente a tua taça inebriante!” (Sl 22,5,1-2.4-5).

44. Agora, examinemos isso, para que alguém não vendo as coisas visíveis — pois

não se vê o que é invisível, e os olhos humanos não podem apreendê-lo — talvez diga: Deus fez chover o maná para os judeus, fez chover codornizes, mas para a sua Igreja amada eis o que ele preparou, isso do qual foi feito: “O que o olho não viu, o que o ouvido não ouviu, nem subiu ao coração do homem, isso Deus preparou para aqueles que o amam” (1Cor 2,9). Portanto, para que alguém não diga isso, queremos provar com grande cuidado que os sacramentos da Igreja são mais antigos que os da Sinagoga e superiores ao maná.

45. Que sejam mais antigos, é o que ensina a leitura do Gênesis já feita. Com efeito, a Sinagoga começou a partir da lei de Moisés. Abraão, porém, é muito anterior. Tendo vencido seus inimigos e reencontrado seu sobrinho, ele festejava a vitória. Então, Melquisedec veio até ele e ofereceu aquilo que Abraão recebeu com respeito. Não foi Abraão que ofereceu, mas Melquisedec, que é apresentado “sem pai, sem mãe, sem ter início ou fim de dias, mas semelhante ao Filho de Deus”, do qual Paulo fala aos hebreus que ele “permanece sacerdote para sempre”. Traduzido o seu nome quer dizer “rei de justiça, rei de paz” (Hb 7,2-3).

46. Não reconheces quem ele seja? Pode um homem ser rei de justiça, quando com dificuldade ele é justo? Pode ser rei de paz, quando com dificuldade ele é pacífico? Sem mãe segundo a divindade, porque ele foi gerado por Deus Pai de uma mesma substância com o Pai. Sem pai segundo a encarnação, porque ele nasceu de uma virgem, não tem início, nem fim, porque ele próprio é o início e o fim de tudo, o primeiro e o último. O sacramento que recebeste, portanto, não é dom de homem, mas de Deus, trazido por aquele que abençoou Abraão, o pai da fé, aquele do qual admiras a graça e os atos.

47. Está provado, que os sacramentos da Igreja são mais antigos. Agora, reconhece que eles são superiores. É, de fato, admirável que Deus tenha feito chover o maná para os pais e que eles tenham ficado satisfeitos diariamente com o alimento do céu. É, por isso, que se diz: “O homem comeu o pão dos anjos” (Sl 77,25). Todavia, os que comeram esse pão, morreram todos no deserto. Ao contrário, este alimento que recebes, este “pão vivo que desceu do céu” oferece a substância da vida eterna, e todo aquele que dele comer, “jamais morrerá” (cf. Jo 6,50), pois ele é o corpo de Cristo.

48. Considera, o que é superior: o pão dos anjos ou a carne de Cristo, que certamente é o corpo da vida. Aquele maná vinha do céu; este vem de acima do céu. Aquele era celeste; este é do senhor dos céus. Aquele estava sujeito à corrupção se fosse guardado para o dia seguinte; este é estranho a qualquer corrupção: todo aquele que o sabo-rear com respeito não pode experimentar a corrupção. Para eles, correu água do rochedo; para ti, flui o sangue de Cristo. A água os saciou por um momento; para ti, o sangue te lava para sempre. O judeu bebe e tem sede; tu, porém, quando bebes, não poderás mais ter sede. Aquilo acontecia em figura; isto, na realidade.

49. Se o que admiras é sombra, quão grande é isto, do qual admiras a sombra. Ouve. Foi sombra o que se manifestou aos pais. “Bebiam da pedra que jorrava, mas a pedra era Cristo. Mas de muitos deles Deus não se agradou, pois foram aniquilados no deserto. Isso se realizou em figura para nós” (1Cor 10,4-6). Compreendeste o que vale mais: a luz é preferível às trevas; a realidade à figura; o corpo do Criador ao maná do céu.

9. 50. Talvez digas: “Estou vendo outra coisa. Como podes afirmar que estou recebendo o corpo de Cristo?” É o que ainda nos resta provar. Usaremos grandes exemplos, para provar que não se trata daquilo que a natureza produziu, mas daquilo que a bênção consagrou, pois o poder da bênção é maior do que o da natureza, porque a bênção muda a própria natureza.

51. Moisés segurava sua vara, depois a jogou e ela se transformou em serpente. Depois, pegou a cauda da serpente que voltou à sua natureza de vara. Vês, portanto, que, por causa da graça profética, a natureza foi mudada duas vezes: a da serpente e a da vara. Os rios do Egito faziam correr ondas de água limpa. De repente, o sangue começou a jorrar dos cursos das fontes. Não havia mais água potável nos rios. De novo, a pedido do profeta, o sangue parou e a natureza das águas voltou. O povo hebreu estava cercado por todos os lados. De uma parte, era assediado pelos egípcios; de outra, fechado pelo mar. Moisés levantou a vara: a água se separou e se congelou numa espécie de muralha, e apareceu entre as ondas um caminho onde se podia andar. O Jordão, contra a sua natureza, voltou para a fonte de onde nasce. Não é evidente que a natureza das ondas do mar ou do curso dos rios foi mudada? O povo dos pais sentia sede; Moisés tocou a pedra e a água correu da pedra. Por acaso, a graça não agiu de maneira superior, para que a pedra vomitasse a água que a sua natureza não possuía? Mara era um rio amaríssimo, de modo que o povo sedento não podia beber. Moisés pôs madeira na água e a natureza das águas perdeu seu amargor, que a graça espalhada temperou imediatamente. Sob o profeta Eliseu aconteceu a um filho de profeta que o ferro do machado soltou-se e imediatamente afundou. Aquele que perdera o ferro, rogou a Eliseu. Eliseu colocou madeira na água e o ferro veio à tona. Sabemos que também isso foi feito de modo superior à natureza, pois o ferro é mais pesado do que o líquido da água.

52. Constatamos, portanto, que a graça tem maior poder do que a natureza e ainda medimos a graça da bênção profética. Com efeito, se a bênção de um homem teve poder suficiente para mudar a natureza, que diremos da consagração feita pelo próprio Deus, onde agem as próprias palavras do Senhor Salvador? De fato, este sacramento que recebes é produzido pela palavra de Cristo. Se a palavra de Elias teve tanto poder, de modo a fazer o fogo descer do céu, a palavra de Cristo não terá poder de mudar a natureza dos elementos? A respeito das obras do universo inteiro leste que “ele disse, e as coisas foram feitas; ele ordenou, e elas foram criadas” (Sl 32,9; 148,5). A palavra de Cristo, que pode fazer do nada o que não existia, não poderá mudar as coisas que existem naquilo que elas não eram? Não é coisa menor produzir coisas novas do que mudar as naturezas.

53. Mas para que nos servir de argumentos? Sirvamo-nos de seus exemplos e estabeleçamos pelos mistérios da encarnação a verdade do mistério. Por acaso, o curso da natureza precedeu o nascimento do Senhor Jesus de Maria? Se procurarmos a ordem, a mulher costuma conceber depois das relações com um homem. É evidente, portanto, que a Virgem concebeu fora da ordem da natureza. E aquilo que nós produzimos é corpo nascido da Virgem. Por que procuras a ordem da natureza no corpo de Cristo, quando o próprio Senhor Jesus foi concebido por uma virgem fora do curso da natureza? É a

verdadeira carne de cristo que foi crucificada, que foi sepultada. Portanto, é de fato o sacramento da carne dele.

54. O próprio Senhor Jesus proclama: “Isto é o meu corpo”. Antes da bênção com as palavras celestes é chamada por outra espécie; depois da consagração, é o corpo que é designado. Ele mesmo diz que é o seu sangue. Antes da consagração é chamado de outro modo; depois da consagração, é chamado sangue. E tu dizes: “Amém”, isto é: É verdadeiro. O que a boca pronuncia seja reconhecido pela mente interna; que o íntimo sinta o que a palavra exprime.

55. É, portanto, com esses sacramentos que Cristo alimenta a sua Igreja; por eles é fortalecida a substância da alma. E com razão, ao ver seus progressos constantes na graça, ele lhe diz: “Como teus seios são belos, minha irmã, minha esposa! São mais belos do que o vinho, e como o odor de tuas vestes ultrapassa o de todos os perfumes! Teus lábios destilam mel, ó esposa. Há mel e leite sob a tua língua, e o odor das tuas vestes é como o odor do Líbano. És um jardim fechado, minha irmã, minha esposa. Um jardim fechado, uma fonte lacrada” (Ct 4,10-12). Isso significa que o mistério deve permanecer selado em ti, de modo a não ser violado pelas obras de uma vida má, nem pela perda da castidade, nem divulgado para aqueles aos quais não convém, nem seja espalhado entre os descrentes com palavras banais. Deves guardar bem a tua fé, a fim de que a tua vida e o teu silêncio permaneçam inviolados.

56. É por isso que a Igreja, respeitando a profundidade dos mistérios celestes, rejeita para longe de si as violentas tempestades de ventos e convida a suavidade da graça da primavera. E, sabendo que o seu jardim não pode desagradar a Cristo, ela chama o esposo e diz: “Levanta-te, Aquilão, e vem vento sul: sopra no meu jardim para que os meus perfumes se espalhem. Que meu irmão desça ao seu jardim e coma o fruto de suas árvores frutíferas” (Ct 4,16-5,1). Com efeito, há boas árvores que dão fruto, que lançaram suas raízes no curso da fonte sagrada, e que brotaram com fecundidade desconhecida, para produzir bons frutos, a fim de não serem mais cortadas pelo machado profético, mas se enraízem na fecundidade do Evangelho.

57. Em seguida, o Senhor, também alegre com a sua fertilidade, responde: “Entre em meu jardim, minha irmã, minha esposa. Colhi a minha mirra com os meus perfumes, comi o meu alimento com o meu mel, bebi a minha bebida com o meu leite” (Ct 5,1). Por que falei de alimento e de bebida? Compreende, tu que és fiel. Não há dúvida que é em nós que ele come e bebe, assim como leste que é em nós que ele se diz aprisionado.

58. Também a Igreja, vendo tamanha graça, exorta seus filhos, exorta seus próximos a acorrerem aos sacramentos, dizendo: “Comei, meus amigos, bebei e embriagai-vos, meus irmãos”. O que comeremos, o que beberemos, o Espírito Santo o exprimiu em outro lugar, por meio do profeta, dizendo: “Provai e vede como o Senhor é bom; feliz aquele que nele confia” (Sl 33,9). Cristo está nesse sacramento, porque é o corpo de Cristo. Não é, portanto, um alimento corporal, e sim espiritual. Também o Apóstolo disse de sua imagem: “Nossos pais comeram um alimento espiritual; eles beberam uma bebida espiritual” (1Cor 10,3). Com efeito, o corpo de Deus é espiritual, o corpo de Cristo é o corpo do Espírito divino, porque Cristo é Espírito, como lemos: “Cristo Senhor é Espírito

diante de nossa face” (Lm 4,20). E na epístola de Pedro temos: “Cristo morreu por vós” (1Pd 2,21). Finalmente, este alimento fortalece o nosso coração e esta bebida alegra o coração do homem, como lembrou o profeta.

59. Portanto, após ter recebido tudo, nós sabemos que somos regenerados. Não digamos: “Como fomos regenerado? Será que entramos no ventre de nossa mãe e renascemos? Não reconheço nisso o curso da natureza”. Mas não há nenhuma ordem da natureza, aqui onde se encontra a excelência da graça. Ademais, não é sempre o curso habitual da natureza que produz a geração: nós professamos que Cristo Senhor foi concebido de uma virgem e negamos a ordem da natureza. Com efeito, Maria não concebeu de um homem, mas ficou grávida pelo Espírito Santo, como diz Mateus: “Ela se encontrou grávida pelo Espírito Santo” (Mt 1,18). Portanto, se o Espírito Santo, vindo sobre uma virgem, produziu a concepção e realizou a obra da geração, não deve haver dúvida que o Espírito Santo, vindo sobre a fonte ou sobre aqueles que se apresentam para o batismo, não realize a verdade da regeneração.

SOBRE A PENITÊNCIA

I LIVRO

1. 1. Se o mais alto grau das virtudes é o que tem por fim o proveito da maioria, a moderação é com certeza a mais bela de todas; ela nem mesmo ofende aqueles que condena, e costuma tornar dignos de absolvição aqueles que teria condenado. Enfim, ela é a única que há de propagar a Igreja adquirida pelo sangue do Senhor (cf. At 20,28); é a imagem do benefício celeste e da redenção de todos; não ultrapassa o sensato limite que os ouvidos humanos podem suportar, que os espíritos não recusam e as almas não temem.

2. Com efeito, quem se esforça para corrigir os vícios da fraqueza humana, deve suportar a própria fraqueza sobre seus ombros, sentir-lhe de certa forma o peso, e não rejeitá-la. Pois se lê que aquele pastor do evangelho carregou a ovelha (cf. Lc 15,5) fatigada, não a abandonou, e Salomão diz: “Não queiras ser justo em excesso” (Ecl 7,17). Assim, a moderação deve temperar a justiça; pois como pode apresentar-se a ti para ser curado alguém que te cause fastio, alguém que pense que será para seu médico objeto de desprezo e não de compaixão?

3. Por isso o Senhor Jesus sofreu conosco para chamar-nos a si, não para afastar-nos de si. Veio manso, veio humilde (cf. Mt 11,29); ele diz, enfim: “Vinde a mim todos vós que estais fatigados, e eu vos reconfortarei” (Mt 11,28). Portanto, o Senhor Jesus reconfortou, não excluiu nem rejeitou; e com razão escolheu discípulos tais que, intérpretes da vontade do Senhor, reunissem o povo de Deus — e não o repudiassem.

Por conseguinte, está claro que entre os discípulos de Cristo não podem ser contados os que recomendam a dureza em lugar da mansidão, a soberba em lugar da humildade; para si mesmos procuram a misericórdia de Deus e negam-na aos outros; tais são os doutores dos novacianos, que chamam a si mesmos de “puros”.

4. Pode haver maior soberba, quando a Escritura diz que “Ninguém é puro de pecado, nem uma criança de um dia”? (Jó 14,4-5). E Davi clama: “Do meu pecado purifica-me” (Sl 50,4). Seriam estes mais santos do que Davi, de cuja família Cristo escolheu nascer, pelo mistério da encarnação? Cujas posteridade é o átrio do céu, o útero virginal que acolheu o redentor do mundo? Por outro lado, o que pode ser mais puro do que impor uma penitência que não acaba? Negando o perdão em qualquer circunstância, tiram o incentivo da penitência. Com efeito, ninguém pode fazer bem a penitência se não esperar indulgência.

2. 5. Entretanto, eles negam a comunhão aos que caíram na apostasia. — Se fizessem exceção tão-somente para o crime de sacrilégio, negando-lhe perdão, seriam certamente duros, mas em todo caso pareceriam refutados apenas pelas palavras divinas, e estariam

de acordo com suas próprias asserções. O Senhor, com efeito, não fez exceção para nenhum crime, porque perdoou todos os pecados. Porém, mais ou menos como os estóicos, os novacianos pensam que todos os pecados devem ser avaliados pelas mesmas medidas; sustentam que tanto aquele que estrangular um galo do galinheiro, como dizem, quanto aquele que estrangular o pai, devem ser definitivamente banidos dos mistérios celestes. Como, pois, podem levantar objeção para os culpados de um único tipo de crime, se nem eles mesmos podem negar que é uma grande injustiça estender a muitos a pena de poucos?

6. Dizem eles, porém, que prestam reverência ao Senhor, o único a quem reservam o poder de remir os crimes. — Pelo contrário, ninguém lhe faz maior injúria do que aqueles que querem anular seus mandamentos, rejeitar o encargo que lhes foi confiado. Pois se o próprio Senhor Jesus diz em seu Evangelho: “Recebei o Espírito Santo, e a quem perdoardes os pecados, ser-lhe-ão perdoados, e a quem os retiverdes, ser-lhe-ão retidos” (Jo 20,22-23) — quem é que o honra mais: aquele que obedece a seus mandamentos ou aquele que resiste a eles?

7. A Igreja presta obediência em ambos os casos, liga e desliga o pecado. A heresia, cruel aqui, desobediente ali, quer ligar aquilo que não desliga, não quer desligar aquilo que ligou. E nisso se condena por suas próprias asserções. O Senhor, com efeito, quis que o direito de desligar fosse igual ao de ligar; foi ele que concedeu um e outro nas mesmas condições. Portanto, aquele que não tem o direito de desligar, também não tem o de ligar. Com efeito, assim como, segundo a palavra do Senhor, quem tem o direito de ligar, tem igualmente o de desligar — assim também a afirmação dos novacianos enforca-se por si só: se eles negam a si mesmos o direito de desligar, devem negar também o de ligar. Como, pois, pode um direito ser legítimo e o outro não? Para quem um e outro foram concedidos, é claro que ambos são legítimos, ou é certo que ambos não o são. Para a Igreja, um e outro são legítimos, mas para a heresia não o é nem um nem outro; este direito, na verdade, é concedido só aos sacerdotes. Portanto é com razão que a Igreja o reivindica, porque ela tem verdadeiros sacerdotes; a heresia não pode reivindicá-lo, porque não tem sacerdotes de Deus. Ao não reivindicá-lo, porém, ela está declarando a seu próprio respeito que não tem sacerdotes, e por isso não deve reivindicar para si um direito sacerdotal. Assim, em sua atrevida obstinação, descobrimos uma discreta confissão.

8. Considera também o seguinte: quem recebe o Espírito Santo, recebe o poder de desligar e ligar pecados. Pois assim está escrito: “Recebei o Espírito Santo; àqueles a quem perdoardes os pecados ser-lhes-ão perdoados, e àqueles a quem os retiverdes, ser-lhes-ão retidos” (Jo 20,22-23). Portanto, quem não pode desligar o pecado, não tem o Espírito Santo. Com efeito, é um dom do Espírito Santo a função do sacerdote; por outro lado, há um direito do Espírito Santo no fato de desligar e ligar os crimes. Como, pois, reivindicam os novacianos o dom daquele cujo direito e poder não reconhecem?

9. Como podem ser tão arrogantes? De fato, o Espírito de Deus é mais disposto à misericórdia do que à severidade; contudo, o que ele diz querer, eles não querem, e o que ele diz não querer, isto eles o fazem — embora punir seja a função de quem julga, e

perdoar de quem exerce a misericórdia. Portanto, ó novaciano, seria mais tolerável desligares do que ligares; num caso, mesquinho para com o pecador, é como se o despojasses; no outro, compassivo com suas tribulações, é como se lhe perdoasses.

3. 10. Porém, eles dizem que, com exceção dos crimes mais graves, concedem perdão aos mais leves. — Novaciano, o criador do vosso erro, absolutamente não diria isto; ele julgava que a ninguém se devia dar penitência, quer dizer: percebia que aquilo que ele próprio não podia desligar, não deveria ligar; desse modo, sem ligar, não suscitava esperança de que pudesse desligar. Neste ponto, pois, condenais vosso pai com vossas próprias palavras, porque fazeis distinção entre os pecados que pensais poder desligar e aqueles que julgais não terem remédio. Porém Deus não faz distinção; ele prometeu sua misericórdia a todos e deu permissão de perdoar a seus sacerdotes, sem uma única exceção. Entretanto, quem acumulou culpas, que acumule também penitência; pois os maiores crimes são lavados por lágrimas mais copiosas. Assim não se pode aprovar nem Novaciano, porque fechou o perdão para todos, nem a vós, seus discípulos que o seguis e condenais, porque diminuíis o zelo da penitência quando é preciso aumentá-lo; com efeito, a misericórdia de Cristo ensinou que os pecados mais graves precisam ser sustentados por esteios mais fortes.

11. Que loucura é esta, de reivindicar para vós o que é possível conceder, e reservar para Deus — como vós mesmo dizeis — o que é impossível? Isto significa escolher para si os casos de perdão e deixar para Deus a matéria de castigo. E onde fica a Palavra que diz: “Seja Deus verdadeiro, e todo homem mentiroso, como está escrito: Para que sejas justo em tuas palavras e obtenhas a vitória quando fores julgado” (Rm 3,4; Sl 50,6)? Para que saibamos, pois, que Deus é mais indulgente na misericórdia do que implacável na severidade, ele mesmo diz: “Quero mais a misericórdia do que o sacrifício” (Os 6,6). Como, pois, pode ser agradável a Deus o vosso sacrifício, se negais misericórdia, quando ele mesmo diz que não quer a morte do pecados mas a sua correção (cf. Ez 18,23;33,11)?

12. O Apóstolo, interpretando-o, diz: “Deus, enviando seu Filho na semelhança da carne de pecado, e em vista do pecado, condenou o pecado na carne, para que a justiça da lei se cumprisse em nós” (Rm 8,3-4). Não diz “na semelhança da carne”, porque Cristo tomou a verdade da carne humana; nem diz “na semelhança do pecado”, porque “Ele não fez pecado” (cf. 1Pd 2,22), mas se fez pecado por nós (cf. 1Cor 5,21). Mas veio “na semelhança da carne do pecado”, isto é: tomou a semelhança da carne pecadora. Por isso “semelhança”, porque está escrito: “Ele é homem, e quem o reconheceu?” (Jr 17,9). Ele era “homem” na carne conforme o homem, e podia ser reconhecido, mas na virtude era superior ao homem, e não se pode reconhecê-lo. Assim, pois, ele tinha nossa carne, mas sua carne não tinha nossos vícios.

13. Com efeito, não foi gerado, como todos os homens, pela união de um homem e uma mulher, mas, nascido do Espírito Santo e da Virgem, recebeu um corpo imaculado, ao qual não só nenhuma espécie de vício havia manchado, como ainda nem mesmo a união aviltante da geração ou concepção havia sujado. Pois todos os homens nascemos sob o pecado; o próprio Davi nasceu no vício, como podes ler, quando ele diz: “Eis pois

que fui concebido na iniquidade, e no pecado minha mãe me deu à luz” (Sl 50,7). Por isso a carne de Paulo era um corpo de morte, como ele próprio diz: “Quem me libertará desse corpo de morte?” (Rm 7,24). A carne de Cristo, porém, condenou o pecado, que ele não experimentou ao nascer, e que crucificou ao morrer; para que em nossa carne passasse a existir a justificação pela graça, onde antes só existia um amontoado de impurezas, por causa da culpa.

14. “O que podemos, pois, dizer diante disso”, senão aquilo que disse o Apóstolo: “Se Deus é por nós, quem está contra nós? Aquele que não poupou seu próprio filho, mas entregou-o por nós todos, como não nos dará também com ele todas as coisas? Quem acusará os eleitos de Deus? É Deus quem o justifica; quem poderá condená-los? Cristo, que morreu, mais ainda, que ressuscitou, que está à direita de Deus, que também intercede por nós?” (Rm 8,31-34). Portanto, aqueles pelos quais Cristo intercede são os que Novaciano acusa. Aqueles que Cristo remiu para a salvação, Novaciano os condena à morte. Àqueles a quem Cristo diz: “Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, que sou manso” (Mt 11,29) — Novaciano diz: Sou cruel. Àqueles a quem Cristo diz: “Encontrareis repouso para vossas almas, pois o meu jugo é suave e o meu fardo é leve” (Mt 11,29-30), a estes Novaciano impõe um fardo pesado e um jugo duro.

4. 15. Quão propenso é, pois, à misericórdia o Senhor Jesus! Embora as palavras precedentes o mostrem à saciedade, ele próprio te ensina também; quando quer instruir-nos contra o ataque da perseguição, diz: “Não queirais temer aqueles que matam o corpo, porém não podem matar a alma; contudo teme mais aquele que pode lançar a alma e o corpo na geena” (Mt 10,28); e abaixo diz: “Pois todo aquele que me confessar diante dos homens, também eu o confessarei diante de meu Pai que está nos céus. Aquele, porém, que me negar diante dos homens, também eu o negarei diante de meu Pai que está nos céus” (Mt 10,32-33).

16. Quando ele confessa, confessa em favor de todos, a todos abraça; quando ele nega, não nega a todos. Com efeito, assim como está acima: “Todo aquele que me confessar, também eu o confessarei”, isto é, todo, seria lógico que abaixo também voltasse a dizer: “Todo aquele, porém, que me negar”. Mas para não parecer que ele nega a todos, assim prosseguiu: “Aquele, porém, que me negar diante dos homens, também eu o negarei”. Promete a graça a todos e não ameaça a todos com o dano. Quando se trata de compaixão, ele exagera; quando se trata de punição, ele atenua.

17. E assim está escrito não só no livro do evangelho do Senhor Jesus Cristo segundo Mateus, mas também se lê no evangelho narrado segundo Lucas, para que saibas que não foi por acaso que ambos referimos isto.

18. Nós dissemos o que está escrito, juntemos o sentido. Diz Jesus: “Todo aquele que me confessar”, isto é: seja qual for sua vida, seja qual for seu estado, quem me confessar eu o recompensarei por sua confissão. Como se diz “todo”, ninguém que confesse está excluído da recompensa. Não se diz de modo semelhante que todo aquele que negar será negado; pode, pois, acontecer que alguém, vencido por suplícios, negue com palavras e adore com o coração.

19. Sobre o mesmo caso o de quem nega espontaneamente e o de quem foi forçado

ao sacrilégio pelos suplícios, não pela vontade? Quando diante dos homens é reconhecido o mérito do combate, que indignidade pretender que não o seja diante de Deus! De fato, muitas vezes neste combate profano entre atletas, a multidão costuma coroar junto com os vencedores também os vencidos notáveis pelo modo de combater, sobretudo aqueles que ela vê privados da vitória por um logro casual ou fraude. E Cristo? Suportaria que ficassem sem perdão seus atletas, que viu cederem um momento por causa de grandes suplícios?

20. Não levará em consideração o argumento do esforço aquele que não rejeita para sempre nem mesmo os que rejeita? Diz com efeito Davi: “Deus não rejeitará para sempre” (cf. Sl 76,8); em oposição a ele, haveremos de ouvir a heresia que diz: “Rejeita para sempre?” “Nem no final, diz ele, Deus tirará sua misericórdia de geração em geração, ou se esquecerá de ter piedade” (cf. Sl 76,9-10): assim clama o profeta. E existem pessoas que insinuam certos esquecimentos da piedade de Deus...

5. 21. Dizem, porém, que fazem esta afirmação para não parecer que consideram Deus sujeito a mudanças, no caso de ele perdoar àqueles contra quem estivera irado. E então? Repudiaremos os oráculos divinos e seguiremos as opiniões destas pessoas? Deus não deve ser conhecido por opiniões alheias, mas por suas próprias palavras. Com efeito, podemos anunciar um sinal mais evidente da sua misericórdia do que este: aqueles que ele ameaçava em sua cólera por meio do profeta Oséias, logo em seguida perdoa, reconciliado com eles? Diz com efeito: “O que farei para ti, Efraim, ou o que farei para ti, Judá?” (Os 6,4) e abaixo: “Como te estabelecerei? Vou tornar-te como Adama e como Seboim” (Os 11,8). Mesmo indignado, como que movido por afeto paterno, hesita sobre a maneira de entregar ao castigo aquele que errou. Embora o judeu o mereça, Deus, contudo, ainda reflete consigo mesmo. Mas imediatamente aquele que dissera: “Eu te farei como Adama e como Seboim”, duas cidades vizinhas de Sodoma que compartilharam destruição semelhante (cf. Dt 29,23), diz assim: “Está mudado por dentro meu coração, está conturbado o meu arrependimento, não agirei segundo a ira do meu furor” (Os 11, 8-9).

22. Não é, pois, evidente que o Senhor Jesus se indigna conosco quando pecamos, para chamar-nos à conversão pelo terror da sua indignação? Portanto a sua indignação não é a administração de um castigo, mas sobretudo uma obra de perdão. Pois assim diz ele: “Se te converteres e chorares, então serás salvo” (Is 30,15). Portanto ele espera nossos gemidos, mas nesta vida, para nos remir dos gemidos eternos; espera nossas lágrimas para aprofundar sua piedade. Assim, no evangelho, ressuscitou o filho da mãe viúva, comovido por suas lágrimas (cf. Lc 7,11-17). Ele espera nossa conversão para que ele próprio também se volte para a graça, a qual persistirá em nós, se não formos arrastados por nenhum erro. Mas como, por causa dos nossos pecados, contraímos culpa, ele se indigna para que nos humilhemos. Nós nos humilhamos para que sejamos mais dignos de compaixão do que de castigo.

23. Que te ensine retamente Jeremias, ao dizer que “O Senhor não rejeitará para sempre, porque ainda que humilhe, ele se compadecerá segundo a imensidão de sua misericórdia. Quem não humilhou de todo o seu coração, também não rejeitou os filhos

dos homens” (Lm 3,31-33). Certamente lemos isto nas Lamentações de Jeremias e destas palavras ou das que se lhes seguem inferimos que ele humilha “sob seus pés todos os prisioneiros da terra ”(cf. Lm 3,34), para que possamos esquivar-nos de seu julgamento. Porém não é de todo o coração que ele humilha o pecador até a terra, porque também “da terra” ele levanta “o indigente e do esterco ergue o pobre” (cf. Sl 112,7); não humilha, pois, de todo o coração aquele que se reserva ao perdão.

24. Se não humilha de todo o coração o pecador, quanto mais não é de todo o coração que humilha aquele que não pecou de todo o coração! Pois assim como ele diz a respeito dos judeus: “Este povo me honra com os lábios, mas o seu coração está longe de mim” (Mt 15,8), talvez diga a respeito de alguns que cederam: Estes me negaram com os lábios, mas no coração estão comigo. Venceu-os o sofrimento, não os perverteu a traição. É pois sem motivo que alguns negam o perdão a estes, cuja fé o próprio perseguidor confessou, a ponto de esforçar-se por derrubá-la com tormentos. Negaram uma vez, mas confessam todo dia. Negaram com a palavra, mas confessam com gemidos, confessam com lamentações, confessam com lágrimas, confessam com palavras livres, não sob coação. Cederam por um momento à tentação do diabo, mas até o diabo depois se afastou daqueles que não pôde reivindicar para si. Cedeu às lágrimas, cedeu à sua penitência. Apoderou-se deles quando não lhe pertenciam, perdeu-os quando eram seus.

25. Acaso não é como se alguém levasse prisioneiro o povo de uma cidade vencida? É levado prisioneiro, mas contra a vontade; marcha para terras estrangeiras por necessidade, porém no mais profundo de seu sentimento não emigra, leva a pátria consigo em espírito, procura uma ocasião para voltar. E então? Desta forma, quando voltar, será que existe alguém que aconselhe a não recebê-lo, ou, talvez, a recebê-lo com menos honras, preocupado sobretudo com que o adversário não tenha motivo de provocação? Se perdoas ao homem armado, que pôde resistir, não perdoarás àquele em que somente a fé combatia?

26. Se pedirmos a opinião do próprio diabo sobre os que cederam desta forma, será que ele não diria: “Este povo me honra com os lábios, mas seu coração está longe de mim (cf. Mt 15,8)? Com efeito, como pode estar comigo quem não se afasta de Cristo? Eles parecem honrar-me sem motivo, pois guardam a doutrina de Jesus; eu julgava, porém, que ensinariam a minha doutrina. Com efeito, eles a condenam mais severamente em abandonando aquilo que eles descobriram. Certamente Jesus é mais glorificado neles, ao aceitá-los quando voltam a ele. Exultam todos os anjos, porque “há mais alegria no céu por um só pecador que faça penitência do que por noventa e nove justos que não precisam de penitência” (Lc 15,7). No céu e na terra o triunfo é arrebatado de mim. Nada está perdido para Cristo quando estes que vieram para mim com lágrimas, com desejo voltam para a Igreja. E por causa do exemplo deles corro perigo até pelos meus: terão aprendido que nada existe aqui, onde os homens não são atraídos nem por recompensas presentes — e que muito mais existe lá, onde os gemidos, as lágrimas, os jejuns são preferidos aos meus banquetes”.

6. 27. São estes, pois, ó novacianos, os que vós excluí? Com efeito, que outra coisa

significa excluir, senão negar a esperança de perdão? Entretanto o samaritano não passou ao largo daquele que os ladrões tinham abandonado semimorto e curou-lhe as feridas com óleo e vinho; tendo-o banhado com óleo para aliviá-lo (cf. Lc 10,33-34), colocou o ferido sobre seu jumento, no qual levou todos os seus pecados. Nem o pastor desprezou a ovelha desgarrada (cf. Lc 15,4-6).

28. Vós, porém, dizeis: “Não queiras tocar-me” (cf. Jo 20,17). Mais soberba do que aquele doutor da lei que desejava tentar Cristo (cf. Lc 10,25), e querendo justificar-vos a vós mesmos (cf. Lc 10,29), vós dizeis: “Não é o nosso próximo”. Com efeito, ele disse: “Quem é o meu próximo?” (Lc 10,29). Ele pergunta, vós negais; como aquele sacerdote, continuais a descer, e como o levita, passais ao largo daquele que devíeis acolher para curar (cf. Lc 10,31-32). Nem recebeis em vossa hospedaria aquele por quem Cristo pagou dois asses (cf. Lc 10,34-35), de quem Cristo ordena que te tornes próximo, para que mais facilmente tenhas misericórdia dele (cf. Lc 10,36-37). Com efeito, o verdadeiro próximo não é aquele que a semelhança de natureza uniu a nós, mas sim a misericórdia. Tu te fazes estranho a ele por soberba, vangloriando-te, “vãmente engrandecido pelo pensamento de tua carne, sem levar em conta a Cabeça” (cf. Cl 2,18-19). Com efeito, se levasses em conta a Cabeça, compreenderias que não deves abandonar aquele “por quem Cristo morreu” (cf. Rm 14,15). Se levasses em conta a Cabeça, compreenderias que é mais pela união do que pela divisão que todo o corpo cresce no conhecimento de Deus, pelo vínculo da caridade e pela redenção dos pecadores (cf. Cl 2,19).

29. Assim, visto que retirais todo o fruto da penitência, que mais podeis dizer senão isto: “Que nenhum ferido entre em nossa hospedaria, que ninguém seja curado em nossa Igreja; junto a nós não se curam doentes; somos sãos, não temos necessidade de médico, porque é ele mesmo que diz: “Não há necessidade de médico para os sãos, mas para aqueles que estão doentes” (Mt 9,12)?”

7. 30. Por isso, ó Senhor Jesus, eu vim inteiro para a tua Igreja, porque o novaciano não me recebe. O novaciano diz: “Comprei jugos de bois” (cf. Lc 14,19), pois que não aceita o jugo suave de Cristo e impõe sobre seu próprio pescoço um grande peso (cf. Mt 11,29-30), que não pode carregar (cf. Mt 23,4). O novaciano agarrou teus servos, pelos quais fora convidado, infligiu-lhes maus tratos e matou-os (cf. Mt 22,6), pois que os sujou com a mancha de um batismo repetido. Envia, pois, à saída das estradas; junta bons e maus; introduz na tua Igreja os fracos, cegos e coxos. Ordena que se encha tua casa, faz entrarem todos à tua ceia, porque aquele que tu chamares, tu o farás digno, se te seguir (cf. Mt 3,8-10; Lc 14, 21-23). Com razão é rejeitado aquele que não tem a veste nupcial, isto é, o manto da caridade, o véu da graça (cf. Mt 22,11-14). Envia, eu te digo, a todos.

31. Tua Igreja não recusa o convite para tua ceia, que recuse o novaciano. Tua família não diz: “Estou sã, não procuro médico”, mas diz: “Cura-me, Senhor, e ficarei curada, salva-me e serei salva” (cf. Jr 17,14). Enfim, a imagem de tua Igreja está naquela mulher que chegou por trás e tocou a fimbria de tua veste, “dizendo dentro de si: “se eu tocar sua veste, serei salva” (cf. Mt 9,20-21). Esta Igreja, pois, confessa suas feridas, esta Igreja deseja ser salva.

32. E tu, Senhor, certamente queres curar a todos, mas nem todos querem ser

curados. Não o deseja o novaciano, que se julga são. Tu, Senhor, dizes que estás enfermo, e no menor de todos (cf. Mt 25,40) sentes a nossa enfermidade, ao dizeres: “E eu estava doente e me visitastes” (Mt 25,36). O novaciano não sabe visitar aquele pequenino no qual tu desejas ser visitado. Tu dizes a Pedro, que se esquiva para que não lhe laves os pés: “Se eu não te lavar os pés, não terás parte comigo” (Jo 13,8). Que sociedade podem então ter contigo estes que não aceitam as chaves do Reino (cf. Mt 16,19), ao negarem que devem perdoar os pecados?

33. É certamente isto que eles confessam a seu próprio respeito — e com razão; de fato, não podem ter a herança de Pedro aqueles que não têm a cátedra de Pedro, a qual despedaçam com uma ímpia divisão. Contudo, é sem razão que negam também que na Igreja os pecados possam ser perdoados. Com efeito, foi dito a Pedro: “A ti eu darei as chaves do Reino dos céus, e tudo o que ligares na terra será ligado nos céus, e tudo o que desligares na terra será também desligado nos céus” (Mt 16,19), e o próprio “vaso de eleição” (cf. At 9,15) do Senhor diz: “Se perdoais algo a alguém, também eu perdôo; pois também eu, o que perdoei, foi em vosso favor, na pessoa de Cristo” (2Cor 2,10). Por que então eles lêem Paulo, se pensam que ele errou com tal impiedade, que chegou a reivindicar para si um direito do seu Senhor? Mas ele reivindicou o que recebera; não usurpou o indevido.

8. 34. O Senhor quer que seus discípulos tenham mais poder; quer que seus servos possam fazer em seu nome tudo aquilo que ele próprio fazia, quando estava na terra. Ele diz, enfim: “E fareis coisas maiores do que estas” (Jo 14,12). Concedeu-lhes ressuscitar os mortos (cf. Mt 10,8), e embora ele mesmo pudesse devolver a Saulo o uso da vista, não obstante enviou-o a seu discípulo Ananias, para que através da bênção deste homem Saulo recuperasse os olhos que perdera (cf. At 9,6-18). Também a Pedro ordenou que caminhasse consigo sobre o mar, e, como ele hesitasse, repreendeu-o ali mesmo por ter enfraquecido a graça do dom com a exigüidade da fé (Mt 14,29-31). Ele, que era a luz do mundo (cf. Jo 8,12), concedeu também a seus discípulos serem a luz do mundo pela graça (cf. Mt 5,14). E como devia descer do céu e subir ao céu (cf. Jo 3,13), levou Elias ao céu, para de lá devolvê-lo à terra no tempo oportuno (cf. 2Rs 2,11; Mt 17,10-13). Da mesma forma, como devia batizar no Espírito Santo e no fogo, renunciou o sacramento do batismo por meio de João (cf. Mt 3,11).

35. Enfim, concedeu tudo a seus discípulos, dizendo a respeito deles: “Em meu nome expulsarão demônios, falarão novas línguas, pegarão serpentes, e se beberem algo de mortífero, não os prejudicará; imporão as mãos sobre os doentes e eles ficarão curados” (Mc 16,17-18). Concedeu-lhes tudo, portanto, mas não há nenhum poder humano nestas coisas, nas quais é a graça do dom divino que atua.

36. Por que então vós impondes as mãos e acreditais ser obra da bênção, se algum doente por acaso recupera a saúde? Por que presumis que algumas pessoas possam ser purificadas da imundície do demônio através de vós? Por que batizais, se não é lícito que os pecados sejam perdoados por intermédio de um homem? No batismo está, sem dúvida, a remissão de todos os pecados. Que importa se é através da penitência ou do batismo que os sacerdotes reivindicam para si a concessão deste direito? Num e noutro

caso é o mesmo ministério.

37. Porém tu dizes que no batismo opera a graça dos mistérios. — E o que é que age na penitência? Não é porventura o nome de Deus que opera? E então? Quando quereis, reivindicais para vós a graça de Deus, e quando quereis, vós a recusais?

Entretanto é próprio de insolente arrogância, não de santo temor, desdenhardes aqueles que querem fazer penitência. Evidentemente não podeis suportar as lágrimas dos que choram; vossos olhos não toleram a vileza das vestes, a sujeira dos maltrapilhos. Pois, de olhar arrogante e coração presunçoso, cada um de vós, “meus delicados” (cf. Br 4,26), dizeis com voz indignada: “Não queiras tocar-me (cf. Jo 20,17), porque sou puro”.

38. De fato, o Senhor disse a Maria Madalena: “Não queiras tocar-me” (Jo 20,17), mas não disse: “porque sou puro”, ele que era puro. Tu ousas, ó novaciano, dizer-te puro? Ainda que fosses puro pelas obras, somente por esta palavra te tornas impuro. Isaías diz: “Ó infeliz de mim, ferido de coração! Sou homem e tenho lábios impuros, habito também no meio de um povo que tem lábios impuros” (Is 6,5). E tu dizes: “Sou puro”, quando, conforme está escrito, não é pura “nem uma criança de um dia” (cf. Jo 14,4-5)? Davi diz: “E do meu delito purifica-me” (Sl 50,4), ele que, sobretudo por ser misericordioso, foi tantas vezes justificado pela graça do Senhor (cf. 1Sm 24,26; 2Sm 9; 19,18-30). E tu, serias puro, quando és tão injusto que não tens misericórdia e enxergas “a palha no olho do teu irmão”, porém não percebes “a trave que está em teu olho” (cf. Mt 7,3)? Com efeito é impuro diante do Senhor todo homem iníquo. O que pode ser mais injusto do que queres que te sejam perdoados os teus pecados, quando tu mesmo julgas que não devem ser perdoados os daquele que te pede (cf. Mt 18,23-35)? O que pode ser mais injusto do que te considerares justo pela condenação do outro, quando tu mesmo cometes faltas mais graves (cf. Rm 2,1)?

39. Enfim, o Senhor Jesus, que havia de proclamar a remissão de nossos pecados, quando João lhe disse: “Eu é que devo ser batizado por ti, e tu vens a mim” — respondeu-lhe: “Deixa estar agora, pois assim nos convém cumprir toda a justiça” (Mt 3,14-15). Na verdade, o Senhor, embora isento de pecado, veio ao pecador e quis ser batizado, ele que não tinha necessidade de ser purificado. Quem poderia tolerar-vos? Pois julgais que não tendes necessidade de purificar-vos pela penitência, porque dizeis que estais purificados pela graça, como se pecar fosse já impossível para vós...

9. 40. Contudo, dizem eles: Está escrito: “Se um homem pecar contra outro homem, rezarão a Deus por ele; se, porém, um homem pecar contra o Senhor, quem rezará por ele” (1Rs 2,25)? — Primeiramente, como eu já disse acima, eu só poderia admitir esta tua objeção se fosse apenas para os apóstatas que não relaxasses a penitência. Porém, que problema pode trazer esta questão? Pois não está escrito: “Ninguém rezará por ele”, mas “Quem rezará”; isto é, não se exclui, mas pergunta-se quem será aquele que em tal circunstância poderá rezar.

41. Enfim encontras no salmo 14: “Senhor, quem habitará em tua tenda, ou quem repousará em teu lugar santo” (v. 1)? Com efeito, não diz que não habitará homem algum, mas o homem provado, nem significa que ninguém repousará, mas que repousará

o eleito. Para que saibas que isto é verdade, não muito depois o salmo 23 diz: “Quem subirá ao monte do Senhor, ou quem permanecerá no seu lugar santo” (Sl 23,3)? Isto é, não é qualquer pessoa da multidão, nem algum plebeu insignificante, mas alguém de vida notável e mérito singular. E para que saibas que, quando se diz “quem”, não se deve entender “ninguém”, mas significa “alguém” — depois de ter dito “Quem subirá ao monte do Senhor”, o salmo acrescenta: “O inocente de mãos e de coração puro, aquele que não recebeu sua alma em vão” (v. 4). E em outro lugar: “Quem é sábio e poderá entender estas coisas” (Os 14,10)? Será que está dizendo que ninguém pode entender? E no Evangelho: “Quem é o administrador fiel e prudente que o Senhor constituiu sobre sua família, para que lhes dê no tempo certo a medida de trigo” (Lc 12,42)? E para compreenderes que fala daquele que realmente existe, não do que não existe, ele acrescentou: “Feliz aquele servo que o Senhor, ao voltar, encontrar agindo assim” (Lc 12,43). E eu entendo da mesma forma a palavra que diz: “Deus, quem é semelhante a ti (Sl 82,2)? Certamente não significa ninguém, porque o Filho é a imagem do Pai” (cf. 2Cor 4,4; Cl 1,15).

42. Por conseguinte, deve-se entender da mesma forma: “Quem rezará por ele?”, isto é: “É alguém de vida notável que deve rezar por aquele que pecou contra o Senhor. Quanto maior for a culpa, maiores sufrágios devem ser procurados. Com efeito, não foi qualquer da multidão, mas foi Moisés que rogou em favor do povo judeu, quando adoraram a cabeça de um bezerro, esquecidos da fé (cf. Ex 32). Será que Moisés estava errado? Mas é claro que não errou, pois aquilo que pediu, ele mereceu e alcançou. De fato, o que não conseguiria tal dedicação, quando ele se apresentou em favor do povo dizendo: “E agora, se lhes perdoas este pecado, perdoa; caso contrário, risca-me do livro da vida” (Ex 32,32)? Tu vês que ele não ficava hesitando, como um intercessor cauteloso e enfasiado, para não cometer uma ofensa — coisa que o novaciano diz temer; muito pelo contrário, pensando em todos e esquecido de si mesmo, ele próprio não tinha medo de ofender, contanto, que pudesse arrancar e libertar o povo do perigo da ofensa.

43. É, pois, com razão que está escrito: “Quem rezará por ele?” Isto é, alguém como Moisés, que se ofereça pelos pecadores; alguém como Jeremias, profeta a quem o Senhor nosso Deus disse: “Não queiras orar por este povo (Jr 7,16)” — e que no entanto orou e conseguiu o perdão. Comovido finalmente pela intercessão e pelas súplicas deste grande profeta, o Senhor se dirige a Jerusalém, ordenando-lhe depor as vestes de ouro e cessar os gemidos de penitência, porque ela também fizera penitência por seus delitos, dizendo: “Senhor onipotente, Deus de Israel, minha alma angustiada e meu espírito atormentado clamam a ti; ouve, Senhor, e tem piedade” (Br 3,1). Com efeito, assim está escrito no final do livro: “Despoja-te, Jerusalém, de tua vestimenta de luto e sofrimento e veste a beleza desta glória que te foi dada por Deus para sempre” (Br 3,1).

10. 44. Portanto, são intercessores como estes que se devem procurar nos delitos maiores; pois se é qualquer pessoa do povo que reza, não é atendida.

45. Conclui-se, pois, que não poderia ter peso algum aquela vossa questão tirada da epístola de João, que diz: “Quem sabe que seu irmão cometeu um pecado que não leva à

morte, pedirá, e Deus dará a vida àquele que não peca para a morte. Existe um pecado que leva à morte: não é por este que eu digo que se reze” (1Jo 5,16). Não era, com efeito, a Moisés e a Jeremias que ele falava, mas ao povo, que devia recorrer a outrem para interceder por seus pecados, contentando-se em rogar a Deus apenas por seus delitos mais leves; quanto ao perdão dos mais graves, deve considerar reservado às preces dos justos. De fato, como João poderia dizer que não deve rezar pelo delito mais grave, se ele leu que Moisés pediu e conseguiu, quando houve uma apostasia voluntária, se ele sabia que Jeremias também tinha pedido?

46. Como João poderia dizer que não se deve rezar pelo pecado que leva à morte? Pois ele mesmo escreveu no Apocalipse este mandamento ao anjo da Igreja de Pérgamo: “Tens aí pessoas que seguem a doutrina de Balaão, o qual ensinava Balac a lançar uma pedra de tropeço aos filhos de Israel: comer carnes imoladas aos ídolos e prostituir-se; tens igualmente pessoas que seguem a doutrina dos nicolaítas. Faz penitência da mesma forma; caso contrário, eu venho a ti” (Ap 2,14-16). Vês que Deus exige penitência para prometer perdão? Finalmente ele diz também aí: “Quem tem ouvido, ouça o que o Espírito diz às igrejas: ao Vencedor eu lhe darei de comer o maná” (Ap 2,17).

47. Será que o mesmo João não sabia que Estêvão pediu pelos seus perseguidores que não podiam escutar o nome de Cristo (cf. At 7,56-57), quando dizia a respeito daqueles que o apedrejavam: “Senhor, não lhes imputes este pecado” (At 7,60)? O resultado desta prece nós o vemos no apóstolo Paulo. Com efeito, Paulo guardava as vestes dos que apedrejavam Estêvão (cf. At 7,58) e pouco depois, pela graça de Cristo, tornou-se apóstolo, ele que fora perseguidor.

11. 48. Portanto, já que o assunto é a epístola católica de João, vejamos se o que foi escrito pelo mesmo João no Evangelho concorda com a vossa interpretação. Com efeito, ele escreveu que o Senhor disse: “Deus amou tanto este mundo que lhe deu seu Filho único, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3,16). Portanto, se quiseres trazer de volta alguém que caiu na apostasia, tu o exortas a crer ou a não crer? Certamente a crer. Mas quem crê, de acordo com a palavra do Senhor, terá a vida eterna. Como, pois, estás proibido de rezar por aquele que tem direito à vida eterna? Pois a fé é um dom da divina graça conforme ensina o Apóstolo a respeito da “diversidade dos carismas” (cf. 1Cor 12,4): a um é dada, “no mesmo Espírito, a fé” (cf. 1Cor 12,9). E os discípulos dizem ao Senhor: “Aumenta-nos a fé” (Lc 17,5). Portanto aquele que tem fé, tem a vida; aquele que tem a vida certamente não está excluído do perdão: “Todo aquele que nele crê não morre”, diz João (Jo 3,16). Visto que se diz “todo”, ninguém é excluído, sem nenhuma exceção. Logo ele não faz exceção daquele que caiu na apostasia, se em seguida crê de verdade.

49. Ficamos sabendo que muitos se armaram depois da queda e sofreram pelo nome de Deus. Não podemos negar o consórcio dos mártires àqueles a quem o Senhor Jesus não negou. Teremos, então, a ousadia de dizer que não foi restituída a vida àqueles a quem Cristo restituiu a coroa? Portanto, assim como depois da queda a muitos é restituída a coroa, se são martirizados, assim também, se crêem, lhes é restituída a fé. Esta fé é um dom de Deus, como está escrito: “Porque vos foi dado por Deus, não só

para que creias nele, mas para que também possais sofrer por ele” (Fl 1,28-29). Acaso aquele que tem o dom de Deus, pode não ter a sua indulgência?

50. Por outro lado, não é uma só graça, são duas, que todo aquele que crê também sofra pelo Senhor Jesus. Assim, aquele que crê tem a sua graça, mas recebe outra graça se a sua fé recebe a coroa dos sofrimentos. De fato, nem Pedro esteve privado da graça antes que sofresse, mas, ao sofrer, alcançou outra graça. E muitos que não tiveram a graça de sofrer por Jesus, tiveram contudo a graça de crer em Jesus.

51. Por isso se diz: “Para que todo aquele que nele crê não pereça” (Jo 3,16). Diz “todo”, isto é, seja qual for sua situação, ou a queda que tenha sofrido, se acreditar, não precisa ter medo de morrer. Pode, pois, acontecer que alguém desça de Jerusalém a Jericó, isto é, caia no combate do martírio para o desejo desta vida e o prazer mundano. Pode acontecer que seja ferido por ladrões, isto é, por perseguidores, e deixado semivivo (cf. Lc 10,30). Pode acontecer que o encontre aquele samaritano do evangelho (cf. Lc 10,33), que é o guarda de nossas almas (cf. 1Pd 2,25), — pois samaritano quer dizer guarda, — e não o ignore, mas cuide dele e o cure.

52. Talvez por isso não o tenha ignorado, por ter enxergado nele uma centelha de vida, de onde poderia começar de novo. Acaso não vos parece que aquele que caiu está semivivo, se sua fé exala uma centelha de vida? De fato, quem arranca Deus completamente de seu coração está morto. Portanto quem não o arranca completamente, mas o negou por um tempo, coagido pelos tormentos, está semivivo. Por outro lado, se está morto, por que dizer que deve fazer penitência a quem não pode mais ser curado? Se está semivivo, derrama-lhe óleo e não o vinho sem óleo; derrama algo que alivie e também machuque (cf. Lc 10,34). Leva-o no teu jumento, entrega-o ao dono da hospedaria, desembolsa dois asses para seu cuidado, sê o próximo dele. Contudo não podes ser o próximo se não usas de misericórdia (cf. Lc 10,34-37); ninguém, pois, pode ser chamado de próximo, a não ser aquele que cuida, não o que mata. Então, se queres ser chamado de próximo, Cristo te diz: “Vai e faze o mesmo” (Lc 10,37).

12. 53. Consideremos outro texto semelhante: “Aquele que crê no Filho tem a vida eterna; aquele, porém, que não crê no Filho não verá a vida, mas a ira de Deus permanece sobre ele” (Jo 3,36). Aquilo que permanece, de alguma forma já começou, e começou a partir de algum delito, porque anteriormente tal pessoa não acreditou. Portanto quando alguém vem a crer, a ira de Deus se afasta e a vida lhe sobrevém. Assim, crer em Cristo é lucrar a vida; pois “aquele que nele crê não é julgado” (Jo 3,18).

54. Mas neste ponto eles replicam que aquele que crê em Cristo deve guardar sua palavra. Afirmam, com efeito, que assim está escrito quando o Senhor diz: “Eu, a luz, vim a este mundo, para que todo aquele que crê em mim não permaneça nas trevas; e se alguém ouvir minha palavra e a guardar, eu não o julgo” (Jo 12,46-47). Ele não julga, e tu julgas? Ele diz: “Para que aquele que crê em mim não permaneça nas trevas”, isto é: embora tivesse estado nas trevas, que não permaneça nelas, que se emende do seu erro, que se corrija da culpa, que guarde os seus mandamentos. Pois eu disse: “Não quero a morte do pecador, mas a sua conversão” (cf. Ez 18,23; 33,11). Assim falei porque “quem crê em mim não é julgado” (Jo 3,18). E sustento esta palavra; “pois eu não vim

para julgar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por mim” (cf. Jo 3,17). Esqueço com prazer, perdão prontamente, “quero mais a misericórdia do que o sacrifício” (Os 6,6), porque pelo sacrifício o justo é louvado, pela misericórdia o pecador é redimido. “Não vim chamar os justos, mas os pecadores” (Mt 9,13). Na lei está o sacrifício, no evangelho a misericórdia; “a lei foi dada por Moisés”, por mim a graça (cf. Jo 1,17). O que pode ser mais claro do que isto?

55. Finalmente ele diz mais abaixo: “Aquele que me despreza e não recebe minhas palavras, tem quem o julgue” (Jo 12,48). Acaso te parece aceitar as palavras de Cristo aquele que não se corrige? Certamente não. Portanto, quem se corrige, aceita sua palavra; e é esta a sua pa-lavra: que cada um se afaste de sua culpa (cf. Mt 4,17; etc.). Por conseguinte, é necessário ou que invalides esta sua pa-lavra, ou — se não a podes negar — que concordes com ela.

56. É preciso que também aquele que deixa de pecar e renuncia aos delitos guarde os mandamentos do Senhor. Não deves, portanto, aplicar esta palavra àquele que sempre os guardou; de fato, se ele quisesse dizer isto, acrescentaria “sempre”; porém, como não acrescentou, referiu-se àquele que guarda a palavra que ouviu. Ora, ouviu que deveria corrigir-se do erro. Guardou, portanto, aquilo que ouviu.

57. Quão duro é, na verdade, ser destinado ao castigo eterno aquele que, mesmo depois de ter caído, guardou os mandamentos do Senhor! Ensine-te ele mesmo, que não negou o perdão nem para os que não guardaram seus mandamentos, como podes ler no texto dos salmos: “Se profanarem meus estatutos e não guardarem meus mandamentos, eu visitarei suas iniquidades com uma vara e seus delitos com flagelos, mas não afastarei deles a minha misericórdia” (Sl 88,32-34). Portanto, a todos ele promete misericórdia.

58. Mas não penses que esta misericórdia seja sem julgamento; existe uma distinção entre aqueles que observaram perpétua obediência aos mandamentos celestes, e aqueles que caíram um dia por erro ou por coação. E para não pensares que o nosso argumento limita a autoridade de Cristo, escuta o que ele diz: “Se o servo, ciente da vontade de Deus, não a cumpriu, receberá muitos açoites; porém, se não a conheceu, receberá poucos açoites” (cf. Lc 12,47-48). Portanto, se crêem, um e outro são acolhidos, porque “Deus castiga todo filho que acolhe” (Hb 12,6; Pr 3,12). E quem ele castiga, certamente não será entregue à morte, porque está escrito: “Castigou-me, castigou-me o Senhor, e não me entregou à morte” (Sl 117,18).

13. 59. Enfim, Paulo ensina que não se devem abandonar os que cometeram um pecado que leva à morte, mas pelo contrário devem ser corrigidos pelo pão das lágrimas e pelo cálice da aflição (cf. Sl 79,6) — de tal modo, porém, que a própria tristeza tenha um limite — isto é: “E lhes darás o cálice das lágrimas na justa medida” (cf. Sl 79,6); assim sendo, a própria aflição deve ter uma medida, para que quem faz penitência não venha a ser consumido por uma tristeza excessiva. Por isso escreve aos coríntios: “O que quereis? Que eu venha a vós com uma vara ou na caridade e no espírito de mansidão” (1Cor 4,21)? Mas nem a vara é pesada, pois ele tinha lido: “Tu, porém, lhe baterás com uma vara, mas livrarás a sua alma da morte” (Pr 23,14).

60. O que significava “vir com uma vara” fica claro nas invectivas contra a fornicção

(cf. 1Cor 5,1a), na acusação de incesto (cf. 1Cor 5,1b), na censura ao orgulho, pois estavam cheios de si aqueles que mais precisavam chorar (cf. 1Cor 5,2); por último, fica claro na condenação do culpado, que deveria ser afastado do consórcio da comunhão e entregue ao adversário, não para perda da alma, mas da carne (cf. 1Cor 5,5). Assim como, pois, o Senhor não concedeu poder sobre a alma do santo Jó, mas deu licença sobre sua carne (cf. Jó 2,6) assim também este homem é entregue a satanás para a perda da carne, para que a serpente lambesse a sua terra e não prejudicasse a sua alma (cf. Is 65,25).

61. Que nossa carne morra, pois, para os desejos, que seja prisioneira, seja súdita, não resista à lei de nosso espírito (cf. Rm 7,23), e sim morra, sujeita à boa servidão, como em Paulo, que castigava seu corpo para submetê-lo à servidão (cf. 1Cor 9,27): sua pregação se tornaria mais eficaz se a lei de sua carne estivesse coerente e concordasse com a lei de seu espírito (cf. Rm 8,5). Com efeito, a carne morre quando sua sabedoria se transforma em espírito, de modo que já não se compraz nas coisas da carne, e sim nas do espírito (cf. Rm 8,5). Oxalá eu veja enfraquecer a minha carne, para que não seja mais arrastado como cativo na lei do pecado (cf. Rm 7,23), para que já não viva na carne, mas na fé de Cristo (cf. Gl 2,20)! É por causa disso que existe maior graça na fraqueza do corpo do que na saúde. Afinal nem a Paulo, a quem muito amou, quis o Senhor libertar de uma fraqueza da carne; quando ele lhe pediu para afastar de si esta fraqueza, respondeu-lhe: “Basta-te a minha graça, pois é na fraqueza que a força se torna perfeita” (2Cor 12,9). E Paulo se compraz em suas fraquezas, dizendo: “Quando sou fraco, então é que sou forte” (2Cor 12,10). Torna-se, pois, perfeita a força da alma por meio das fraquezas da carne.

62. Expusemos o pensamento de Paulo. Consideremos agora as palavras em si mesmas, a razão pela qual ele teria dito que entregaria o culpado “a satanás para a perda da carne”. É porque o nosso tentador é o diabo; ele costuma introduzir fraquezas em cada um de nossos membros e provocar doenças no corpo inteiro. Afinal ele abateu o santo Jó com uma ferida maligna dos pés à cabeça (cf. Jó 2,7), porque recebeu poder de causar a perda da carne, quando Deus disse: “Eis que o entrego a ti, preserva somente a sua alma” (Jó 2,6). O Apóstolo transcreveu isto com as mesmas palavras, dizendo que entregaria “tal homem a satanás para a perda da carne, para que o espírito seja salvo no dia de nosso Senhor Jesus Cristo” (1Cor 5,5).

63. Grande poder, grande graça, que ordena ao diabo destruir-se a si mesmo! Pois ele se destrói quando, de fraco, faz mais forte o homem que procura derrubar pela tentação, porque, enquanto lhe enfraquece a carne, enche-lhe o espírito de vigor. Pois a enfermidade da carne afasta o pecado, ao passo que a volúpia da carne acende a culpa.

64. Portanto o diabo cai num logro: fere-se com sua própria mordida e arma contra si aquele que pensou debilitar. Foi assim que armou mais o santo Jó depois que o feriu. Este, coberto em todo o corpo por terríveis feridas, certamente sentiu a mordida do diabo, mas não lhe experimentou o veneno (cf. Jó 2,7-10). E por isso lhe foi dito muito bem: “Tu pegarás o dragão com o anzol, brincarás com ele como com uma ave, tu o prenderás como um menino prende um pássaro, porás a mão sobre ele” (Jó

40,20.24.27).

65. Estás vendo como Paulo zomba do diabo: enfia a mão em sua toca, como aquele menino do profeta (cf. Is 11,8), e a serpente não lhe causa dano algum; arranca-a do esconderijo; de seu veneno faz um antídoto espiritual, de forma que o veneno se torna remédio. É um veneno para a perda da carne, torna-se um remédio para a saúde do espírito; aquilo, pois, que prejudica o corpo, ajuda o espírito.

66. Portanto, que a serpente coma a minha terra, enfie o dente na minha carne, triture o meu corpo. Que o Senhor diga também a meu respeito: “E o entrego a ti, preserva apenas a sua alma” (Jó 2,6). Como é grande a força de Cristo! Ordena que cuide do homem até ao próprio diabo, que sempre quer causar dano. Portanto, tornemos propício para nós o Senhor Jesus. Quando Cristo ordena, até o próprio diabo se torna guardião de sua presa, mesmo contra a vontade obedece às ordens celestes e, embora rude, submetesse, contudo, a ordens mansas.

67. Mas por que estou elogiando sua submissão? Seja ele sempre mau, para que sempre bom seja Deus, que transforma a maldade dele em graça para nós. Ele quer causar dano, mas não pode, se Cristo se opõe. Ele fere a carne, mas preserva a alma. Devora a terra, mas salvaguarda o espírito. Enfim, está escrito: “Então os lobos e os cordeiros pastarão juntos, o leão e o boi comerão feno, mas a serpente comerá a terra como pão. E não causarão danos nem devastações no meu monte santo, diz o Senhor” (Is 65,25). De fato, é esta a sentença da serpente condenada: “A terra será teu alimento” (cf. Gn 3,14). Que terra? Certamente aquela da qual foi dito: “És terra e para a terra irás” (Gn 3,19).

14. 68. A terra que a serpente come, se o Senhor Jesus nos é propício é esta: que a alma sofra pela debilidade da carne, e não se deixe inflamar pelos vapores do corpo e pelo calor dos membros. “É melhor casar-se do que abrasar-se” (1Cor 7,9). Pois existe uma chama que nos queima por dentro. Por conseguinte, não retenhamos este fogo no seio da mente e no recesso do peito, para que não queimemos as vestes do nosso íntimo e para que a chama voraz da paixão não consuma esta vestimenta exterior de nossa alma, o véu da carne (cf. Pr 6,27) — mas passemos através do fogo (cf. Is 43,2). E se alguém cai no incêndio do amor, que salte e passe adiante, que não retenha um desejo adúltero nas cadeias dos pensamentos; que não aparte para si mesmo nenhum nó com o laço de obstinada fantasia; que não esteja sempre atento à beleza de uma meretriz (cf. Prov 5,2; Eclo 25,28). Nem uma jovem levante os olhos para a face de um rapaz. Se ela olhou por acaso e já ficou presa, quanto mais presa ficará se olhar por curiosidade!

69. Ou então que nos ensine o costume: a mulher cobre a cabeça com véu, para que mesmo em público seja preservado seu pudor e sua face não apareça com facilidade diante do olhar de um jovem, resguardada pelo véu nupcial; desta forma, mesmo em encontros casuais, não se expõe a ferir nem a si mesma nem ao outro — se bem que, em ambos os casos, é ela quem sai ferida. Ora, se ela cobre a cabeça com um véu para não ser casualmente vista nem ver — pois quando se cobre a cabeça, esconde-se a face — tanto mais deve cobrir-se com a veste do pudor, para ter mesmo em público seu lugar secreto.

70. Mas, vá lá, escapou um olhar; que não se acenda, porém, o afeto. De fato, ver não é crime, mas convém cuidar para que não seja a origem de um crime. O olho carnal viu; que o pudor do espírito feche, porém, os olhos do coração. Temos um Senhor espiritual e indulgente. Disse o profeta: “Não quero que atentes para a beleza de mulher promíscua” (cf. Pr 5,2; Eclo 25,28). Por outro lado, disse o Senhor: “Se alguém olhou uma mulher para desejá-la, já cometeu adultério com ela em seu coração” (Mt 5,28). Não disse: “Se alguém olhou, cometeu adultério”, mas “Se alguém olhou para desejar”. Não culpou o olhar, mas questionou o sentimento. Contudo, é bom o pudor que costuma cobrir os próprios olhos do corpo, para que muitas vezes não enxerguemos nem aquilo que vemos. Com efeito, o pudor costuma ver só pela aparência o que se lhe apresenta; entretanto, sem a aplicação do espírito, até esse nosso olhar segundo a carne desvanece.

71. Assim, pois, nós vemos mais com o espírito do que com o corpo. Ainda que a carne tenha visto o fogo, não abriguemos no peito este fogo, isto é, no oculto da mente e no segredo do espírito. Não deixemos penetrar nos ossos este fogo, não preparemos laços para nós mesmos, não troquemos palavra alguma com esta espécie de pessoa de onde flameja o fogo do adultério. A conversa de uma moça é um laço para os jovens, as palavras de um jovem são correntes do amor.

72. Viu este fogo José, quando a mulher desejosa de adultério lhe falou (cf. Gn 39,7-12), quis seduzi-lo com a conversa, lançou os laços de seus lábios, mas não pôde prender o casto varão. Assim, pois, os laços da mulher foram desatados pela voz do pudor, pela palavra da se-riedade, pela rédea da prudência, pela guarda da fé, pela disciplina da castidade. A mulher impudica não conseguiu, pois, prendê-lo em suas redes; estendeu a mão e arrancou-lhe a veste, para armar-lhe um laço. As palavras de uma mulher imprudente são redes de desejos, sua mão é um laço de amor. Entretanto nem as redes nem o laço puderam prender a mente casta; sacudida a veste, o laço se desatou; visto que não abrigou o fogo no seio de sua mente (cf. Pr 6,27), seu corpo não ardeu.

73. Tu vês, portanto, como o nosso espírito é o responsável pela culpa? Desta forma a carne é inocente, mas muitas vezes ela é a serva do pecado. Portanto, que não te vença a concupiscência da beleza. O diabo arma muitas redes, muitos laços. O olhar da prostituta é um laço para o amante, nossos próprios olhos são redes para nós; é por isso que está escrito: “E que não sejas preso pelos teus olhos” (Pr 6,25). Assim sendo, as redes pelas quais somos envolvidos e amarrados, nós mesmos as estendemos. Nós mesmos tecemos cadeias para nós, como lemos: “cada qual é preso pelas cadeias de seus pecados” (Pr 5,22).

74. Atravessemos, pois, o fogo da adolescência e o ardor da idade juvenil. Atravessemos a água, não permaneçamos na água, para que não nos submerjam os rios profundos (Is 43,2). Atravessemos, para que também nós possamos dizer: “Nossa alma atravessou a torrente” (Sl 123-5); pois aquele que atravessou está salvo. Finalmente assim afirma o Senhor: “Se passas pela água, estou contigo, os rio não te submergem” (Is 43,2); e o profeta diz: “Eu vi o ímpio elevado muito acima dos cedros do Líbano, atravessei e eis que ele não estava lá” (Sl 36,35-36). Atravessa as coisas do mundo e verás cair toda a glória dos ímpios. Moisés também, atravessando os rios do mundo, viu

uma grande visão e afirma: “Atravessando, verei esta visão” (Ex 3,3); com efeito, se ele tivesse permanecido nos vícios do corpo e nos prazeres las-civos deste mundo, não teria contemplado tão grandes mistérios.

75. Atravessemos, portanto, nós também este fogo da paixão, que Paulo temia, mas temia por nós, pois, castigando seu corpo, conseguira já não temer por si (1Cor 6,18). “Fugi da fornicção” (1Cor 9,27), nos diz ele. Fugamos, então, como se ela nos perseguisse, porque ela não está atrás de nós, mas persegue-nos dentro de nós mesmos. Cuidemos, pois, diligentemente de não levá-la conosco enquanto fugimos dela. Pois muitas vezes queremos fugir, mas se não a arrancarmos completamente de nosso espírito, carregamo-la mais do que a deixamos. Saltemos, então, por cima dela, para que não nos diga: “Andai no fogo de vossa chama, que acendestes para vós” (cf. Is 50,11). Porque assim como acontece que quem “abriga um fogo em seu peito queima suas vestes” (cf. Pr 6,27), assim também aquele que caminha sobre o fogo fatalmente queimará os pés, pois está escrito: “Poderá alguém andar sobre carvões do fogo e não queimar os pés” (Pr 6,28)?

76. É um fogo poderoso; não lhe demos, portanto, alimentos de luxúria. A paixão alimenta-se de banquetes, nutre-se de volúpias, acende-se com vinho, inflama-se com a embriaguez. Mais poderosos do que estes são os alimentos das palavras, que embriagam a mente com vinho da vinha de Sodoma (cf. Gn 19,30-38). Mas acau-telemo-nos também contra a abundância deste vinho com que a carne se embriaga, a mente titubeia, o espírito vacila, o coração flutua. Assim, em ambos os casos é útil o preceito dado a Timóteo: “Usa o vinho com moderação, por causa de tuas freqüentes enfermidades” (1Tm 5,23). Quando o corpo está quente, irradia um calor; quando a carne sente frio por causa de uma doença, a tua alma se refresca. Quando teu corpo sofre, teu espírito fica triste, mas a tua tristeza se transformará em alegria (cf. Jo 16,20).

77. Portanto, não tenhas medo se a tua carne é mastigada: tua alma não é devorada. Por isso Davi diz que não tem medo, porque os inimigos comiam a sua carne, não a sua alma, como lemos: “Enquanto se aproximavam de mim os malfeitores para devorar as minhas carnes, meus inimigos que me causam tribulações, eles mesmos se enfraqueceram e caíram” (Sl 26,2). Portanto, a serpente causa a ruína unicamente para si mesma. Por isso é entregue à serpente aquele que foi expulso pela serpente, para que ela levante aquele que derrubou, e a queda da serpente se torne a ressurreição do homem. A Escritura, por outro lado, apresenta satanás como autor da destruição deste corpo e da fraqueza da carne, quando Paulo diz: “Para mim foi dado um espinho em minha carne, um anjo de satanás para me golpear, para que não me vanglorie” (2Cor 12,7). Assim, pois, Paulo aprendeu a curar do mesmo modo que foi curado.

15. 78. Desta forma o bom doutor, ao prometer uma entre duas coisas, fez as duas. Veio “com a vara” (cf. 1Cor 4,21), porque afastou o culpado da santa comunhão — e se diz com razão que é entregue a satanás (cf. 1Cor 5,5) aquele que se separa do corpo de Cristo. Veio igualmente “na caridade e no espírito de mansidão” (cf. 1Cor 4,21), ou porque entregou o culpado para salvar o seu espírito (cf. 1Cor 5,5), ou porque readmitiu em seguida aos sacramentos aquele que antes afastara (cf. 2Cor 2,10).

79. Com efeito, convém que seja afastado quem caiu em falta grave, para que “um pouco de fermento” não corrompa “toda a massa” (cf. 1Cor 5,6). Por outro lado, é preciso purificar o velho fermento (cf. 1Cor 5,7), quer seja o homem velho em cada um de nós, isto é, o homem exterior com seus atos, quer seja o homem inveterado no meio do povo, carregado de pecados e vícios. E ele disse bem que deve ser purificado, não rejeitado. De fato, aquilo que é purificado não é considerado completamente inútil — é purificado para separar-se o útil do inútil, — mas aquilo que é rejeitado, acredita-se que nada tenha em si de aproveitável.

80. Portanto, em vista disso, o Apóstolo julgou que devia readmitir o pecador aos sacramentos, se ele próprio quisesse ser purificado. E é com propriedade que diz “purifica”. Com efeito, o pecador é como que purificado por certas obras de todo o povo e como que lavado pelas lágrimas da multidão; pelas preces e pelo pranto da multidão ele é redimido do seu pecado e purificado no seu homem interior. Pois Cristo concedeu à sua Igreja resgatar um só por meio de todos, visto que ela mereceu pela vinda do Senhor Jesus que por meio de um só todos fossem resgatados.

81. É este o sentido do que diz Paulo, embora as palavras o tornem meio obscuro.

Consideremos o próprio texto do Apóstolo: “Expur-gai, diz ele, o velho fermento, para serdes uma nova mas-sa, assim como sois ázimos” (1Cor 5,7). Quer dizer que toda a Igreja carrega o fardo do pecador, compassiva com ele no pranto, na oração e no sofrimento. É como se ela toda se aspergisse com o fermento dele, de modo que os excessos do penitente sejam purificados por todos, por assim dizer, como que numa mistura coletiva de misericórdia viril e compaixão. Pode também ser entendido como o ensinamento daquela mulher do evangelho, que representa a figura da Igreja, no fato de esconder o fermento em sua farinha, até que toda a massa seja fermentada (cf. Lc 13,21), para que tudo seja assim assumido puro.

82. Ensinou-me o Senhor no Evangelho o que é o fermento, ao dizer: “Não entendeis que não foi de pão que eu falei: Acautelai-vos do fermento dos fariseus e dos saduceus? Então, diz o evangelista, entenderam que ele não falou de pães, mas de acautelarem-se da doutrina dos fariseus e dos saduceus” (Mt 16,11-12). Portanto, é este o fermento: a doutrina dos fariseus e as controvérsias dos saduceus, que a Igreja escondeu em sua farinha, quando atenuou a letra mais dura da lei por uma interpretação espiritual, quebrando-a, por assim dizer, como que por meio da mó de sua própria argumentação; de certa forma, fez surgir do invólucro das letras os segredos ocultos dos seus mistérios e edificou a fé na ressurreição, pela qual se prega a misericórdia de Deus e se crê que é restaurada a vida dos mortos.

83. Não parece, pois, absurdo para o texto em questão o recurso a esta parábola, pois que o Reino dos céus é a redenção do pecador. Por isso, que todos nós, bons e maus, sejamos aspergidos pela farinha da Igreja, para sermos todos uma nova massa. E para que ninguém tivesse medo de que a mistura de um fermento estragado pudesse corromper a massa, assim disse o Apóstolo: “Para serdes uma nova massa, assim como sois ázimos (1Cor 5,7)”. Isto é: a massa vos tornará tais como era a pura sinceridade da vossa inocência. Assim, se temos misericórdia, não ficamos manchados pelo pecado do

outro, mas conseguimos a sua redenção para nossa graça, de modo que nossa pureza continue como era. Foi por isso que ele acrescentou: “Pois Cristo, nossa páscoa, foi imolado” (1Cor 5,7). Quer dizer: a paixão do Senhor aproveitou a todos e concedeu a redenção aos pecadores arrependidos das infâmias cometidas.

84. “Celebremos, pois, a festa” (1Cor 5,8) com o bom alimento, fazendo penitência, alegres com a redenção; de fato, nenhum alimento é mais doce do que a benevolência e a piedade. Aos nossos banquetes e à nossa alegria não se misture inveja alguma por causa do pecador redimido, para que ninguém por si mesmo se exclua da casa do Pai, como aquele irmão invejoso de que fala o evangelho, que se entristeceu com o acolhimento do outro irmão, porque lhe agradava que ele estivesse excluído para sempre (cf. Lc 15,25-32).

85. E vós, ó novacianos, não podeis negar que sois semelhantes a este irmão, pois, como dizeis, não vos juntais à Igreja, por ter sido dada aos que caíram na apostasia a esperança de voltar, por meio da penitência. Mas isso não passa de pretexto. Na verdade, inflamado pela dor de perder o episcopado, Novaciano provocou o cisma.

86. Contudo não entendeis que foi também a vosso respeito que profetizou o Apóstolo? É para vós que ele fala: “E vós estais tão cheios de orgulho, que não mais vos cobristes de luto, para que seja tirado do meio de vós quem fez esta ação” (1Cor 5,2). É exatamente neste momento que ele é completamente tirado: quando seu pecado é apagado. Pois o Apóstolo não diz que deva ser expulso pela Igreja, mas aconselha que deve ser purificado.

16. 87. Portanto, se o Apóstolo remiu o pecado (cf. 2Cor 2,10), com que autoridade vós lhe negais a remissão? Quem é mais respeitoso para com Cristo, Novaciano ou Paulo? Mas Paulo conhecera um Senhor misericordioso, conhecera o Senhor Jesus mais irritado com a severidade dos discípulos do que com a misericórdia.

88. Afinal, quando Tiago e João disseram que iam pedir fogo do céu para consumir aqueles que não queriam receber o Senhor (cf. Lc 53-54), Jesus os refutou, dizendo: “Não sabeis de que espírito sois; pois o Filho do homem não veio para perder as almas dos homens, mas para salvá-las” (Lc 9,55-56). E com razão lhe disse: “Não sabeis de que espírito sois”, porque eram de seu próprio espírito. Quanto a vós, ele diz: “Não sois do meu espírito, pois que não tendes minha clemência, recusais minha misericórdia, rejeitais a penitência que eu desejei que meus apóstolos pregassem em meu nome (cf. Lc 24,47).

89. Assim, dizeis em vão que pregais a penitência, porque abolis “o fruto da penitência”. Pois os homens são incentivados a algum esforço ou pelas recompensas ou pelos frutos, do contrário qualquer esforço arrefece pela demora. Por isso o Senhor, para aumentar a dedicação dos discípulos com fruto no tempo presente, disse que quem deixasse todos os seus bens para seguir ao Senhor, receberia “sete vezes mais”, tanto aqui como na vida futura (cf. Mt 19,29). Prometeu primeiro “aqui”, para tirar o fastio da demora; acrescentou “na vida futura” para aprenderes aqui a acreditar que no futuro também deverás receber as recompensas. Assim, a recompensa no presente é penhor da vida futura.

90. Portanto, se uma pessoa tiver crimes ocultos, mas por amor de Cristo fizer penitência com zelo, como poderá receber aqui a recompensa, se não lhe for restituída a comunhão? Eu quero que o culpado espere o perdão, que o implore com lágrimas, que o implore com gemidos, que o implore com o pranto de todo o povo, que suplique o perdão. E quando pela segunda, pela terceira vez for adiada a sua comunhão, creia que suplicou com frouxidão e aumente o pranto; que volte depois mais humilhado, que abraçe os pés do Senhor, cubra-os de beijos, lave-os com lágrimas e não os solte (cf. Lc 7,38), para que Jesus diga a seu respeito: “Seus numerosos pecados lhe são perdoados, porque muito amou” (Lc 7,47).

91. Eu soube que certas pessoas em penitência sulcaram o rosto de lágrimas, dilaceraram as faces em contínuo pranto; deitaram seu corpo por terra para ser calcado por todos; com a boca sempre em jejum e sem cor mostraram em seu corpo vivo uma aparência de morte.

17. 92. O que mais esperamos, para que os mortos mereçam perdão? Pois eles, mesmo vivos, trouxeram a si a morte. “Basta para tal pessoa, diz o Apóstolo, a censura infligida pela maioria; assim, pelo contrário, é melhor que lhe perdoeis e o consoleis, para que não seja talvez consumido por uma tristeza excessiva” (2Cor 2,6-7). Se basta para a condenação “a censura infligida pela maioria”, também basta para a remissão do pecado a súplica “feita pela maioria”. O Mestre espiritual, consciente de nossa fragilidade e intérprete da piedade divina, quer que o pecado seja perdoado, quer que seja oferecida a consolação, para que a tristeza não consuma o penitente no tédio de uma longa demora.

93. Foi por isso que o Apóstolo perdoou, e não perdoou apenas, mas quis também que fosse confirmada a caridade para com o penitente (cf. 2Cor 2,8). Quem é amado, não tem dureza, mas mansidão. Não só ele próprio perdoou, mas quis também que todos perdoassem e disse que ele mesmo perdoara por causa dos outros, para que muitos não ficassem por muito tempo contristados por causa de um só: “Se perdoastes a alguém, diz ele, também eu perdôo; de fato também eu por causa de vós perdôo na pessoa de Cristo, para que não sejamos iludidos” por satanás; pois não ignoramos suas astúcias (2Cor 2,10-11). É capaz de acautelar-se devidamente contra a serpente quem pode reconhecer suas astúcias, que são inúmeras para nos prejudicar. Ela quer sempre prejudicar, sempre enganar, para levar à morte. Porém devemos tomar cuidado para que nosso remédio não se torne o seu triunfo; com efeito, nós somos enganados por ela, se por causa de uma tristeza excessiva vem a perecer aquele que pode ser salvo pela indulgência.

94. E para sabermos que o Apóstolo fala de batizado, ele acrescentou: “Eu vos escrevi em minhas cartas que não tivésseis relações com os fornicadores, não falo certamente dos fornicadores deste mundo” (1Cor 5,9-10). E abaixo ajuntou: “Agora, porém, eu vos escrevi para que não vos associeis com alguém que tenha o nome de irmão e seja fornicador, avarento ou idólatra” (1Cor 5,11). Aqueles que simultaneamente submeteu ao castigo, quis também que simultaneamente alcançassem o perdão. “Se alguém é assim, diz, nem tomes a refeição com ele” (cf. 1Cor 5,11). Quão severo é ele para com os contumazes, quão indulgente para com os suplicantes! Contra aqueles se arma a ofensa feita a Cristo; a estes favorece a invocação de Cristo.

95. Contudo, alguém talvez fique perturbado porque está escrito: “Entreguei tal homem a satanás para a perda da carne” (cf. 1Cor 5,5), e diga: “Como pôde obter o perdão, se toda a sua carne morreu? Pois é evidente que em ambas, carne e alma, é redimido o homem, em ambas é salvo, e não a alma sem a carne, nem a carne sem a alma; se carne e alma participam juntas das obras e feitos, como podem estar separadas para o castigo ou para o prêmio?” Que tal pessoa obtenha, então, esta resposta: a perda não significa a destruição total da carne, mas castigo. Pois assim como quem está morto para o pecado vive para Deus (cf. Rm 6,10), assim também morrem as seduções da carne; morre a carne para os seus desejos, para reviver para a castidade e para as outras boas obras. 96. Que melhor exemplo podemos receber do que o de nossa mãe terra? De fato, a própria terra da qual fomos tirados, no intervalo do trabalho e do cultivo parece deserta; ela morre nas vinhas e olivais plantados no campo. Contudo ela não perde sua própria seiva, que é como que sua alma. Finalmente, quando se repete o seu cultivo e se lhe confiam as sementes para as quais está preparada, ela ressurgue mais fecunda em seus frutos. Portanto não é estranho dizer que igualmente a nossa carne perece assim, para que se creia que ela é castigada, mais do que aniquilada.

II LIVRO

1. 1. Embora tenham sido escritas no livro anterior muitas coisas úteis para exortar à penitência, podem, ainda, acrescentar-se muitas outras. Assim, para que não pareçamos deixar pelo meio o banquete de nossas palavras, continuemos a refeição começada.

2. De fato, a penitência deve ser feita não só com solicitude, mas também com prontidão. Não aconteça que aquele pai de família do Evangelho que plantou uma figueira em sua vinha venha procurar frutos nela e, não os encontrando, diga ao vinhateiro: “Corta-a; por que ela ainda ocupa a terra?” A menos que o vinhateiro intervenha dizendo: “Senhor: senhor, deixa-a este ano, até que eu cave ao redor dela e coloque um cesto de esterco”, se não der o menor resultado, a figueira será cortada (Lc 13,6-9).

3. Portanto, adubemos também nós este campo que possuímos, e imitemos os laboriosos agricultores que não se envergonham de saciar a terra de estrume fértil, nem de espalhar cinza impura no campo, para colher frutos mais abundantes.

4. E de que modo devemos adubar, ensina-nos o Apóstolo dizendo: “Considero tudo como esterco, para ganhar a Cristo” (cf. Fl 3,8). E ele “na má fama e na boa fama” (cf. 2Cor 6,8) conseguiu agradar a Cristo. Com efeito, ele tinha lido que Abraão, ao reconhecer que era esterco e cinza (cf. Gn 18,27), por sua extrema humildade, encontrou a graça de Deus (cf. Gn 18,28-32). Tinha lido que Jó, sentado no lixo (cf. Jó 2,8), recuperou tudo o que perdera (cf. Jó 42,10-12). Tinha lido que o Deus “da terra levanta o indigente e do esterco ergue o pobre” (cf. Sl 112,7), como profetizara Davi.

5. Portanto, também nós, não nos envergonhemos de confessar ao Senhor nossos pecados. Cada um tem vergonha de confessar seus próprios crimes, mas esta vergonha ara o seu campo, arranca os espinheiros renitentes, corta os espinhos, queima em sacrifício frutos que tu acreditavas quase mortos. Segue aquele que, sabendo arar o seu campo, obteve frutos eternos: “Somos amaldiçoados, diz ele, e bendizemos, sofremos perseguição e resistimos, somos ultrajados e suplicamos, tornamo-nos como lixo deste mundo” (1Cor 4,12-13). Se tu também arares assim, semearás coisas espirituais (cf. 1Cor 9,11). Ara, para arrancares o pecado e obteres o fruto. Paulo arou para erradicar de si mesmo o sentimento de perseguidor. Que mais poderia Cristo oferecer-nos como incentivo à correção, do que converter e dar-nos um doutor que antes nos perseguia?

2. 6. Embora os novacianos sejam refutados com tanta evidência pelo exemplo do próprio Apóstolo e de seus escritos, querem contudo resistir ainda. Afirmam que a autoridade da palavra do Apóstolo os apóia, apresentando como prova a carta aos Hebreus: “De fato, aqueles que foram iluminados uma vez, que provaram o dom celeste, que foram feitos partícipes do Espírito Santo, que provaram a boa palavra de Deus e as virtudes do tempo futuro, se decaírem, é impossível que sejam renovados outra vez fazendo penitência, crucificando pela segunda vez o filho de Deus e triunfando em ostentação” (Hb 6,4-6).

7. Acaso Paulo poderia pregar contra a sua própria obra? Perdoou o pecado ao coríntio através da penitência; como então neste último trecho poderia estar refutando sua própria decisão? Ora, como não poderia destruir o que havia construído, concluímos que não dizia uma coisa contrária, mas diferente. Pois aquilo que é contrário opõe-se a si mesmo, aquilo que é diferente costuma ter outra explicação. Ora, tanto não são contrárias as afirmações, que favorece a outra. Na verdade, uma vez que ele pregou que se deve suspender a penitência, também não pôde calar-se acerca dos que julgam que se deve repetir o batismo. E convinha dispensar solícitude primeiro a nós, para sabermos que, se alguns ainda pecarem depois do batismo, seu pecado pode ser perdoado; desta forma, a frívola proposta de repetir o batismo não seduzirá os que perderam a esperança do perdão. Em seguida foi preciso provar com argumentação convincente que não se deve repetir o batismo.

8. Ora, que era do batismo que ele falava suas próprias palavras o declaram; quis dizer com elas ser impossível que “os decaídos sejam renovados fazendo penitência”. De fato, é pelo batismo que somos renovados; por ele renascemos, como o próprio Paulo diz: “Fomos sepultados juntamente com ele na morte pelo batismo, para que, assim como Cristo ressuscitou dos mortos pela glória do Pai, assim também nós andemos em novidade de vida” (Rm 6,4). E em outro lugar: “Renovai-vos pela transformação espiritual de vossa mente e revesti-vos do homem novo, que foi criado segundo Deus” (Ef 4,23-24). Em outro lugar ainda: “Será renovada como águia a tua juventude” (Sl 102,5), porque a águia também, quando está morta, renasce de seus restos; da mesma forma, pelo sacramento do batismo, quando nós estamos mortos pelo pecado, renascemos para Deus e somos transformados. Portanto ele prescreve um só batismo, conforme diz em outro lugar: “Uma só fé, um só batismo” (Ef 4,5).

9. Também fica evidente que, naquele que é batizado, é crucificado o Filho de Deus, porque nossa carne não teria podido suprimir o pecado a não ser que tivesse sido crucificada em Cristo Jesus. Em seguida está escrito “que todos nós que fomos batizados em Cristo Jesus, é na sua morte que fomos batizados” (Rm 6,3). E abaixo: “Com efeito, se fomos semeados com ele à semelhança de sua morte, também o seremos à semelhança de sua ressurreição, sabendo que o nosso homem velho está pregado junto com ele na cruz” (Rm 6,5-6). E aos colossenses ele diz: “Sepultados com ele no batismo, no batismo também com ele ressuscitastes” (Cl 2,12). Isto foi escrito para que creiamos que ele próprio é crucificado em nós, a fim de que por ele sejam purificados os nossos pecados, e que ele próprio pregue na cruz o título de nossa dívida (cf. Cl 2,14), pois ele é o único que pode perdoar os delitos. É ele que em nós triunfa sobre os Principados e Potestades, porque está escrito a seu respeito: “Expôs em ostentação os Principados e Potestades, triunfando sobre eles em si mesmo” (Cl 2,15).

10. Portanto, aquilo que o Apóstolo diz nesta epístola escrita aos hebreus: “É impossível que os decaídos sejam renovados fazendo a penitência, crucificando novamente o Filho de Deus e triunfando em ostentação” — espera que o entendamos como uma palavra a respeito do batismo. É no batismo que crucificamos o Filho de Deus em nós, para que por meio dele o mundo seja crucificado para nós. Nós de certa forma

trionfamos, quando tomamos a semelhança da morte daquele que em sua cruz “expôs em ostentação os Principados e Potestades”, triunfando sobre eles (cf. Cl 2,15); assim, na semelhança de sua morte, nós também triunfamos sobre os Principados, rejeitando o seu jugo. Ora, uma só vez foi Cristo crucificado, uma só vez “morreu pelo pecado” (cf. Rm 6,10); por isso há um só batismo, e não muitos.

11. Que mais diremos a respeito da doutrina dos batismos, que Paulo anunciou acima (cf. Hb 6,2)? Como havia muitos batismos na lei, com razão ele censura aqueles que abandonam a doutrina perfeita e procuram os rudimentos da Palavra (cf. Hb 5,12-6,1). Ensina-nos que é preciso saber que foram abolidos todos os batismos da lei, que existe um único batismo nos sacramentos da Igreja. Exorta-nos a buscar o que é perfeito, abandonando os rudimentos da Palavra. “E faremos isto, diz ele, se Deus nos permitir” (Hb 6,3). Pois ninguém pode ser perfeito sem o favor de Deus.

12. Eu poderia certamente dizer o mesmo a quem pensa que estas palavras se referem à penitência: aquilo que é impossível para o homem, é possível a Deus (cf. Mt 19,26). Deus é poderoso, quando quer, para perdoar nossos pecados, até aqueles que julgamos que não podem ser perdoados; por isso, o que nos parece impossível de obter, para Deus é possível conceder. Com efeito, parecia impossível que a água pudesse lavar o pecado. Por isso, o sírio Naamã não acreditou que a sua lepra pudesse ser purificada pela água (cf. 2Rs 5,11-12). Mas aquilo que era impossível, Deus tornou possível, e concedeu-nos tão grande graça. Da mesma forma, parecia impossível que os pecados fossem perdoados por meio da penitência; Cristo concedeu isso a seus apóstolos, e os apóstolos o transmitiram às funções dos sacerdotes. Portanto foi feito possível aquilo que se julgava impossível. — Entretanto, é ao batismo que estas palavras se referem, e o Apóstolo argumenta com uma razão convincente, para ninguém repeti-lo.

3. 13. Com efeito, o Apóstolo não poderia contrariar a doutrina explícita de Cristo, que propôs a seguinte comparação (cf. Lc 15,11-24) acerca do pecador que faz penitência: “tendo partido para um país estrangeiro”, devorou todas as posses que recebera do pai, vivendo na luxúria; em seguida teve saudade dos pães da casa de seu pai, porque alimentava-se com vagens — e ganhou túnica, anel, calçado, até o sacrifício de um novilho, figura da paixão do Senhor, pela qual nos foi dado o sacramento celeste.

14. Bem se diz que “partiu para um país estrangeiro” (Lc 15,13), pois estava separado dos altares sagrados; significa que estava separado daquela Jerusalém que está no céu (cf. Hb 12,22; Gl 4,26), de certa forma pátria e morada dos santos. Daí dizer também o Apóstolo: “Portanto já não sois estrangeiros e peregrinos, mas sois concidadãos dos santos e membros da família de Deus” (Ef 2,19).

15. “E dilapidou,” diz o evangelho, as suas posses (Lc 15,13). Bem se diz as “dilapidou”, pois sua fé claudicava nas obras. Com efeito, “a fé é a posse daquilo que se espera, o argumento das coisas que não se vêem” (Hb 11,1). E boa “posse” é a fé, pois nela está o patrimônio de nossa esperança.

16. Nem admira que estivesse morrendo de fome (cf. Lc 15,16-17) aquele que estava privado do divino alimento e que, compelido pelo desejo deste alimento, dissesse: “Eu me levantarei, irei a meu pai e lhe direi: “Pai, pequei contra o céu e diante de ti” (Lc

15,18)”. Acaso não percebeis o que nos foi exposto com clareza: que é para merecer o sacramento que somos impelidos a implorar? Acaso quereis retirar a razão pela qual se faz penitência? Tira do piloto a esperança de chegar, e ficará vagando perdido no meio das ondas. Tira do lutador a coroa, e ficará quase parado no estádio. Tira do pescador a possibilidade da pesca e deixará de lançar as redes. Como, pois, pode suplicar a Deus com fervor aquele cuja alma sente fome, se perdeu a esperança do alimento sagrado?

17. “Eu pequei”, diz ele, “contra o céu e diante de ti” (Lc 15,21). Está sem dúvida confessando um pecado que leva à morte, para não nos julgardes no direito de excluir quem faz penitência, seja qual for o seu crime. Ora, este homem pecou contra o céu, contra o Reino dos céus ou contra a sua própria alma — e isto é um pecado que leva à morte; pecou também diante de Deus, o único a quem se diz: “Só contra ti eu pequei e fiz o mal diante de ti” (Sl 50,6).

18. Contudo ele recebe o perdão tão depressa que, voltando e estando “ainda longe”, corre-lhe o pai ao encontro e dá-lhe um “beijo” (cf. Lc 15,20), sinal da santa paz; manda “trazer-lhe uma túnica” (cf. Lc 15,22), que é a veste nupcial, sem a qual seria excluído do banquete das bodas (cf. Mt 22,11-13); coloca-lhe na mão um “anel” (cf. Lc 15,22), penhor da fé e selo do Espírito Santo; ordena que lhe tragam “calçados” (cf. Lc 15,22) — pois quem vai celebrar a páscoa do Senhor e comer o cordeiro, deve ter os pés protegidos contra todos os ataques das feras espirituais e contra as mordidas da serpente (cf. Ex 12,11); manda matar o “novilho” (cf. Lc 15,23), porque “Cristo, nossa páscoa, foi imolado” (1Cor 5,7). Em verdade, toda vez que tomamos o sangue do Senhor, anunciamos a morte do Senhor (cf. 1Cor 11,26). Portanto, assim como ele foi imolado uma só vez por todos, assim também toda vez que os pecados são perdoados, recebemos o sacramento do seu corpo, a fim de que pelo seu sangue se realize a remissão dos pecados.

19. Por conseguinte, na pregação do Senhor está com toda a clareza o mandado de restaurar a graça do sacramento celeste até para os culpados de crime gravíssimo, desde que façam penitência deste pecado de todo o coração, confessando-o explicitamente. Donde se conclui que não restou nenhuma escusa para vós.

4. 20. Entretanto chegou-nos também a objeção que costumais fazer, quando dizeis que está escrito: “Todo pecado e blasfêmia serão perdoados aos homens, mas o espírito de blasfêmia não será perdoado aos homens. E se alguém disser uma palavra contra o Filho do homem, isto lhe será perdoado; mas se alguém falar contra o Espírito Santo, isto não lhe será perdoado, nem neste século, nem no século futuro” (Mt 12,31-32). Esta citação destrói tudo que asseverais. De fato, está escrito: “Todo pecado e blasfêmia serão perdoados aos homens”. Por que então não perdoais? Por que teceis laços que não soltais? Por que dais nós que não afrouxais? Perdoai aos outros; pleiteai apenas contra aqueles que, de acordo com a autoridade do Evangelho, julgais eternamente condenados, por terem pecado contra o Espírito Santo.

21. Consideremos, por outro lado, também aqueles que o evangelho condena; retomemos as palavras que antecedem ao texto em questão, para os compreendermos com mais clareza. Diziam os judeus: “É somente em nome de Belzebu, príncipe dos

demônios, que este homem expulsa demônios (Mt 12,24). Respondeu Jesus: “Todo reino dividido contra si mesmo será destruído, e toda cidade ou casa dividida contra si mesma não ficará de pé; se, pois, satanás expulsa satanás, está dividido contra si mesmo. Como então subsistirá seu reino? E se é em nome de Belzebu que eu expulso demônios, em nome de quem os expulsam vossos filhos” (Mt 12,25-27)?

22. Percebemos com clareza que isto foi dito a respeito daqueles que diziam que o Senhor Jesus expulsava demônios em nome de Belzebu; respondeu-lhes o Senhor que a herança de satanás estava neles, pois que igualavam o salvador de todos a satanás e faziam consistir a graça de Cristo no reino do diabo. E para percebermos que era desta blasfêmia que ele falava, acrescentou: “Raça de víboras, como podeis dizer coisas boas, se sois maus” (Mt 12,34)? Portanto é a estes, que assim falavam, que Jesus nega acesso ao perdão.

23. Finalmente diz Pedro a Simão, que, pervertido pelo exercício da magia, julgava poder comprar com dinheiro a graça de Cristo pela imposição da mão e a infusão do Espírito Santo: “Não tens parte nem sorte nesta fé, porque o teu coração não é reto diante de Deus. Assim sendo, faze penitência por esta tua perversão e roga a Deus para que te seja talvez perdoada esta lembrança do teu coração: pois eu vejo que tu estás nos laços da iniquidade e na amargura do fel” (At 8,21-23). Tu vês que a este, que blasfemou contra o Espírito Santo” pela vaidade da magia, Pedro condena pela autoridade apostólica, — ainda mais que não tinha a consciência pura a para fé. E no entanto não lhe cortou a esperança do perdão, pois que o convidou à penitência.

24. É, portanto, uma resposta do Senhor à blasfêmia dos fariseus, e é por isso que ele lhes nega a graça do seu poder — a graça que está na remissão dos pecados — pois eles julgavam que o seu poder celeste era sustentado pelo apoio do diabo. Ele afirma também que aqueles que dividem a Igreja do Senhor fazem uso de um espírito diabólico, para abranger os heréticos e cismáticos de todos os tempos; nega-lhes indulgência, porque todo pecado envolve apenas o indivíduo, enquanto este agride a Igreja toda. Com efeito, são eles os únicos que querem anular a graça de Cristo, que dilaceraram os membros da Igreja, pela qual o Senhor Jesus padeceu e o Espírito Santo foi dado para nós.

25. Finalmente, para saberdes que ele fala a respeito dos que trazem a divisão, assim está escrito: “Quem não está comigo, está contra mim, e quem não ajunta comigo, dispersa” (Mt 12,30). E para sabermos que é a respeito deles que isto foi dito, imediatamente acrescentou: “Por isso vos digo: todo pecado e blasfêmia serão perdoados aos homens, mas o espírito de blasfêmia não será perdoado aos homens” (Mt 12,31). Ao dizer: “Por isso vos digo”, não fica por acaso evidente que foi dito, antes de mais nada, que desejou que entendêssemos? E acrescentou com razão: “A árvore boa produz bons frutos, porém a árvore má produz frutos maus” (Mt 7,17); de fato, uma comunidade má não pode produzir bom fruto. Assim, a árvore é a comunidade, os frutos da árvore boa são os filhos da Igreja.

26. Assim, pois, voltai à Igreja, vós que vos separastes dela por impiedade. Com efeito, ela oferece o perdão a todos os que se convertem, porque está escrito: “Todo aquele que invocar o nome do Senhor, será salvo” (Jl 2,32). Finalmente até mesmo o

povo judeu, que dizia de Jesus: “Tem demônio” (cf. Jo 10,20); que dizia: “É em nome de Belzebu que ele expulsa os demônios” (cf. Mt 12,24); que crucificou o seu Senhor — até mesmo este povo é chamado ao batismo pela pregação de Pedro, para livrar-se do que merece por crime tão grande (cf. 2,14-40).

27. Mas o que há de espantoso em negardes salvação aos outros, se vós mesmos rejeitais a vossa? Aqueles que vos pedem penitência nada têm de diferente. Eu penso, com efeito, que até Judas poderia não ter sido excluído do perdão, se tivesse feito penitência, não perante os judeus, mas junto a Cristo, de tão grande que é a misericórdia do Senhor. “Pequei, disse ele, porque entreguei sangue justo” (Mt 27,4). Responderam-lhe: “Que nos importa? Tu és que deverias ter visto” (Mt 27,4). Que outra palavra tendes, quando o culpado, mesmo de pecado menor, vos confessa o que fez? Que outra resposta lhe dais, senão esta: “Que nos importa? Tu és que deverias ter visto” (cf. Mt 27,5). A esta fala segue a corda, castigo tanto mais cruel quando menor é a culpa.

28. Mas se estes não se convertem, voltai ao menos vós que, numa queda diferente, caístes do cume elevadíssimo da inocência e da fé. Temos “um Senhor bondoso”, que quer perdoar a todos, que te chamou através do profeta, dizendo-te: “Sou eu, sou eu, que destruo as tuas iniquidades e delas não mais me lembrarei. Tu, porém, lembra-te, e vamos a juízo” (Is 43,25-26).

5. 29. Os novacianos, contudo, propõem uma questão a respeito do apóstolo Pedro, pois ele disse “para que talvez não...” (cf. At 8,22), e julgam que Pedro não assegurou que o pecado seria perdoado a quem fizesse penitência. Considerem, entretanto, a respeito de quem ele falava, isto é, de Simão, que não acreditava com fé, mas cogitava uma trapaça. Finalmente, o próprio Senhor, quando alguém lhe disse: “Eu te seguirei”, como não visse nele sinceridade plena, lhe responde: “As raposas têm suas tocas” (cf. Mt 18,19-20). Portanto, se o Senhor impediu alguém de segui-lo antes do batismo, por ter percebido que era mal intencionado, tu te admiras se o apóstolo não absolveu quem prevaricara depois do batismo, deixando claro que ele ainda permanecia nos laços da iniquidade (cf. At 8,23)?

30. Que isto lhes sirva de resposta. Quanto a mim, nem digo que Pedro duvidou, nem julgo que uma causa tão importante deva ser estrangulada pela imprecisão de uma única palavra. Com efeito, se eles julgam que Pedro duvidou, porventura terá Deus igualmente duvidado, quando assim falou ao profeta Jeremias: “Põe-te no átrio da casa do Senhor; dirás a todo Judá, aos que vêm adorar na casa do Senhor, todas as palavras que eu te ordenei dizer-lhes; não omitas palavra alguma; talvez escutem e se convertam” (Jr 26,2-3)? Então que digam que até Deus desconhecia o que haveria de acontecer.

31. Ora, não é desconhecimento que se exprime nesta palavra, mas é que nas Sagradas Escrituras se observa com freqüência este modo de falar; é uma maneira de expressar-se com simplicidade. De fato, o Senhor diz igualmente a Ezequiel: “Filho do homem, eu te enviarei à casa de Israel, aos que me têm exasperado, eles próprios e seus pais, até o dia de hoje, — e tu lhes dirás: Assim diz o Senhor. Talvez escutem e se atemorizem” (Ez 2,3-5). Então Deus não sabia se eles podiam ou não podiam converter-se? Portanto, esta expressão nem sempre é de dúvida.

32. Finalmente, os próprios sábios deste mundo, que põem toda a sua glória na expressão verbal, nem sempre empregaram a palavra “forte” em latim e *tácsa* em grego para indicar dúvida. Lembram que o maior de seus poetas assim disse: “*E tácsa csere*” que significa “Logo serei viúva”, e em outro lugar: “*Tácsa gar se katactanéousin Acsaioi pántes ephorméthéntes*”. Ora, ele não teria duvidado de que, se todos atacassem simultaneamente, uma única pessoa não viesse a ser abatida pela multidão.

33. Quanto a nós, porém, lancemos mão dos nossos próprios autores, de preferência aos estrangeiros. Afinal lê-se no Evangelho que o próprio Filho, referindo-se ao Pai, diz que o Pai assim falou, quando enviou servos à sua vinha e os mataram: “Enviarei meu filho muito amado, talvez o respeitem” (Lc 20,13). E em outra passagem o Filho pessoalmente diz: “Não conheceis nem a mim, nem a meu Pai; pois se me conhecêsseis a mim, talvez conheceríeis também a meu Pai” (Jo 8,19).

34. Portanto, se Pedro usou as mesmas palavras que Deus usou sem prejuízo do próprio saber, por que não admitimos também que Pedro tenha empregado esta expressão sem prejuízo de sua fé? E Pedro, realmente, não poderia ter dúvidas a respeito do dom de Cristo, que lhe concedera o poder de perdoar pecados (cf. Mt 16,19), sobretudo porque não devia dar espaço às astúcias dos hereges, que na verdade querem destruir a esperança dos homens para introduzirem com maior facilidade entre os desesperançados a persuasão de repetir o batismo.

35. Porém os apóstolos, que conservam a doutrina segundo o magistério de Cristo, ensinaram a penitência, prometeram o perdão, remiram a culpa, assim como Davi também ensinou ao dizer: “Felizes aqueles cujas iniquidades foram perdoadas e cujos pecados foram cobertos; feliz aquele a quem o Senhor não imputou o pecado” (Sl 31,1-2). De fato, Davi declara felizes tanto um como outro: aquele cuja iniquidade é perdoada através do batismo e aquele cujo pecado é coberto por boas obras. Com efeito, quem faz penitência, não só deve diluir em lágrimas seu pecado, mas também cobrir e esconder os delitos passados com ações mais puras, para que o pecado não lhe seja imputado.

36. Cubramos, portanto, nossas quedas com ações posteriores, purifiquemo-las com lágrimas, para que o Senhor nosso Deus nos ouça ao chorarmos, assim como ouviu Efraim em lágrimas, conforme está escrito, quando Deus disse: “Pondo-me à escuta, ouvi Efraim que se lamentava” (Jr 31,18). E expressou as próprias palavras da lamentação de Efraim, dizendo: “Tu me castigaste e eu fui castigado; como um bezerro eu não fui instruído” (Jr 31,18). De fato, o bezerro brinca e abandona o estábulo; por isso Efraim “como um bezerro”, não foi instruído, foi colocado longe do estábulo, porque abandonou o “estábulo do Senhor” (cf. Is 1,3) e, segundo Jeroboão, adorou bezerros (cf. 1Rs 12,28-32). É isto que, por meio de Aarão, a profecia indicara que iria acontecer: que assim haveria de cair o povo judeu (cf. Ex 32,1-6). Por isso, fazendo penitência, Efraim diz: “Converte-me e serei convertido, porque tu és o meu Senhor, porque no profundo do meu cativeiro eu fiz penitência e, depois que compreendi, chorei os dias de confusão e tornei-me submisso a ti, pois aceitei o opróbrio e te fiz saber disso” (Jr 31, 18-19).

37. Percebemos de que modo deve ser feita a penitência, com que palavras, com que

lágrimas, a ponto de Efraim chamar os dias de pecado de “dias de confusão”; de fato, existe confusão quando se nega a Cristo.

38. Por isso, submetamo-nos a Deus e não sejamos súditos do pecado. Ao passar revista à lembrança de nossos delitos, enrubeçamos como de um opróbrio; não os proclamemos como uma espécie de glória, à maneira de certas pessoas que se gloriam de haver espezinhado o pudor e esmagado a justiça. E seja tamanha a nossa conversão, que nós mesmos, que não reconhecíamos a Deus, agora o anunciemos aos outros; que o Senhor, por sua vez, responda, movido por nossa conversão tão intensa: “Ó Efraim, desde a minha juventude tu és para mim um filho querido, o menino das minhas delícias. Visto que minhas palavras permanecem nele, eu o terei em minha memória; por isso eu me apressei por sua causa, e terei misericórdia dele, diz o Senhor” (Jr 31,19-20).

39. Por outro lado, ele mostra em seguida qual é a misericórdia que nos promete, dizendo: “Inebriei toda alma sedenta e saciei toda alma faminta; por isso me levantei e vi, e meu sono é doce para mim” (Jr 31,25-26). Percebemos que o Senhor promete seus sacramentos àqueles que pecam. Assim, convertamo-nos todos ao Senhor.

6. 40. Todavia, se estes não se convertem, convertei-vos ao menos vós, que por diferentes pecados decaístes do elevado cume da inocência e da fé. Temos um Senhor bom, que quer perdoar a todos, que te chamou por meio do profeta, dizendo: “Sou eu, sou eu, que destruo as tuas iniquidades, e não mais me lembrarei. Tu, porém, lembra-te, para que entremos em processo” (Is 43,25-26). “Eu”, diz ele, “não me lembrarei, mas tu lembra-te”, isto é: Não evoco todos aqueles delitos que te perdoei; foram como que cobertos por uma espécie de esquecimento. “Tu, porém, lembra-te”. “Eu”, diz ele, “não me lembrarei” por causa da graça, “tu lembra-te” por causa da correção. Lembra-te, para que saibas que o pecado foi perdoado, para que não te glories como se fosses inocente, para que não te incrimines mais tentando justificar-te. Mas se queres ser justificado, confessa teu delito, pois a confissão humilde dos pecados desfaz os laços dos crimes.

41. Tu vês o que exige de ti “Deus, teu Deus” (cf. Sl 44,8; 49,7): que te lembres da graça que recebeste e não te “glories como se não a tivesses recebido” (cf. 1Cor 4,7). Vês com que promessa de remissão ele te incita a confessar. Guarda-te, para que, resistindo aos mandamentos celestes, não caias na impiedade dos judeus, aos quais diz o Senhor Jesus: “Cantamos para vós e não dançastes, lamentamos e não chorastes” (Lc 7,32).

42. A palavra é pouco elevada, mas o mistério não é. Por isso, é preciso acautelar-se para que ninguém se engane com certa interpretação vulgar desta passagem e pense que nos são recomendados movimentos ridículos de dança sensual e extravagâncias de teatro; tais coisas são condenáveis até na adolescência. Mas a dança que Jesus recomenda é aquela que Davi dançou diante da arca do Senhor (cf. 2Sm 6,12-23). Pois tudo convém quando é dedicado à religião, de modo que não nos envergonhemos de nenhum serviço que possa ser útil ao culto e à observância de Cristo.

43. Não é, portanto, a dança, companheira dos prazeres e da luxúria, que se recomenda, mas aquela em que cada um levanta o corpo com agilidade e não deixa os membros jazerem indolentemente por terra, ou ficarem entorpecidos pela lassidão dos

passos. Paulo dançava espiritualmente quando se desdobrava em nosso favor; esquecendo o que fica para trás, buscando o que estava à sua frente, lutava pelo prêmio da vitória de Cristo (cf. Fl 3,13-14). Tu também, quando vens ao batismo, és exortado a erguer as mãos, a ter pés mais velozes, para poderes subir até as realidades eternas. Esta é a dança que é sócia da fé, companheira da graça.

44. Portanto, é este o mistério: “Cantamos para vós” certamente o cântico do Novo Testamento, “e não dançastes”, isto é: não elevastes a alma até a graça espiritual. “Lamentamos e não chorastes”, isto é: não fizestes penitência. É por isso que o povo judeu foi preterido, porque não fez penitência e recusou a graça, penitência pedida por João, graça concedida por Cristo; esta última Cristo concede como Senhor, a primeira João a anuncia como servo. Por isso, a Igreja guarda uma e outra, de tal modo que alcança a graça e não abandona a penitência. Pois a graça é a dádiva de quem é pródigo, a penitência é o remédio para quem peca.

45. Jeremias sabia que a penitência é grande remédio; em suas lamentações ele assumiu-a em nome de Jerusalém e induziu a própria Jerusalém a fazê-la, ao dizer: “Gemendo ela chorou na noite e havia lágrimas em seu queixo; não há quem a console entre todos os que a amam. As ruas de Sião estão chorando” (Lm 1,2.4). E acrescentou: “É, pois, nelas que eu choro; meus olhos estão agora obscurecidos pelo pranto, porque aquele que me consolava se afastou de mim” (Lm 1,16; cf. Jó 16,17). Sabemos que para Jerusalém era este o auge mais acerbo de seus males: a falta de quem a consolasse quando sofria. Como, pois, podeis arrancar precisamente esta consolação, negando a esperança de relaxar a penitência?

46. Contudo, quem faz penitência, escute como deve fazê-la; com que empenho, com que sentimento, com que intenção de espírito, com que abalo das mais íntimas entranhas, com que conversão do coração: “Vê, Senhor, diz o profeta, como estou atribulado, meu ventre está conturbado por meu pranto, meu coração está convertido dentro de mim” (Lm 1,20).

47. Já compreendeste a intenção do espírito, a fé da mente; aprende agora a atitude do corpo: “Sentaram-se por terra, diz o profeta, calaram-se os anciãos da filha de Sião e puseram terra sobre suas cabeças, cingiram-se de cilícios, fizeram prostrar-se por terra as principais virgens de Jerusalém. Meus olhos desfizeram-se em lágrimas”, ficaram obscurecidos, “meu ventre ficou conturbado, esvaiu-se por terra” a minha glória (Lm 2,10-11; cf. Jó 16-17).

48. Assim chorou também o povo de Nínive e evitou a destruição da cidade, que já fora anunciada (cf. Jn 3,5-10); tão poderoso é, pois, o remédio da penitência que Deus parece mudar seu desígnio. Portanto, salvar-te está em teu poder. O Senhor quer que lhe roguem, que esperem nele, que lhe supliquem. Tu és homem e queres que te peçam para que perdoes — e julgas que Deus vai perdoar-te sem lhe pedires?

49. O próprio Senhor chorou sobre Jerusalém (cf. Lc 19,41-44), para que ela alcançasse o perdão graças às lágrimas do Senhor, pois ela própria não queria chorar. O Senhor quer que nós choremos, para que possamos salvar-nos, como está escrito no evangelho: “Filhas de Jerusalém, não choreis por mim, chorai por vós mesmas” (Lc

23,28).

50. Davi chorou e conseguiu que a divina misericórdia poupasse da morte o povo já condenado; quando lhe foram apresentadas três opções, escolheu aquela em que poderia experimentar a maior compaixão do Senhor (cf. 2Sm 24). Por que te envergonhas de chorar teus pecados, quando Deus mandou até os profetas chorarem pelos povos?

51. Enfim, Ezequiel também teve ordem de chorar por Jerusalém e recebeu um livro em cujo início estava escrito *lamentação, poema e ai* (cf. Ez 2,9-10); duas palavras são de tristeza e só uma de alegria, porque será salvo no futuro aquele que neste mundo mais chorar. Com efeito, “o coração dos sábios está na casa do luto e o coração dos tolos, na casa dos banquetes” (Eclo 7,5). E o próprio Senhor afirma: “Felizes sois vós que chorais, porque havereis de rir” (Lc 6,21).

7. 52. Choremos, pois, por um tempo, para que exulte-mos na eternidade. Temamos o Senhor, apresentemo-nos a ele confessando nossos pecados, emendemo-nos de nossas quedas, corriamos o erro, para que não se diga também a nosso respeito: “Ai de mim, minha alma, porque desapareceu da terra o que teme a Deus e não há entre os homens quem se corrija” (Mq 7,1-2).

53. Por que tens medo de confessar tuas iniquidades junto do bondoso Senhor? “Confessa tuas iniquidades, diz ele, para que sejas justificado” (Is 43,26). É agora que ao réu da culpa são oferecidos os prêmios da justificação; com efeito, aquele que reconhece livremente o próprio crime é justificado. Em seguida está escrito: “o justo, no exórdio de seu discurso, é seu próprio acusador” (Pr 18,17). O Senhor conhece todas as coisas, mas espera ouvir tua voz, não para punir-te, mas para perdoar-te. Ele não quer que o diabo te confunda e te acuse de ocultar os pecados. Chega antes de teu acusador; se tu mesmo te acusares, não temerás nenhum acusador; se tu mesmo te denunciasses, ainda que estejas morto, reviverás.

54. Cristo virá ao teu túmulo (cf. Jo 11,38). Se encontrar chorando por ti Marta, mulher muito trabalhadeira; se encontrar chorando Maria, que escutara atentamente a palavra de Deus, como a santa Igreja, “que escolheu para si a melhor parte” (cf. Lc 10,38-42) — será movido pela misericórdia. Quando vir as lágrimas de muitos por ocasião de tua morte, dirá: “Onde o colocastes” (Jo 11,34)? Isto é: “Em que classe de culpados, em que ordem de penitentes? Que eu possa ver por quem chorais, para que ele próprio me mova com suas lágrimas. Que eu possa ver se ele já está morto para este pecado para o qual se reclama o perdão”.

55. O povo lhe diz: “Vem e vê” (Jo 11,34). Que significa “vem”? Quer dizer: que venha a remissão dos pecados, que venha a vida dos defuntos, a ressurreição dos mortos, “que venha” também para este pecador “o teu reino” (cf. Mt 6,10).

56. Assim ele virá e ordenará que seja erguida a lápide (cf. Jo 11,39) que a queda impôs aos ombros do pecador. Ele era poderoso para remover a lápide com uma ordem de sua palavra; com efeito, quando Cristo ordena, até a natureza insensível costuma obedecer. Pela força silenciosa de uma operação oculta, ele podia afastar a pedra do sepulcro, pois em sua paixão os túmulos de muitos mortos repentinamente se abriram, ao serem removidas suas lápides (cf. Mt 27,52). Mas foi a homens que ordenou mover a

lápide, concretamente e em figura: concretamente, para que os incrédulos cressem no que viam e vissem alguém que ressurgia dos mortos; em figura, no sentido que nos concedia carregar o peso dos delitos, de certa forma o fardo dos culpados. Nossa função é remover os pesos, a dele é ressuscitar, a dele é tirar fora dos sepulcros os que foram libertos de suas amarras.

57. Vendo, então, o fardo pesado do pecador, o Senhor Jesus chora (cf. Jo 11,35); com efeito, ele não permite que a Igreja chore sozinha; ele participa dos sofrimentos de sua amada e diz ao morto: “Vem para fora” (Jo 11,43), isto é: “Tu que jazes nas trevas de tua consciência e na imundície de teus delitos, como que no cárcere dos réus, sai para fora, revela teu próprio delito, para que sejas justificado”. Pois “é pela boca que se faz a confissão para salvar-se” (Rm 10,10).

58. Se confessares, serás chamado por Cristo; os ferrolhos se romperão e se soltarão todos os laços, ainda que seja forte o mau cheiro de teu corpo em decomposição. Pois tinha quatro dias aquele corpo cuja carne cheirava mal no túmulo (cf. Jo 11,39). Por sua vez, aquele cuja “carne não conheceu a corrupção” (cf. At 2,31) permaneceu três dias no sepulcro; de fato, ele não conheceu os vícios da carne, que é constituída de substâncias dos quatro elementos. Portanto, por mais forte que seja o mau cheiro do morto, será totalmente abolido quando o perfume sagrado começar a espalhar-se (cf. Jo 12,3). O defunto se levanta e aqueles que ainda estão em pecado recebem a ordem de desatar suas amarras (cf. Jo 11,44), tirar de sua face o véu que obscurecia a verdade da graça que recebera. Mas é por ter sido perdoado gratuitamente que ele recebe a ordem de mostrar o rosto, de abrir o semblante. Pois aquele cujo pecado foi remido (cf. Jo 11,44; 2Cor 3,13-4,2) não tem de que se envergonhar.

59. Diante de tão grande graça do Senhor e de tão grande milagre do favor divino, todos deveriam alegrar-se; entretanto, os ímpios se agitavam, e congregavam uma assembléia contra Cristo (cf. Jo 11,46-57); queriam matar Lázaro também (cf. Jo 12,10). Será que vós não percebeis que sois os sucessores da conduta destes ímpios, cuja dureza herdastes? Pois vós também vos indignais e congregais uma assembléia contra a Igreja, porque vedes que os mortos revivem na Igreja e ressuscitam pelo perdão gratuito dos pecados. E assim, no que vos concerne, por inveja quereis matar novamente aqueles que ressuscitaram.

60. Mas Jesus não revoga os benefícios; pelo contrário, amplia-os com a superabundância de sua liberalidade. Com solicitude, ele voltou para rever o ressuscitado; compareceu alegre ao jantar que sua Igreja lhe preparara para celebrar esta ressurreição; neste jantar encontrava-se aquele que estivera morto; era um dos convivas que se reclinavam para comer com Cristo (cf. Jo 12,1-2).

61. Então se admiram todos aqueles que enxergam sobretudo com os olhos puros da mente, os que não aprenderam a invejar — pois tais são os filhos que a Igreja tem. Admiram-se, como eu já disse, de que aquele que jazia no túmulo (cf. Jo 12,9) na véspera e três dias antes seja um dos convivas que se reclinam para comer com o Senhor Jesus.

62. A própria Maria unge com perfume os pés do Senhor Jesus (cf. Jo 12,3), unge

talvez os pés porque um dos fracos foi arrebatado da carne. Com efeito, todos nós somos o corpo de Cristo, mas alguns são os membros superiores. A boca de Cristo era o apóstolo que dizia: “Quereis a prova de que é Cristo que fala em mim” (2Cor 13,3)? A boca de Cristo eram os profetas por meio dos quais ele anunciava as coisas futuras. Oxalá eu mereça ser o pé de Cristo! Oxalá Maria derrame sobre mim seu perfume precioso, unja-me e limpe-me do pecado (cf. Jo 12,3)!

63. Portanto, o que lemos acerca de Lázaro devemos crer a respeito de todo pecador que se converte: ainda que esteja exalando mau cheiro, mesmo assim é purificado pelo perfume da fé preciosa. Pois a graça da fé é tão grande que, no lugar onde na véspera um morto cheirava mal, ali mesmo toda a casa fica repleta de bom odor (cf. Jo 12,3).

64. Cheirava mal a casa de Corinto, quando se escreveu a seu respeito: “Ouve-se falar de fornicção entre vós como não existe nem entre pagãos” (1Cor 5,1). Havia mau cheiro, porque uma medida de fermento corrompera toda a massa (cf. 1Cor 5,6). Ela começa a cheirar bem quando se diz: “Se perdoastes algo a alguém, também eu perdô; pois eu também, se perdoei foi por causa de vós em nome de Cristo” (2Cor 2,10). Assim, liberto o pecador, houve ali uma grande alegria, e toda a casa começou a exalar o perfume suave da graça. Daí dizer que o Apóstolo, bem consciente de que banhara a todos com o perfume do perdão apostólico: “Somos para Deus o bom odor de Cristo entre aqueles que se salvam” (2Cor 2,15).

65. Todos, então, se alegram com a efusão deste perfume; somente Judas faz objeção (cf. Jo 12,4-5). Portanto, que também agora o apóstata faça objeção e o traidor repreenda. Mas ele mesmo é repreendido por Cristo, pois não sabe que a morte do Senhor foi um remédio, e não entende o mistério de tão insigne sepultamento (cf. Jo 12,7-8). Pois na verdade o Senhor sofreu e morre para nos salvar da morte. É isto que Cristo considera como o mais alto valor de sua morte: graças a ela o pecador é absolvido e elevado a uma nova graça, para que todos venham, se admirem de que ele se incline para comer com Cristo e digam louvando ao Senhor: “Comamos e banquetemos, porque este homem estava morto e voltou à vida, estava perdido e foi encontrado” (Lc 15,23-24). Mas se algum incrédulo objetar: “Por que ele come com publicanos e pecadores” (Mt 9,11)? — receberá a seguinte resposta: “Não são os que têm saúde que precisam de médico, mas sim aqueles que estão doentes” (Mt 9,12).

8. 66. Mostra, pois, ao médico tua ferida, para que possas ser curado. Ainda que não mostres, ele a conhece, mas espera de ti poder ouvir tua voz. Apaga com lágrimas tuas cicatrizes. No evangelho, foi assim que aquela mulher apagou o pecado e o mau cheiro de seu erro; foi assim que diluiu sua culpa, ao lavar os pés de Jesus com suas lágrimas (cf. Lc 7,38). 67. Oxalá, ó Jesus, tu reserves para mim também a graça de lavar teus pés, os pés que tu sujaste quando caminhavas em mim! Oxalá me apresentes a sujeira de tuas pegadas para que eu a limpe, a sujeira que eu grudei em teus passos com minhas ações! Mas de onde me virá a água viva com que eu possa lavar teus pés? Se não tenho água, tenho lágrimas; enquanto eu estiver lavando teus pés, oxalá eu próprio me dilua nelas! De onde me virá que possas dizer a meu respeito: “Foram perdoados seus numerosos pecados, porque muito amou” (cf. Lc 7,47)? Quanto mais eu confesso que devi, mais

me é perdoado, eu que do barulho das disputas forenses e do terror da administração pública fui chamado ao sacerdócio. E por isso eu temo ser achado ingrato se amar menos, pois a mim foi perdoado mais.

68. Não posso, porém, igualar esta mulher a qualquer pessoa. Ela foi merecidamente preferida até a Simão, que oferecia um jantar ao Senhor; a todos os que desejam alcançar o perdão ela proporcionou um ensinamento, beijando os pés de Cristo, lavando-os com suas lágrimas, enxugando-os com seus cabelos e unguendo-os com perfume (cf. Lc 7,38).

69. No beijo está o sinal da caridade; por isso o próprio Senhor Jesus diz: “Que ela me beije com um beijo de sua boca” (Ct 1,1). Os cabelos, o que significam? Uma coisa apenas: que saibas que deves implorar o perdão, inclinando toda a dignidade das insígnias deste mundo; que tu mesmo te prosternes por terra a chorar; que, jazendo por terra, movas a misericórdia. No perfume, por sua vez, se expressa o odor da verdadeira conversão. Davi era, de fato, rei, e dizia: “Toda noite lavarei meu leito, regarei com lágrimas minha cama” (Sl 6,7). Por isso obteve graça tão grande: de sua família foi escolhida a Virgem que daria à luz Cristo para nós, com seu parto. É também por esta razão que aquela mulher é enaltecida no evangelho (cf. Lc 7,44-46).

70. Entretanto, não podemos igualar-nos a ela, o Senhor Jesus sabe também socorrer os fracos; quando não existe mulher que possa preparar-lhe um banquete, que possa derramar-lhe perfume, que possa levar consigo “uma fonte de água viva” (cf. Jo 4,10.14), — ele próprio vem ao sepulcro (cf. Jo 11,38).

71. Oxalá, Senhor Jesus, te dignes aproximar-te deste meu túmulo e lavar-me com tuas lágrimas (cf. Jo 11,35), porque em meus olhos tão duros não tenho lágrimas suficientes para poder lavar meus delitos! Se tu chorares por mim, serei salvo. Se eu for digno de tuas lágrimas, apagarei o mau cheiro de todos os meus delitos. Se eu for digno de que chores um breve momento, tu me chamarás do túmulo deste corpo e dirás: “Sai para fora” (Jo 11,43). Assim meus pensamentos não ficarão mais encerrados na estreiteza deste corpo, mas sairão para Cristo, serão mudados em luz, de modo que eu não mais cogite as obras das trevas, mas as obras da luz (cf. Rm 13,12). Pois aquele que cogita o pecado, esforça-se por encerrar a si mesmo dentro de sua consciência.

72. Chama então para fora o teu servo. Mesmo preso pelos laços dos meus pecados, com os pés atados, as mãos amarradas; mesmo já sepultado em pensamentos e “obras mortas” (cf. Hb 9,14), se tu me chamares, sairei livre (cf. Jo 11,44) e serei achado como “um dos que se reclinam” (cf. Jo 12,2) em teu banquete. E tua casa ficará repleta de perfume precioso (cf. Jo 12,3), se tu protegeres aquele que te dignaste redimir. Então se dirá: “Eis que ele não foi alimentado no seio da Igreja, não foi domado desde criança; pelo contrário, foi subtraído aos tribunais, tirado das vaidades deste mundo; em lugar da voz do arauto acostumou-se ao cântico do salmista; persevera no sacerdócio não por sua própria virtude, mas pela graça de Cristo, e reclinou-se entre os convivas da mesa celeste”.

73. Preserva, Senhor, a tua obra; protege o dom que me conferiste mesmo quando eu fugia de ti. Pois eu sabia que não era digno de ser chamado bispo, porque me entregara a este mundo. Mas pela tua “graça sou o que sou”; e em virtude “sou o menor” (cf. 1Cor

15,9-10) de to-dos os bispos e certamente o pior; entretanto, já que até eu assumi um serviço em favor de tua santa Igreja, cuida deste fruto; não permitas que se perca este sacerdote que chamaste ao sacerdócio quando estava perdido.

Antes de tudo, que saibamos sofrer com os que pecam, do fundo do coração, pois esta é a virtude, conforme está escrito: “Não te regozijarás à custa dos filhos de Judá, no dia de sua perdição; não te vangloriarás no dia de sua tribulação” (Ab 12). Pelo contrário, cada vez que se apresentar o pecado de alguém que caiu, que eu sofra com ele; que não o recrimine com soberba, mas que lamente e chore. Desta forma, enquanto choro pelo outro, estou chorando por mim mesmo, dizendo: “Tamar foi mais justificada do que eu (Gn 38,26).

74. Talvez uma jovem caia em pecado surpreendida e arrastada pelas ocasiões, que servem de estímulo para os delitos. Mas nós pecamos já velhos; a lei desta carne luta dentro de nós contra a lei de nossa mente e nos arrasta ao pecado como prisioneiros, para que façamos aquilo que não queremos (cf. Rm 7,23). Para ela basta a justificativa da idade, a mim nada justifica. Pois ela deve aprender, e nós devemos ensinar. Portanto, Tamar foi mais justificada do que eu (Gn 38,26).

75. Censuramos a avareza de alguém? Recordemos se nós próprios não fazemos nada com avareza. Se fazemos — já que “a avareza é a raiz dos males” (cf. 1Tm 6,10) e serpeia ocultamente em nosso corpo como se estivesse sob a terra — então que cada um de nós diga: “Tamar foi mais justificada do que eu” (Gn 38,26).

76. Caso tenhamos sido fortemente impelidos contra alguém, um leigo tem culpa mais leve do que um bispo por aquilo que tenha feito sob este impulso; retratemo-nos, pois, e digamos: Este homem acusado de agir impulsivamente foi mais justificado do que eu. Pois se assim falarmos, estaremos precavendo-nos para que o Senhor Jesus ou algum de seus discípulos não venha a nos dizer: “Vês a palha no olho de teu irmão, mas não vês a trave que está no teu olho. Hipócrita, tira primeiro a trave de teu olho e então verás para tirar a palha do olho de teu irmão” (Mt 7,3.5).

77. Portanto, não nos envergonhemos de dizer que nossa culpa é mais grave do que a daquele que pretendemos acusar; foi assim que falou Judá, que acusava Tamar, e lembrando-se de sua própria culpa, disse: “Tamar foi mais justificada do que eu” (Gn 38,26). Neste fato existe a profundidade de um mistério e um preceito moral: não lhe foi imputada a culpa, porque ele mesmo se acusou antes que fosse acusado pelos outros.

78. Portanto, que eu não me alegre à custa do pecado de alguém; pelo contrário, que chore mais, porque está escrito: “Não te regozijes à minha custa, minha inimiga, porque eu caí. Eu me reerguerei, porque se me sentar nas trevas, o Senhor me iluminará. Suportarei a ira do Senhor por ter pecado contra ele, até que ele faça justiça à minha causa. Ele me julgará, ele me conduzirá até a luz e verei a sua justiça. Então minha inimiga verá e ficará coberta de confusão, ela que me dizia: Onde está o Senhor teu Deus? Meus olhos a verão e ela será pisada como o barro na estrada” (Mq 7,8-10). E não será sem razão, porque quem se alegra com a queda do outro, alegra-se com a vitória do diabo. Assim, intensifiquemos o pranto, quando ouvimos dizer que se perdeu um homem “pelo qual Cristo morreu” (cf. Rm 14,15), porque Cristo não menosprezou

nenhum ramo da messe (cf. Mq 7,1).

79. Oxalá Cristo não rejeite este “ramo na messe”, isto é, a aveia desprezível do meu fruto; que a recolha, conforme ele mesmo diz: “Ai de mim, porque me tornei como aquele que recolhe um ramo na messe e um cacho na vindima” (Mq 7,1). Desta forma ele comerá em mim ao menos os primeiros frutos de sua graça, ainda que não aprove os frutos posteriores.

9. 80. Convém, pois, que creiamos que deve ser feita a penitência e concedido o perdão. Desta forma, apesar de tudo, esperaremos o perdão como que da fé, e não como um débito. Pois uma coisa é merecer, outra é presumir-se merecedor. A fé alcança seus fins como que por um contrato; a presunção, pelo contrário, é mais própria de quem se arroga um direito do que de quem faz um pedido. Paga primeiro o que deves, para que mereças alcançar o que esperas. Paga com a disposição de espírito de bom devedor, sem fazeres outro empréstimo, mas liquidando com os bens de tua fé os juros da dívida que contraíste.

81. Quem deve a Deus tem mais recursos para pagar do que quem deve a homem. O homem reclama dinheiro por dinheiro, o que nem sempre o devedor tem à sua disposição; Deus exige a disposição de espírito, que está em teu poder. Quem deve a Deus não é pobre, a não ser que a si mesmo se faça pobre. Ainda que não tenha o que vender, tem com que pagar. A oração, as lágrimas, os jejuns são os bens do bom devedor; são muito mais valiosos do que os de alguém que, sem fé, leva o dinheiro do valor de suas terras.

82. Afinal, pobre era Ananias quando vendeu o campo e levou o dinheiro aos apóstolos, pois não pôde pagar com dinheiro; pelo contrário, complicou-se (cf. At 5,1-6). Rica era aquela viúva que lançou duas pequenas moedas na sala do tesouro, pois foi dito a seu respeito: “Esta pobre viúva lançou mais do que todos” (Lc 21,2). Com efeito, Deus não procura o dinheiro, mas fé.

83. Eu não nego que o pecado possa ser diminuído pelas dádivas feitas aos pobres, mas só se a fé conferir valor ao que se gasta. Pois para que serve a oferta do patrimônio sem a graça da caridade (cf. 1Cor 13,3)?

84. Existem aqueles que têm em vista apenas a ostentação e a honra da liberalidade; o que desejam é parecerem agradáveis ao povo pelo fato de nada deixarem para si mesmos. Mas enquanto procuram a recompensa deste mundo, não garantem a do futuro, e como já “receberam a sua recompensa” aqui, não a podem esperar lá (cf. Mt 6,2.5).

85. Existem aqueles que, por um impulso precipitado e não por uma decisão definitiva da mente, doaram seus bens à Igreja e depois julgaram que deviam retomá-los; para estes não é válida nem a primeira nem a segunda recompensa, porque a primeira não teve uma reflexão e a segunda foi um sacrilégio.

86. Existem aqueles que se arrependem de ter dividido sua fortuna com os pobres. Entretanto, para os que fazem penitência, é esta a única obra de que não devem arrepender-se; do contrário, estariam fazendo penitência da própria penitência. Muitos, com efeito, temendo o castigo futuro e conscientes de seus pecados, pedem a penitência; porém, quando a recebem, voltam atrás, com vergonha de fazer súplicas em público.

Tais pessoas parece que pediram penitência de suas obras más e se penitenciam das boas.

87. Alguns pedem a penitência e querem que a comunhão lhes volte a ser dada de imediato. Seu desejo não é tanto libertar-se, quanto comprometer o sacerdote. Pois não aliviam sua consciência e sobrecarregam a do sacerdote, a quem foi preceituado: “Não deis aos cães o que é santo nem jogueis vossas pérolas diante dos porcos” (Mt 7,6). Quer dizer: a participação na sagrada comunhão não deve ser concedida àqueles que estão cobertos de impurezas.

88. Vê, lá vão eles de roupa trocada, eles que deviam chorar e gemer, porque sujaram a veste da purificação e da graça. As mulheres, por sua vez, enchem as orelhas de pérolas e curvam o pescoço, que deviam inclinar por causa de Cristo e não por causa do ouro; elas deveriam chorar por si mesmas (cf. Lc 23,28), porque perderam a pérola que procede do céu (cf. Mt 13,45-46).

89. Existem também os que pensam que a penitência é esta: abster-se dos sacramentos celestes. Juízes mais cruéis contra si mesmos, prescrevem para si a pena e rejeitam o remédio; convinha-lhes deplorar até mesmo a própria pena, porque ficaram defraudados da graça celeste.

90. Outros, ao lhes ser dada a esperança de fazer penitência, acham que lhes foi prorrogada a licença para pecar, quando a penitência é um remédio para o pecado, não um incentivo para pecar. Com efeito, é o medicamento que é necessário para a ferida, não a ferida para o medicamento, porque é por causa da ferida que se procura o medicamento, e não por causa do medicamento que se deseja a ferida. Além disso, é fraca a esperança que se confia ao tempo, porque todo tempo é incerto, e nem toda esperança sobrevive ao tempo.

10. 91. Porventura alguém admitiria que te acanhas de rogar a Deus, se não te acanhas de rogar a um homem? Que te envergonhes de suplicar a Deus, de quem não és desconhecido, se não te envergonhas de confessar teus pecados a um homem de quem és desconhecido? Porventura tu evitas pessoas que testemunhem tua súplica e conheçam teu caso, quando, para reparar a ofensa a um homem, tens de assediar a muitos e pedir-lhes que se dignem intervir? Quando tu mesmo tens de prosternar-te ante os joelhos deste homem, apresentar-lhe teus filhos, que ignoram tua culpa, para que também eles peçam perdão para o pai? Pois é isto que te repugna fazer na Igreja: suplicar a Deus, pedir ao povo santo que te ajude a implorar. Na Igreja nada existe que deva causar pudor a não ser deixar de confessar, porque todos somos pecadores; na Igreja é mais digno de louvor aquele que é mais humilde, é mais justo aquele que se julga mais desprezível.

92. Que a mãe Igreja chore por ti e lave a tua culpa com suas lágrimas; que Cristo te veja aflito e te diga: “fe-lizes os tristes, porque vos alegrareis” (cf. Mt 5,4; Lc 6,21). Ele ama que muitos roguem por um só; afinal, no evangelho, comovido pelas lágrimas da viúva, ressuscitou o filho dela, porque muitos choravam por ele (cf. Lc 7,11-15). Ouvia prontamente a Pedro e ressuscitou Dorcas, porque os pobres choravam a morte desta mulher (cf. At 9,36-41). Perdoou de imediato ao próprio Pedro, porque ele chorou amargamente (cf. Lc 22,61-62). Se tu também chorares amargamente, Cristo olhará para

ti e tua culpa te abandonará. Com efeito, a experiência da dor afasta a luxúria do crime, as delícias do erro. Assim, enquanto lamentamos as faltas cometidas, excluímos a possibilidade de voltar a cometê-las — e da condenação da culpa nasce de certa forma a disciplina da inocência.

93. Portanto, que nada te afaste da penitência; é o que tens em comum com os santos; oxalá pudesses imitar, tal e qual, a lamentação dos santos. Davi “comeia cinza como pão e temperava com lágrimas sua bebida” (Sl 101,10). Por isso agora mais se alegra, porque mais chorou: “Meus olhos desceram pelas torrentes de águas” (Sl 118,136), diz ele.

94. João chorou muito (cf. Ap 5,4) e narra os misté-rios de Cristo que lhe foram revelados. Entretanto, aquela mulher que, mesmo estando em pecado e necessitando chorar, ainda assim se alegrava, se vestia de púrpura e escarlata, se enfeitava com muito ouro e pedras preciosas — chora merecidamente o castigo do pranto eterno (cf. Ap 17-18).

95. Há quem pense que se deva fazer penitência muitas vezes. Tais pessoas “satisfazem em Cristo sua luxúria” (cf. 1Tm 5,11). De fato, se fizessem a penitência com seriedade, não pensariam em repeti-la depois, porque assim como há “um só batismo”, assim também há uma só penitência, isto é, aquela que se faz publicamente. Pais todos os dias devemos arrepender-nos do pecado — mas esta é a penitência para os delitos mais leves, e aquela, para os mais graves.

96. Por outro lado, eu tenho encontrado mais facilmente quem tenha preservado a inocência, do que quem tenha feito penitência adequadamente. Será que alguém pensa que há de fato penitência quando existe ambição de receber dignidade, quando existe profusão de vinho, quando existe o uso legítimo da cópula conjugal? É preciso renunciar ao mundo; é preciso entregar-se menos ao sono do que a natureza pede; é preciso interromper o sono com gemidos, truncá-lo com suspiros, afastá-lo com orações; é preciso viver de tal modo que morramos para o gozo desta vida. Que o homem se renegue a si mesmo e seja totalmente transformado, como certo jovem de quem falam as lendas: depois que teve amores de prostituta, partiu para um país estrangeiro; acabada a paixão, regressou e logo encontrou a antiga amada. Esta, admirando-se por não ter sido interpelada, pensou que não fora reconhecida; encontrando-o novamente, disse a ele: “Sou eu” — e ele respondeu: “Mas eu não sou”.

97. Daí dizer bem o Senhor: “Quem quiser vir após mim, renegue-se a si mesmo, tome sua cruz e siga-me” (Mt 16,24). Porquanto os que foram mortos e sepultados com Cristo (cf. Rm 6,48; Cl 2,20) não devem tornar a pensar como se fossem viventes deste mundo. “Não tocareis”, diz o Apóstolo, “nem vos aproximareis de tudo quanto se destina à corrupção pelo próprio uso” (Cl 2,21-22), no sentido de que o próprio uso desta vida é corrupção de nossa integridade.

11. 98. Por conseguinte, bendita penitência! Se ela não existisse, todos teriam de protelar para a velhice a graça do batismo. Para quem age assim, seja suficiente responder que, para mim, é melhor ter o que remendar do que não ter que vestir. Porém assim como o tecido remendado uma só vez se recompõe, assim também o que é remendado

freqüentemente acaba se esgarçando.

99. Por outro lado, àqueles que protelam a penitência, o próprio Senhor já advertiu suficientemente, ao dizer: “Fazei penitência, pois o Reino dos céus está próximo” (Mt 4,17). Não sabemos em que hora vem o ladrão (cf. Lc 12,39), não sabemos se na própria noite será exigida a nossa alma (cf. Lc 12,20). Depois da culpa, Deus imediatamente expulsou Adão do paraíso; não protelou, mas imediatamente o separou das delícias para que fizesse penitência (cf. Gn 3,23-24); imediatamente o vestiu com uma túnica de pele, não de seda (cf. Gn 3,21).

100. O que há, pois, para que fiques protelando? Será para cometeres mais pecados? Então, porque Deus é bom, por isso tu és mau, e “desprezas as riquezas da bondade e da paciência dele” (cf. Rm 2,4)? Porém a bondade do Senhor deve impelir-te mais à penitência. Por isso, é que o santo Davi diz a todos: “Vinde, adoremos e prostremo-nos diante dele; choremos ante o nosso Senhor, que nos fez” (Sl 94,6). Entretanto, pelo pecador que morreu sem penitência não há nada a fazer, senão afligir-se profundamente e chorar; por isso encontras o mesmo Davi chorando e dizendo: “Meu filho Absalão, meu Filho Absalão” (2Sm Rr 18,33). Pois aquele que está completamente morto é chorado sem nenhuma reserva.

101. Entretanto, pelos peregrinos, exilados das fronteiras paternas estabelecidas pela santa lei de Moisés (cf. Dt 19,34), que foram envolvidos pelos enganos do mundo — tu o ouves cantar: “Ali, junto aos rios da Babilônia, nos sentamos e choramos, enquanto recordávamos Sião” (Sl 136,1). Ele sugere, pois, que a raça dos decaídos deve arrepender-se, pois ainda se encontram na condição do tempo presente, do tempo em que as coisas mudam; haja visto o exemplo daqueles que foram levados ao castigo do cativo para pagarem seu pecado.

102. Entretanto não há nada que provoque uma dor tão grande quanto isto: que alguém, posto sob o cativo do pecado, se recorde de onde caiu, de onde desceu. Quer dizer: decaiu daquela brilhante e bela propensão ao conhecimento de Deus, para as coisas corpóreas e terrenas.

103. É assim que vê Adão: escondeu-se quando percebeu a presença de Deus; ao ser procurado, tentou ocultar-se (cf. Gn 3,8); foi chamado por Deus com aquela palavra que fere o coração de quem se esconde: “Adão, onde estás” (Gn 3,9)? Quer dizer: “Por que te escondes, por que te ocultas, por que foges daquele que gostavas de ver?” Tão pesada é a culpa de sua consciência que ela mesma se pune, sem juiz; deseja cobrir-se e no entanto está nua diante de Deus (cf. Gn 3,7.10-11).

104. Por isso ninguém que se encontre em pecado deve reivindicar para si o direito de usar os sacramentos, porque está escrito: “Pecaste? Repousa” (Gn 4,7)! É o que Davi diz neste salmo: “nos salgueiros, no meio de Babilônia, penduramos nossos instrumentos musicais” (Sl 136,2). E abaixo: “Como cantaremos um cântico do Senhor em terra estrangeira?” (Sl 136,4) Pois se a carne luta contra a mente, se não se sujeita ao governo do espírito nem ao comando da mente, é uma terra estrangeira, que não foi subjugada pelo trabalho do agricultor e por isso não pode produzir frutos de caridade, paciência e paz. Portanto é melhor repousares, quando não podes praticar obras de penitência, para

que não se faça como penitência alguma coisa que depois terá necessidade de penitência. Pois se ela foi usada uma vez, e não foi feita como se deve, não alcança o fruto desta primeira vez e impossibilita o uso da vez seguinte.

105. Sem dúvida, mesmo quando a carne reluta, a mente deve estar orientada para Deus. Mesmo se não vêm depois as obras, que a fé seja zelosa; mesmos e as seduções da carne ou as potências inimigas atacam, que a mente permaneça entregue a Deus. Pois quando a carne nos bate, é então que somos ameaçados ao máximo. E existem aqueles que se atiram violentamente contra a alma infeliz, procurando arrancar-lhe toda proteção; daí estar escrito: “Arrasai-a, arrasai-a até os alicerces” (Sl 136,7).

106. Compadecido com ela, Davi diz: “Ó infeliz filha da Babilônia!” (Sl 136,8). Infeliz certamente, porque é filha da Babilônia e porque deixou de ser filha de Deus. Contudo Davi convoca um médico para ela, ao dizer: “Feliz quem pegar e despedaçar teus pequenos contra a pedra” (Sl 136,9), isto é, quem quebrar contra Cristo os pensamentos doentios e lascivos, quem quebrar todos os impulsos irracionais no respeito a si mesmo e na reflexão. Desta forma, se alguém for arrebatado por um amor adúltero, rejeitará a cópula abrasadora da meretriz e renunciará a seu próprio gosto para adquirir a Cristo.

107. Em suma, nós aprendemos que não só devemos fazer penitência, mas também que devemos fazê-la no momento em que arrefece o prazer da culpa; aprendemos também que, quando somos escravos do pecado, devemos ser muito reverentes e nem um pouco pretensiosos. Pois foi dito a Moisés, que se impacientava para chegar mais perto, a fim de haurir o conhecimento do mistério celeste: “Tira as sandálias de teus pés” (Ex 3,5). Quanto mais então nós devemos despojar os pés de nossa alma dos laços corporais e libertar todos os nossos passos das amarras deste mundo.

Coleção **PATRÍSTICA**

1. Padres Apostólicos, Clemente Romano – Inácio de Antioquia – Policarpo de Esmirna – Pseudo-Barnabé – Hermas – Pápias – Didaqué
2. Padres Apologistas, Carta a Diogneto – Aristides – Taciano – Atenágoras – Teófilo – Hérmiás
3. Apologias e Diálogo com Trifão, Justino de Roma
4. Contra as heresias, Ireneu de Lião
5. Explicação dos símbolos (da fé) – Sobre os sacramentos – Sobre os mistérios – Sobre a penitência, Ambrósio de Milão
6. Sermões, Leão Magno
7. A Trindade, S. Agostinho
8. O livre-arbítrio, S. Agostinho
- 9/1. Comentário aos Salmos (Salmos 1-50), S. Agostinho
- 9/2. Comentário aos Salmos (Salmos 51-100), S. Agostinho
- 9/3. Comentário aos Salmos (Salmos 101-150), S. Agostinho
10. Confissões, S. Agostinho
11. Solilóquios – A vida feliz, S. Agostinho
12. A Graça (I), S. Agostinho
13. A Graça (II), S. Agostinho
14. Homilia sobre Lucas 12 – Homilias sobre a imagem do homem – Tratado sobre o Espírito Santo, Basílio de Cesareia
15. História eclesiástica, Eusébio de Cesareia
16. Os bens do matrimônio – A santa virgindade consagrada – Os bens da viuvez: Cartas a Proba e a Juliana, S. Agostinho
17. A doutrina cristã, S. Agostinho
18. Contra os pagãos – A encarnação do Verbo – Apologia ao imperador Constâncio – Apologia de sua fuga – Vida e conduta de S. Antão, S. Atanásio
19. A verdadeira religião – O cuidado devido aos mortos, S. Agostinho
20. Contra Celso, Orígenes
21. Comentário ao Gênesis, S. Agostinho

22. Tratado sobre a Santíssima Trindade, S. Hilário de Poitiers
23. Da incompreensibilidade de Deus – Da Providência de Deus – Cartas a Olímpia, S. João Crisóstomo
24. Contra os Acadêmicos – A Ordem – A grandeza da Alma – O Mestre, S. Agostinho
25. Explicação de algumas proposições da Carta aos Romanos / Explicação da Carta aos Gálatas / Explicação incoada da Carta aos Romanos, S. Agostinho
26. Examerão – os seis dias da criação, S. Ambrósio
- 27/1. Comentário às Cartas de São Paulo/1 – Homílias sobre a Carta aos Romanos – Comentário sobre a Carta aos Gálatas – Homílias sobre a Carta aos Efésios, S. João Crisóstomo
- 27/2. Comentário às Cartas de São Paulo/2 – Homílias sobre a Primeira Carta aos Coríntios – Homílias sobre a Segunda Carta aos Coríntios, S. João Crisóstomo
- 27/3. Comentário às Cartas de São Paulo/3 – Homílias sobre as cartas: Primeira e Segunda a Timóteo, a Tito, aos Filipenses, aos Colossenses, Primeira e Segunda aos Tessalonicenses, a Filemon, aos Hebreus, S. João Crisóstomo
28. Regra Pastoral, S. Gregório Magno
29. A criação do homem / A alma e a ressurreição / A grande catequese, S. Gregório de Nissa
30. Tratado sobre os Princípios, Orígenes
31. Apologia contra os livros de Rufino, S. Jerônimo
32. A fé e o símbolo / Primeira catequese aos não cristãos / A disciplina cristã / A continência, S. Agostinho

Direção Editorial

Claudiano Avelino dos Santos

Coordenação de desenvolvimento digital

Erivaldo Dantas

Tradução

Célia Mariana Franchi Fernandes da Silva

Introdução e notas explicativas

Roque Frangiotti

Revisão

H. Dalbosco

Capa

Visa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ambrósio, Santo, Bispo de Milão

Ambrósio de Milão / [introdução e notas explicativas Roque Frangiotti ; tradução Célia Mariana Franchi Fernandes da Silva]. — São Paulo : Paulus, 1996. — (Patrística)

Bibliografia.

eISBN 9788534938792

1. Ambrósio, Santo, Bispo de Milão 2. Teologia — Igreja primitiva I. Frangiotti, Roque. II. Título. III. Série.
93-3180 CDD-281.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Padres da Igreja : Literatura cristã primitiva 281.1
2. Patrística 281.1

© PAULUS – 2014

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 São Paulo (Brasil)

Fax (11) 5579-3627 • Tel. (11) 5084-3066

www.paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

eISBN 9788534938792

Hildegarda de Bingen

Scivias

(Scito Vias Domini)

Conhece os caminhos do Senhor



Scivias

de Bingen, Hildegarda

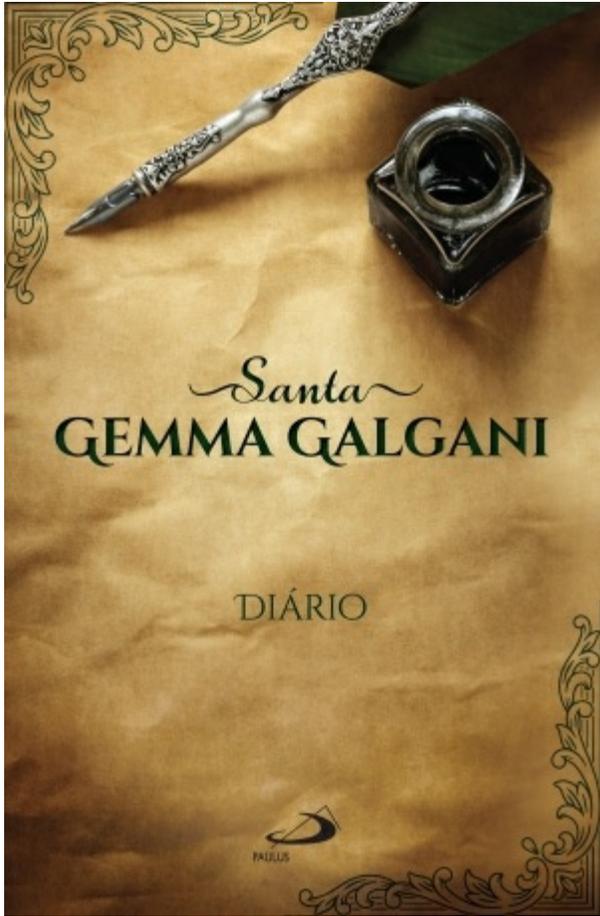
9788534946025

776 páginas

[Compre agora e leia](#)

Scivias, a obra religiosa mais importante da santa e doutora da Igreja Hildegarda de Bingen, compõe-se de vinte e seis visões, que são primeiramente escritas de maneira literal, tal como ela as teve, sendo, a seguir, explicadas exegeticamente. Alguns dos tópicos presentes nas visões são a caridade de Cristo, a natureza do universo, o reino de Deus, a queda do ser humano, a santificação e o fim do mundo. Ênfase especial é dada aos sacramentos do matrimônio e da eucaristia, em resposta à heresia cátara. Como grupo, as visões formam uma summa teológica da doutrina cristã. No final de Scivias, encontram-se hinos de louvor e uma peça curta, provavelmente um rascunho primitivo de Ordo virtutum, a primeira obra de moral conhecida. Hildegarda é notável por ser capaz de unir "visão com doutrina, religião com ciência, júbilo carismático com indignação profética, e anseio por ordem social com a busca por justiça social". Este livro é especialmente significativo para historiadores e teólogas feministas. Elucida a vida das mulheres medievais, e é um exemplo impressionante de certa forma especial de espiritualidade cristã.

[Compre agora e leia](#)



Santa Gemma Galgani - Diário

Galgani, Gemma

9788534945714

248 páginas

[Compre agora e leia](#)

Primeiro, ao vê-la, causou-me um pouco de medo; fiz de tudo para me assegurar de que era verdadeiramente a Mãe de Jesus: deu-me sinal para me orientar. Depois de um momento, fiquei toda contente; mas foi tamanha a comoção que me senti muito pequena diante dela, e tamanho o contentamento que não pude pronunciar palavra, senão dizer, repetidamente, o nome de 'Mãe'. [...] Enquanto juntas conversávamos, e me tinha sempre pela mão, deixou-me; eu não queria que fosse, estava quase chorando, e então me disse: 'Minha filha, agora basta; Jesus pede-lhe este sacrifício, por ora convém que a deixe'. A sua palavra deixou-me em paz; repousei tranquilamente: 'Pois bem, o sacrifício foi feito'. Deixou-me. Quem poderia descrever em detalhes quão bela, quão querida é a Mãe celeste? Não, certamente não existe comparação. Quando terei a felicidade de vê-la novamente?

[Compre agora e leia](#)



DOCAT

Vv.Aa.

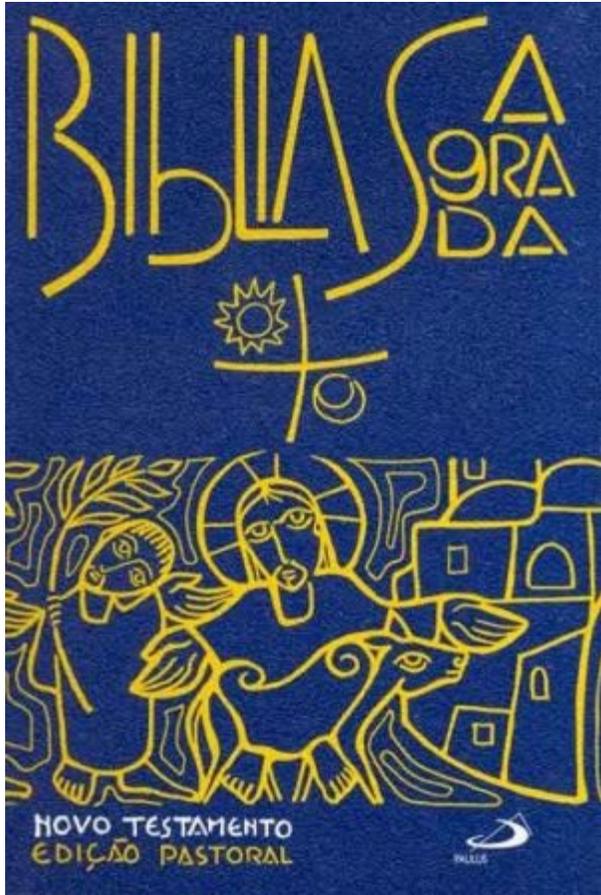
9788534945059

320 páginas

[Compre agora e leia](#)

Dando continuidade ao projeto do YOUCAT, o presente livro apresenta a Doutrina Social da Igreja numa linguagem jovem. Esta obra conta ainda com prefácio do Papa Francisco, que manifesta o sonho de ter um milhão de jovens leitores da Doutrina Social da Igreja, convidando-os a ser Doutrina Social em movimento.

[Compre agora e leia](#)



Bíblia Sagrada: Novo Testamento - Edição Pastoral

Vv.Aa.

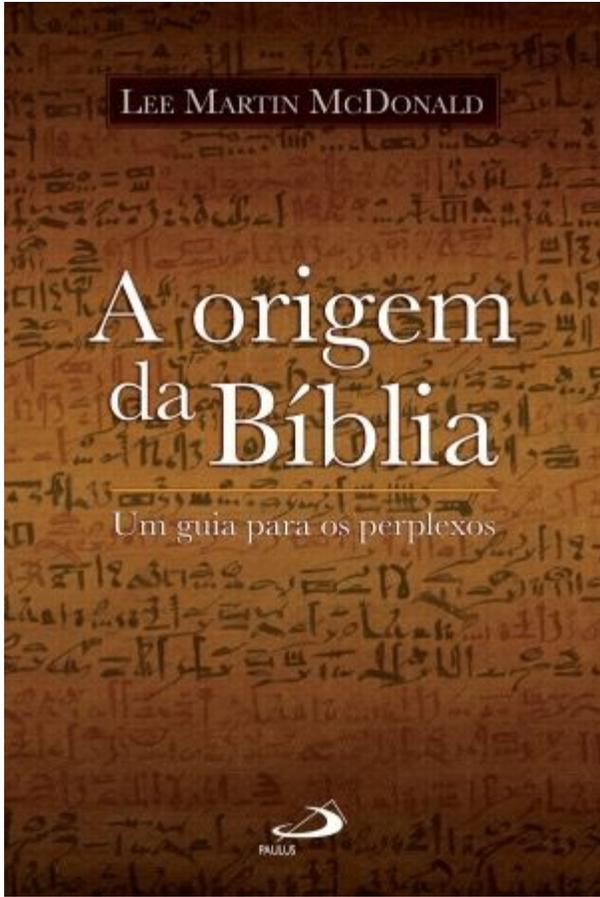
9788534945226

576 páginas

[Compre agora e leia](#)

A Bíblia Sagrada: Novo Testamento - Edição Pastoral oferece um texto acessível, principalmente às comunidades de base, círculos bíblicos, catequese e celebrações. Com introdução para cada livro e notas explicativas, a proposta desta edição é renovar a vida cristã à luz da Palavra de Deus.

[Compre agora e leia](#)



A origem da Bíblia

McDonald, Lee Martin

9788534936583

264 páginas

[Compre agora e leia](#)

Este é um grandioso trabalho que oferece respostas e explica os caminhos percorridos pela Bíblia até os dias atuais. Em estilo acessível, o autor descreve como a Bíblia cristã teve seu início, desenvolveu-se e por fim, se fixou. Lee Martin McDonald analisa textos desde a Bíblia hebraica até a literatura patrística.

[Compre agora e leia](#)

Índice

APRESENTAÇÃO	5
INTRODUÇÃO	8
1. O homem	8
2. O episcopado	8
3. Escritos	10
a) Obras exegéticas	10
b) Obras morais	10
c) Canto litúrgico	10
d) Obras dogmáticas	11
4. A morte de Ambrósio	12
BIBLIOGRAFIA	14
EXPLICAÇÃO DO SÍMBOLO	16
SOBRE OS SACRAMENTOS	20
I LIVRO	20
II LIVRO	24
III LIVRO	29
IV LIVRO	33
V LIVRO	38
VI LIVRO	43
SOBRE OS MISTÉRIOS	48
SOBRE A PENITÊNCIA	59
I LIVRO	59
II LIVRO	80